

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
MESTRADO EM MEMÓRIA SOCIAL E PATRIMÔNIO CULTURAL

**A CHÁCARA DA BARONESA E O IMAGINÁRIO SOCIAL
PELOTENSE**

Jezuina Kohls Schwanz

Orientadora: Maria Letícia Mazzucchi Ferreira

Pelotas, Março de 2011.

Catalogação na Publicação:
Maria Fernanda Monte Borges
CRB-10/1011

S398c Schwanz, Jezuina Kolhs.

A Chácara da Baronesa e o imaginário social pelotense /
Jenuina Kohls Schwanz ; orientador : Maria Letícia Mazzucchi
Ferreira. – Pelotas, 2011.

201 f.

Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio
Cultural) – Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de
Pelotas.

1. Memória. 2. Representações. 3. Imaginário social. 4. Família
Antunes Maciel. 5. Pelotas, RS I. Ferreira, Maria Letícia Mazzucchi,
orient. II. Título.

CDD 344.094

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas, sob a orientação da Profª. Drª. Maria Letícia Mazzucchi Ferreira

Banca examinadora:

Professora Doutora Giana Lang do Amaral
Professor Doutor Fábio Vergara Cerqueira

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho as “Meninas Macieis”, por terem me proporcionado o prazer de durante os dois anos de pesquisa, fazer parte de suas vidas.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer aos meus pais, Alexandre e Cecília pela força e carinho ao longo de toda minha trajetória.

A minha irmã Andréa que apesar da distância fez-se presente dando apoio e amor.

A minha irmã Angélica, parceira no amor pela história, pela ajuda, mesmo a distância, na correção do trabalho.

Um agradecimento especial para a minha *filhota* Julia pela paciência em aturar o mau-humor da mamãe, e pelo amor incondicional.

As crianças da minha vida, Julia, Pedro e Helena, que me mostram todos os dias a importância de alimentarmos nossa história.

Ao amigo Paulo pelo apoio nos momentos difíceis.

A equipe do Museu Municipal Parque da Baronesa, da qual fiz parte e que sempre me apoiou na realização desse trabalho, em especial a diretora e amiga Annelise Montone, companheira também na jornada do mestrado.

Aos professores e amigos do curso de Gestão de Pólos, por me incentivarem nessa jornada na busca do conhecimento.

A todos os professores do Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural, em especial ao professor Paulo Pezat, que me auxiliou na elaboração do projeto e na construção da dissertação, sempre com carinho e disponibilidade.

Aos colegas de mestrado por dividirem suas dúvidas e seus anseios comigo e também pela parceria.

Aos professores Fabio Vergara Cerqueira e Giana Lang do Amaral, pela disponibilidade de fazerem parte dessa banca e também pela amizade.

A minha orientadora professora doutora Letícia Mazzucchi Ferreira, por fazer parte da minha trajetória acadêmica a tanto tempo, me inspirando e instigando. Obrigada!

Eu falo, falo (...), mas quem me ouve retém somente as palavras que deseja. Uma é a descrição do mundo à qual você empresta a sua bondosa atenção, outra é a que correrá os campanários de descarregadores e gondoleiros às margens do canal diante da minha casa no dia do meu retorno, outra ainda a que poderia ditar em idade avançada se fosse aprisionado por piratas genoveses e colocado aos ferros na mesma cela de um escriba de romances de aventuras. Quem comanda a narração não é a voz: é o ouvido.

(As cidades invisíveis- Ítalo Calvino, 1990 p.123)

SCHWANZ, Jezuina Kohls Schwanz. A Chácara da Baronesa e o imaginário social pelotense. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas.

RESUMO: Esta dissertação versa sobre uma família da Pelotas oitocentista, os Antunes Maciel, família que teve no Barão e na Baronesa dos Três Serros seus mais destacados membros. Trata ainda das representações criadas na comunidade em torno da chácara onde moraram os barões e seus descendentes e que hoje abriga o Museu Municipal Parque da Baronesa, em Pelotas, RS. O trabalho foi construído através de pesquisa em documentos privados, tais como cartas, diários e fotografias, e também em documentos públicos, como jornais e revistas da época. Tais fontes foram escolhidas por permitem analisar as peculiaridades de uma família que viveu seu período áureo no Brasil Império. Como fio condutor, são utilizadas entrevistas e cartas trocadas entre os membros da família que trazem aspectos de seu cotidiano e de sua intimidade.

PALAVRAS-CHAVE: Memória, Representações, Imaginário Social, Família Antunes Maciel, Pelotas.

The Baroness Farmstead and the pelotense social imaginary

ABSTRACT: This dissertation is about a Pelotas family from the eighteenth century, The Antunes Maciel, a family that had in the Baron and Baroness of the Three Serros it's most prominent members. It is also about the representation created around the community where the baron and his descendants had lived and where today is the Municipal Museum of the Baroness Park in Pelotas, RS. The work was made through research in private documents such as letters, journals and diaries and photographies and also through public documents such as newspapers and magazines of that time. Such sources were chosen because they allowed the analysis of the peculiarities of a family that lived it's prime in the Imperial Brazil. As a conductor line ,interviews and exchanged letters between the family members that show aspects of their everyday lives and intimacy are used.

KEY WORDS: Memory, Representations, Social Imaginary, Antunes Maciel Family, Pelotas.

SIGLAS

AMBAR - Associação dos Amigos do Museu Municipal Parque da Baronesa

COMPHIC - Conselho Municipal do Patrimônio Histórico e Cultural

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

MMPB - Museu Municipal Parque da Baronesa

SECULT/ PELOTAS - Secretaria de Cultura da cidade de Pelotas

SPHAN – Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Praça Coronel Pedro Osório, início do Século XX. Fonte: Material de apoio MMPB.

Figura 2- Estância de produção de charque e couros, registrada por Jean-Baptiste Debret em 1824 (DEBRET, 1978). Fonte: TORRES, 2010:37.

Figura 3: Planta da Cidade de Pelotas em 1835. Fonte: GUTIERREZ, 1993:170.

Figura 4. Museu Municipal Parque da Baronesa, década de 1970. Acervo MMPB.

Figura 5. Vista do Casarão em ruínas - final da década de 1970. Fonte: Material de apoio MMPB.

Figura 6. Chácara da Baronesa. Fonte: Acervo digital da autora, 2009.

Figura 7: Mapa de Pelotas - Localização da Chácara da Baronesa e seus arredores. Fonte: GUTIERREZ, 1993:144.

Figura 8: Casa de banhos. Localizada aos fundos do Parque. Fonte: Acervo digital da autora, 2010.

Figura 9- Planta baixa com a disposição atual do Museu Municipal Parque da Baronesa. Fonte: Material de apoio MMPB.

Figura 10 - Antigo quarto da Baronesa Amélia, atual Sala do Sarau. Fonte: Acervo digital da autora, 2010.

Figura 11- Móvel do século XIX citado por Zilda A. Maciel, chamado de conversadeira. Fonte: Banco de dados MMPB.

Figura 12- Vista externa da camarinha e do algibe. Fonte: Acervo digital da autora, 2010.

Figura 13- Pintor e escritor Manuel Soares Magalhães ao lado de uma de suas telas na qual reproduz o MMPB em meio a imagens de santos, crianças e negros. Fonte: Acervo particular do autor.

Figura 14- Teatralização da memória. Personagens da Baronesa Amélia e do escravo Conrado. Fonte: Material de apoio MMPB.

Figura 15. Janela do antigo quarto de Amélia. Fonte: Acervo digital da autora, dezembro de 2008.

Figura16- Fotografia da família Antunes Maciel. Na imagem aparecem “Dona Sinhá”, seu marido Lourival Antunes Maciel e os filhos, Mozart, Deomar, Lourival, Rubens, Zilda e Déa. Fonte: Acervo MMPB.

Figura 17- Barão dos Três Serros, Annibal Antunes Maciel. Fonte: Acervo MMPB.

Figura 18. Brasão do Barão dos Três Serros – Fonte: Material de apoio MMPB.

Figura 19- Déa Antunes Maciel, Carnaval de 1929. Fonte: Acervo MMPB.

Figura 20. Baronesa Amélia Hartley de Brito Antunes Maciel. Fotografia tirada pelo estúdio Tavares Sobrinho no Rio de Janeiro. Fonte: Acervo MMPB.

Figura 21. Foto da Baronesa Amélia Antunes Maciel, em uma das inúmeras viagens de navio Rio Grande/ Rio de Janeiro. Fonte: Acervo MMPB.

Figura 22. Foto de Amélia Antunes Maciel, Dona Sinhá, aos 18 anos de idade. Fotografia tirado por Carneiro e Tavares, no Rio de Janeiro. Fonte: Acervo MMPB.

Figura 23. Retrato de integrantes da Cruz Vermelha. Arquivo de Dona Sinhá. Fonte: Acervo MMPB.

Figura 24. Zilda Antunes Maciel. Carnaval de 1917. Fonte: Acervo MMPB.

Figura 25. Zilda, junho de 1918. A primeira mulher a voar no Rio Grande do Sul. Fonte: Acervo MMPB.

Figura 26- Revista “Illustração Pelotense” de 1919. Ano I, nº 1 que traz Zilda Maciel na capa. Acervo MMPB.

Figuras 27 e 28 – Zilda nos jornais “A Opinião Pública” e “Diário Popular”. Fonte: Acervo MMPB.

Figura 29- Casamento de Zilda Antunes Maciel e Carlos Florêncio de Abreu e Silva. Fonte: Acervo MMPB.

Figura 30- Déa em pousando para o carnaval do Clube Diamantinos de 1928. Fonte: Acervo MMPB.

Figura 31. Déa no colo de sua Avó Amélia, uma das raras imagens que temos da Baronesa com seus netos. Fonte: Acervo MMPB.

Figuras 32 e 33- Respectivamente, Déa Antunes Maciel com sua roupa de Rainha do Clube Diamantinos e Jornal O Libertador de 17 de Fevereiro de 1928, apresentando a corte do Carnaval do Clube Diamantinos, ao centro Déa Antunes Maciel como Rainha. Fonte: Acervo MMPB.

Figura 34- Revista do Globo, ano 1 nº 7 e 8. Déa Antunes Maciel (a primeira à direita) figura entre as “Senhorinhas mais belas do Estado”. Fonte: Acervo MMPB.

Figura 35- Déa Antunes Maciel, em companhia de Getulio Vargas. Fonte: Acervo MMPB.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....13

CAPÍTULO 1 – A *Princesa do Sul* 31

- | | |
|--|----|
| 1.1 – PELOTAS: SOCIEDADE, POLÍTICA E CULTURA | 32 |
| 1.2- UM MUSEU ARISTOCRÁTICO..... | 46 |

CAPÍTULO 2 - A Chácara da Baronesa 55

- | | |
|---|----|
| 2.1. A CHÁCARA DA BARONESA: REPRESENTAÇÕES..... | 56 |
| 2.2 - UMA FAMÍLIA OITOCENTISTA..... | 76 |
| 2.3- O BARÃO DOS TRÊS CERROS..... | 81 |

CAPÍTULO 3 - Guardiãs de Memórias: *As meninas Macieis* 91

- | | |
|---|-----|
| 3.1. A BARONESA AMÉLIA | 95 |
| 3.2. UMA SINHAZINHA EM PELOTAS..... | 109 |
| 3.3. A RAINHA CENTENÁRIA: RELATOS DE VIDA DE ZILDA MACIEL | 114 |
| 3.4. A ÚLTIMA MORADORA DO SOLAR: DÉA ANTUNES MACIEL | 125 |

CONSIDERAÇÕES FINAIS 132

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E FONTES 138

ANEXOS 149

INTRODUÇÃO:

O presente trabalho de pesquisa originou-se de minhas inquietações a respeito da família Antunes Maciel e da casa que lhe serviu de residência, em Pelotas, entre o final do Segundo Império e o início do período republicano, e que hoje abriga o Museu Municipal Parque da Baronesa (MMPB). Após dois anos de trabalho como educadora deste museu, onde atuei em visitas monitoradas, pesquisa, montagem, organização de exposições de curta duração e também na produção de materiais didático-pedagógicos¹, pude perceber que muitos fatos e as trajetórias dos moradores da casa não tinham explicações satisfatórias.

Levando em conta que o patrimônio não nos pertence, mas nos é confiado para valorizá-lo e torná-lo um fator de desenvolvimento e de produção de conhecimento, a proposta da atual administração do Museu visa garantir a perenidade dos bens patrimoniais a ele confiados, ou pelo menos a sua manutenção. Tendo em vista a produção e a disseminação de conhecimentos necessários em um espaço museal e, após dois anos de pesquisas realizadas no

¹ Durante o trabalho no museu, como educadora e pesquisadora, desenvolvi, em conjunto com a equipe do mesmo, um caderno pedagógico sobre a história da cidade de Pelotas intitulado *Pelotas: conhecer para preservar* (2008). Em 2009 foi concluído o livro infantil *Amelinha: uma viagem aos tempos da Baronesa*, obra que relata a trajetória da família Antunes Maciel em Pelotas e a transformação do Solar em Museu. Este trabalho foi feito com o objetivo de transmitir às crianças e adolescentes a história dessa família e de Pelotas, além de ensinar o cuidado e o respeito com o patrimônio, e tudo isso de uma forma lúdica e prazerosa.

Museu da Baronesa, acredito que é necessário aprofundar as questões relativas à história da família Antunes Maciel em Pelotas.

Apesar do grande número de trabalhos acadêmicos sobre o Museu, desenvolvidos pela historiografia local, compartilho do pensamento de Milton Santos no sentido de que “os mesmos objetos podem dialogar com as mais diversas disciplinas [...]. A questão que se coloca é, pois, sobretudo, uma questão de método, isto é, da construção de um sistema intelectual que permita, analiticamente, abordar uma realidade a partir de um ponto de vista”. (SANTOS, 1999, p. 62).

Dentre os trabalhos acadêmicos voltados ao Museu da Baronesa destaco a dissertação de Nóriss Leal (2007), que tem como título *Museu da Baronesa: acordos e conflitos na construção da narrativa de um museu municipal*. O recorte dado por este trabalho vai de 1982, época de inauguração do Museu, até 2004, ano de transição política no qual ocorreu uma mudança na sua administração.

A dissertação *Da mãe e amiga Amélia: cartas de uma Baronesa para sua filha* (Rio de Janeiro - Pelotas, na virada do século XX), de autoria de Débora Clasen de Paula (2008), traz um novo olhar, não mais para o aspecto museal, mas para a figura da Baronesa Amélia e suas relações familiares através de um importante acervo de cartas disponível no MMPB. Esta pesquisa abriu uma nova perspectiva às investigações feitas sobre o museu, abordando de uma forma quase biográfica a vida de Amélia Hartley de Brito Antunes Maciel.

Recentemente, mais duas dissertações foram escritas tendo como objeto o MMPB e seu acervo. A pesquisa de Denise Ondina Marroni dos Santos (2009) faz um estudo sobre a sociedade pelotense a partir da análise do acervo têxtil do Museu. De outra parte, a pesquisa de Olga Maria Almeida da Silva (2009) intitulada *Proposta de Ampliação da Informação em Acervos Mobiliários de Museus Aplicada no Museu Municipal Parque da Baronesa, Pelotas, RS*, concentra-se apenas no acervo mobiliário.

Sobre as escritas epistolares cito a tese de doutorado de Carla Rodrigues Gastaud (2009), *De correspondências e correspondentes: cultura escrita e práticas epistolares no Brasil entre 1880 e 1950*, que traz uma análise sobre três conjuntos de correspondências, entre eles as Cartas da Baronesa Amélia a sua filha Sinhá. Em seu trabalho, Carla busca trazer à tona aspectos peculiares à escrita de cartas no período em destaque, como as habilidades gráficas e sociais dos correspondentes.

No ano de 2010 formou-se a primeira turma do curso de bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Pelotas, o que resultou em seis trabalhos de conclusão tendo como objeto o Museu Municipal Parque da Baronesa, com diferentes enfoques.

O Trabalho de conclusão de Andréia da Fonseca Rodriguez é denominado *Gênero no espaço do Museu: uma leitura social da exposição “Entre rendas, chapéus e boas maneiras”, Museu Municipal Parque da Baronesa, Pelotas/RS, 2009*. E apresenta a perspectiva do gênero na exposição citada e suas relações com o público e com a mídia.

Giovana Garcia Marcon, ex-estagiária do MMPB, apresenta em seu TCC o percurso da documentação museológica do mesmo, dando ênfase ao período em que atuou diretamente com essa documentação. Seu trabalho intitulado *Entre fichas, livros e registros: os caminhos percorridos pela Documentação Museológica no Museu Municipal Parque da Baronesa (1982 a 2010)*, traz importantes referências sobre a preocupação do museu com o registro do seu acervo. .

O trabalho de Luciana Silveira Cardoso, O “Consevar de Uma Significação” *Investigando e Diagnosticando os Parâmetros Ambientais da Reserva Técnica do Museu Municipal Parque da Baronesa, Pelotas/RS*, é um estudo de caso que analisa as condições de armazenamento da reserva técnica do MMPB. Nesse estudo percebe-se o quanto o museu evoluiu nos últimos anos, com a aquisição de materiais próprios para a reserva e com a introdução da ajuda de estagiários do curso de Museologia.

Nathalia Santos da Costa traz um estudo sobre as ações educativas realizadas no MMPB em um período que compreende os anos de 2005 a 2009, problematizando aspectos referentes ao registro das atividades e a finalidade das mesmas, com o título “*Entendendo, Aplicando e Conhecendo: A educação no Museu Municipal Parque da Baronesa, Pelotas/RS, 2005-2009*”. Taciana Casanova faz uma análise entre as coleções de dois museus de Pelotas, entre eles o MMPB. O trabalho *Coleções, Memória e Poder: análise de dois museus pelotenses (Museu Municipal Parque da Baronesa e Museu Farmacêutico Moura)*, procurando discutir as relações de poder presentes em ambos os museus.

Rafael Macedo Zitzke, também ex-estagiário do MMPB desenvolveu seu trabalho de conclusão de curso versando sobre as práticas de conservação e

salvaguarda do acervo. Em uma análise sobre as *Três Décadas de História: as mudanças nas práticas de conservação preventiva no Museu Municipal Parque da Baronesa, Pelotas-RS (1982-2010)*.

A Chácara da Baronesa, como é conhecida desde o final do século XIX, e as representações criadas em torno desse espaço “de memória”, onde viveram três gerações da família Antunes Maciel, perpassou diferentes contextos históricos, que contribuíram para a construção da memória coletiva da cidade de Pelotas, em torno dessa aristocrática família.

A seleção ao redor da memória social acontece quando alguns elementos passam a ter um significado diferenciado em relação a outros, e a isso Roger Chartier chama de representação, “que seria o processo de produção de sentidos efetivado a partir do conhecimento, da visão de mundo que o sujeito adquiriu em sua vivência” (CHARTIER, 1991, p.27).

Desta maneira, a representação produz sentidos, tal como no caso dos discursos. Por sua vez, os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar (WOODWARD, 2000, p. 17).

Para trabalhar com tais representações, vários foram os suportes de memória utilizados como fonte de pesquisa: fotografias, cartas, entrevistas com familiares e cartões postais, que fazem parte do acervo MMPB; revistas e jornais editados entre o final do século XIX e o inicio do século XX, como o *Diário de Pelotas*, o *Diário Popular*, *A Opinião Pública* e o *Correio Mercantil*, pertencentes ao

acervo da Biblioteca Pública Pelotense; e Registros de Batismos e Casamentos, disponíveis na Mitra Diocesana de Pelotas, entre outros.

Quanto aos referenciais teóricos, alguns conceitos são fundamentais para essa pesquisa, quais sejam: memória, identidade e representações.

No campo das Ciências Sociais, múltiplas são as interpretações que estudiosos das mais diversas áreas fizeram a respeito da memória. Em primeiro lugar, considero algumas questões que envolvem a memória social e coletiva, bem como suas implicações na formação de identidades culturais. Para elucidar o presente objeto de estudo, essas e outras questões são fundamentais para o trato das representações.

Ao considerar a memória como um fato social, Halbwachs (1990) aborda a memória coletiva, ou seja, a memória de um grupo que lembra, não um indivíduo isolado. Mesmo que estejamos sós, a memória individual continua sendo um ponto de vista da memória coletiva e é moldada pelos quadros sociais da memória: a família, a religião, a escola e a comunidade da qual fazemos parte. As formas de representação que temos do passado são resultado de incorporações de memórias que se fizeram compartilhadas.

Assim, “a lembrança é, em larga medida, uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora se manifestou já bem alterada” (HALBWACHS, 1990, p.71). Nas lembranças comuns, como as de família, muitas vezes incorporamos algo que faz parte das lembranças de outros.

Ainda nessa perspectiva, o que a memória realiza é a reinvenção de um passado em comum, o qual possibilita novos olhares, para que se entenda melhor o presente. Essa reconstrução do passado abre novas possibilidades não apenas para o presente, mas também para o futuro. A reconstituição da memória coletiva é, segundo Halbwachs (1990), fundamental para a manutenção da vida social, tanto no sentido da sua continuidade como nas suas transformações.

A partir dos estudos de Henri Bergson, sobre memória individual, e de Halbwachs, sobre memória coletiva, Joel Candau desenvolve uma problematização entre essas duas, afirmando que a memória não se dá só no nível individual e nem somente no coletivo. Para ele, a memória se produz entre o indivíduo e o coletivo, através do conceito de metamemória (2001), que seria uma forma de representação de uma memória coletiva, o que nos permite abordar a reconstrução de valores ou de memórias comuns e não coletivas.

Esse conceito de metamemória de Candau vem complementar aquilo que seria memória coletiva para Halbwachs, pois este nos deixa uma lacuna entre a memória coletiva e a memória individual tratada por Bergson. Para Candau, a memória se produz entre o indivíduo e o coletivo. A metamemória é uma forma de representação do que seria uma memória coletiva, pois nos permite abordar a recorrência de memórias ou valores comuns a determinados grupos.

Para esse autor, os sujeitos não teriam uma memória coletiva, pois, de acordo com suas vivências, seria impossível que todos lembressem, da mesma forma, de um determinado fato social. Mas esses mesmos sujeitos podem ter a mesma representação do fato, como uma forma de reivindicação de uma memória única. Candau considera que as *retóricas holistas* tendem a construir conjuntos

duráveis e homogêneos para unificar determinados grupos. Assim, podemos afirmar que os indivíduos compartilham, principalmente, o que esqueceram sobre seu passado, pois, nesses grupos, lembrariam diferentemente de determinados fatos, de acordo com suas vivências.

Como exemplo de *retóricas holistas*, Candau cita as mulheres de Minot e as histórias contadas por elas para suas famílias, produzindo e alimentando assim a memória dessa comunidade. Os relatos funcionam como sociotransmissores dessas memórias. Mas essas recordações relatadas pelas mulheres de Minot não correspondem fielmente ao acontecido, são apenas uma parte dessa memória. Por isso, falarmos em memória coletiva seria incompleto, pois cada membro do grupo lembrará a partir de sua própria visão do mesmo acontecimento (CANDAU, 2002, s/p.).

Os sociotransmissores, como monumentos e obras de arte, dentre outros, ajudam as sociedades a lembrarem de determinados acontecimentos históricos. Portanto, a escolha, ou não, de um bem como sociotransmissor pode influenciar no que lembramos e, também, no que esquecemos.

De acordo com esse pensamento, o Museu Municipal Parque da Baronesa funciona como um sociotransmissor de memórias. Memórias de um lugar, de acontecimentos ou de fatos históricos. E, aqui, interessa discutir como se deu a formação da memória social deste lugar.

Conforme a definição de Pierre Nora (1993) pode-se pensar o museu como um “lugar de memória”, de comemoração e celebração, onde diferentes gerações sintam-se contempladas. Esse conceito de *Lugares de Memória* tem respondido a

algumas questões e levantado outras tantas a respeito da questão museal. Essa categoria surge com a necessidade do indivíduo ter, na cidade, lugares de ancoragem para suas lembranças, onde é construída a memória coletiva.

A sociedade faz uso desses lugares em um contexto em que o passado é sempre evocado. Não tal como foi, mas uma reconstrução desse passado que dê o sentido de pertencimento e, consequentemente, de identidade. Para Nora, "os lugares de memória nascem e vivem do sentimento de que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, organizar celebrações, manter aniversários, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque estas operações não são naturais" (NORA, 1993, p.45).

Podemos considerar os "lugares de memória" como um misto de história e memória; monumentos híbridos, em que não há mais como se ter somente memória. Há a necessidade de identificar uma origem, um nascimento, algo que relegate a memória ao passado, fossilizando-a de novo: "O passado nos é dado como radicalmente outro, ele é esse mundo do qual estamos desligados para sempre". Assim, "a memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga a continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas. A memória é o absoluto e a história, o relativo" (NORA, 1993 p.8).

Seguindo essa linha, Bosi afirma que "cada geração tem sua cidade, a memória de acontecimentos que são pontos de amarração de sua história. O caudal de lembranças, correndo sobre o mesmo leito, guarda episódios notáveis que já ouvimos tantas vezes de nossos avós"(BOSI, 2003, p.70).

Para o trato das memórias de família, suas representações e as interações entre o que aconteceu e o que realmente ficou como memória, utilizei os referenciais da área de história oral. Assim, de acordo com Paul Thompson, “a história oral é uma história construída em torno das pessoas. Ela lança vida dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo...” (THOMPSON, 1992, p.44). Portanto, a coleta de dados orais é fundamental para o estudo de memória e das representações que se tem do passado.

É importante salientar que a fonte oral, seja um pequeno depoimento, seja um registro de história de vida, é um importante mecanismo de escuta e que, cada vez mais, vem ganhando espaço entre antropólogos, historiadores e profissionais de áreas afins. Para os fins desta pesquisa, alguns depoimentos orais foram colhidos entre os anos de 2000 e 2002 pela equipe do MMPB e engavetadas. Uma delas, particularmente, acredito ser importantíssima para elucidar as questões referentes ao modo de vida da família Antunes Maciel: a entrevista realizada pelo Prof. Dr. Fabio Vergara Cerqueira, no ano de 2002, com a neta da Baronesa dos Três Cerros, Zilda Maciel de Abreu Vicente, aos 102 anos de idade, alguns meses antes de sua morte.

Para qualquer pesquisador, encontrar duas fitas cassetes com um material inédito é bastante motivador. De acordo com José Carlos Sebe Meihy, a história oral é um processo de aquisição de entrevistas inscritas no “tempo presente”, respondendo a uma utilidade prática social. Mas ela não se esgota em si mesma. Se bem coletada, armazenada e etiquetada, pode servir de consulta a um grande número de pesquisadores, que farão uso desse documento histórico de acordo

com seu objeto de pesquisa. Para isso é importante que se pense no destino das gravações, que devem ser mantidas e disponibilizadas ao consumo social (MEIHY, 2007, p.19).

Ainda seguindo essa linha, Bosi salienta que “se alguém colhe um grande ramalhete de narrativas orais, tem pouca coisa nas mãos. Uma história de vida não é feita para ser arquivada ou guardada numa gaveta, como coisa, mas existe onde ela floresceu” (BOSI, 1994, p.103).

Para entender melhor o objeto de estudo e suas representações, faz-se necessário conceituar identidade. No campo das ciências sociais, muitos autores têm se dedicado a esse tema. A identidade está intimamente ligada aos processos de representação de cada grupo ou sociedade, assim, “uma representação social ou um símbolo tem papel fundamental de legitimação à medida em que passa a ser conhecida e reconhecida como verdadeira por aqueles que lhe estão sujeitos ou que a constroem” (HAESBAERT, 2001, p. 4).

Para Haesbaert, as identidades são construídas historicamente pelos sujeitos e sua relação com a alteridade e a construção dessas identidades, sejam elas sociais, étnicas ou culturais, “é um processo indissociavelmente ligado a contextos marcados por relações de poder simbólico” (HAESBAERT, 2001, p. 3).

Ainda nessa perspectiva, segundo Katherine Woodward, diferentes significados são produzidos por diferentes sistemas simbólicos, mas esses significados são contestados e variáveis de acordo com o tempo. A escolha entre um sistema e outro se dá através das relações de poder. Neste sentido, de acordo com a autora, "todas as práticas de significação que produzem significados

envolvem relações de poder, incluindo o poder para definir quem é incluído e quem é excluído" (WOODWARD, 2000, p.18).

Para Paul Claval, a identidade aparece como uma construção cultural a partir da seleção de certo número de elementos que caracterizam, ao mesmo tempo, o indivíduo e o grupo: artefatos, costumes, gêneros de vida, meio, mas também sistemas de relações institucionalizadas, concepções da natureza, do indivíduo e do grupo (CLAVAL, 2001, p. 15).

Ao lembrar que as identidades são produzidas a partir da diferença, Woodward destaca que a "marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de exclusão social". A identidade não é o oposto da diferença, e sim ela depende da diferença (WOODWARD, 2000, p.39-40).

Para Hall, as identidades são determinadas posições que o sujeito assume, embora saiba que são representações e que "a representação é sempre construída ao longo de uma *falta*, ao longo de uma divisão, a partir do lugar do outro, assim elas não podem, nunca, ser ajustadas - idênticas - aos processos de sujeito que são nelas investidos" (HALL, 1997, p. 112).

Chartier nos coloca a importância da história cultural para identificar como, em diferentes lugares e momentos, uma realidade social é construída, pensada. Voltando-se para a vida social, pode-se tomar essas representações e pensá-las em formas de análise. Portanto, a História Cultural deve ser entendida como o estudo dos processos com os quais se constrói um sentido, uma vez que as representações podem ser pensadas como "(...) esquemas intelectuais, que criam

as figuras, graças às quais, o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado" (CHARTIER, 1991, p.17). Partindo dessa análise desses conceitos, percebe-se que ele se preocupa com a forma através da qual os indivíduos se apropriam de alguns conceitos, valorizando assim as mentalidades coletivas.

Ainda de acordo com o autor, as práticas são produzidas pelas representações em que determinados indivíduos vão dando sentido ao mundo deles, através de sua leitura de mundo e o modo como operam os processos de representação de sentidos. Para ele, as representações são a *trama da vida social*, constituindo fenômenos reais com propriedades distintas (CHARTIER, 1991, p.27)

Tomando agora o conceito de imaginário social de Baczko, o qual afirma que o imaginário transita através dos sistemas simbólicos, constituídos a partir da experiência dos agentes sociais, seus desejos e suas motivações Esse conceito é elaborado a partir da coletividade, sendo uma força reguladora da vida coletiva, fortalecendo identidades, elaborando representações e estabelecendo papéis sociais. O imaginário social impõe crenças e constrói modelos de comportamento, interpretando a realidade. É através dos seus imaginários que uma sociedade estabelece sua identidade, designadamente através de modelos formadores da personalidade como os de "bom homem", "boa mãe", entre outros (BACZKO, 1985, p.311).

Para o entendimento das fontes analisadas neste trabalho, como a fonte literária e jornalística, utilizei o trabalho de Pierre Brunel² sobre mitos literários. Para ele o mito possui três funções básicas, pois “conta, explica e revela”, através de suas narrativas. Através da literatura o mito nos chega, enfatizando a ideia de uma tradição que se alimenta da literatura (BRUNEL, 1997, p. 16).

Segundo Mircea Eliade “o mito conta uma história sagrada, narra um fato importante ocorrido no tempo primordial, no tempo fabuloso dos começos”, para o autor o mito passou por diferentes conceituações ao longo dos anos, primeiro visto como “fábula” ou “ficção”, até ser considerado como “uma história verdadeira” (ELIADE, 2002, p. 7).

Para tratar da autoria do mito destaco a ideia de Claude Lévi- Strauss:

Os mitos não têm autor: do momento em que são apreendidos como mitos e independentemente de sua origem real, eles só existem encarnados em uma tradição. Quando um mito é narrado, os ouvintes individuais recebem uma mensagem que não vem de parte alguma; por essa razão lhe é atribuída uma origem sobrenatural (LÉVI-STRAUSS, 2007, p. 43).

Em primeiro lugar, o mito se alimenta da oralidade, passando a ganhar espaço nos textos literários. O importante é que ele se significa e ressignifica constantemente, de acordo com a intencionalidade do narrador e com as vivências do leitor/ouvinte. Para Brunel “a literatura é o verdadeiro conservatório dos mitos” (BRUNEL, 1997 apud SILVEIRA, 2004).

No caso dos textos de Zênia de León³, utilizados como fonte no trabalho, personagens da Pelotas oitocentista são elevados a categoria de mito e, através

² Para saber sobre Mitos, ver BRUNEL, 1998, Dicionário de Mitos Literários.

³ O livro de Zênia de León, intitulado *Pelotas: Casarões contam sua história*, foi escrito a partir de uma coletânea de artigos publicados nos jornais Diário Popular e Diário da Manhã, onde Zênia

do poder exercido pela literatura – publicada durante dois anos nos jornais locais – esses personagens e os acontecimentos ligados a eles, passam a ser evocados, e dessa forma alimentam o imaginário da cidade. Cabe ao pesquisador analisar a intencionalidade do autor ao escrever a obra em estudo. Para os diferentes mundos imaginários, que coabitam esses textos, existe apenas um mundo histórico. O confronto do texto literário com as fontes dá ao pesquisador a possibilidade de interpretar e “ler” a intencionalidade de quem o escreveu.

Estudar o mito, seus significantes e significados, somente através da literatura, é um erro no qual o pesquisador pode cair. Entretanto, a literatura na qual o mito se manifesta, representa apenas uma interpretação deste, permeada pela visão do autor e não o mito em si. Para que isso não ocorra faz-se necessário confrontar diferentes tipos de fontes.

Ainda de acordo com o tema, Pierre Bourdieu ressalta que ao procurarmos uma lógica no campo literário, mundos diferentes inspiram e impõem seus interesses, “o princípio da existência da obra de arte naquilo que ela tem de histórico, mas também de trans-histórico, é tratar essa obra como um signo intencional habitado e regulado por alguma outra coisa, da qual é também sintoma” (BOURDIEU, 1996, p.15-16).

A presente dissertação está estruturada em três capítulos.

era colunista, nos anos de 1992 e 1993. Após se aposentar do magistério, Zênia tem inúmeras publicações sobre a história de Pelotas. Por não ser uma historiadora, o caráter científico e histórico não está presente em suas obras, mostrando uma visão romaneada sobre diferentes fatos históricos da Pelotas oitocentista. Dentre suas obras destacam-se: *Fronteiras da imaginação, Memórias da Escravidão e Pelotas, Casarões contam sua história*, volumes 1 e 2.

O primeiro capítulo, intitulado *A Princesa do Sul* é subdividido em duas partes: a primeira, chamada *Pelotas: sociedade, política e cultura*, traz um breve histórico da cidade no século XIX e início do século XX, principalmente no que tange aos aspectos ligados à sociedade e à cultura.

A segunda parte, chamada *Um museu Aristocrático*, apresenta a trajetória do Museu Municipal Parque da Baronesa e o contexto histórico no qual foi criado.

Na primeira parte desse capítulo utilizei os referenciais de Mario Osório Magalhães, Eduardo Arriada, Ester Gutierrez e Fernando Henrique Cardoso, dialogando com a fonte jornalística do período analisado.

Na segunda parte, os referenciais utilizados buscam situar o MMPB na historiografia museal, perpassando os estudos de Françoise Choay, Maria Cecília de Londres Fonseca, Thais Gomes Fraga e o estudo de caso de Nóriss Leal.

O segundo capítulo, *A Chácara da Baronesa*, é subdividido em três partes. A primeira parte, *A Chácara da Baronesa: representações*, aborda as questões relativas ao imaginário social e às representações criadas em um século de transformações, ocorridas no espaço que abriga hoje o Museu Municipal Parque da Baronesa, em Pelotas.

A segunda parte, *Uma família oitocentista*, traz um breve relato da Família Antunes Maciel, desde suas origens, em Portugal. A terceira parte traz o personagem de Annibal Antunes Maciel: *O Barão de Três Serros*⁴.

⁴ A grafia correta seria Cerros, porém optou-se por utilizar a grafia da época e que figura na maioria dos documentos relativos à família, Barão dos Três Serros.

Para o trato do tema família, utilizei os estudos de Eni de Samara Mesquita, sobre a família brasileira, e de Mariana Muaze, que em seu livro “As Memórias da Viscondessa: família e poder no Brasil Império” apresenta aspectos importantes da família oitocentista, tanto em suas relações de poder como nas relações familiares, utilizando como base documentos, tais como cartas e fotografias, também utilizados na presente pesquisa.

As fontes utilizadas são jornais e revistas do período em estudo, plantas da casa onde se localiza o MMPB, termos de doação e tombo e cartas familiares relacionadas ao tema estudado. Os conceitos de imaginário social de Baczkó e de representações de Roger Chartier, bem como de memória social de Joel Candau e de Halbwachs, ajudam a entender a trama dessa família oitocentista.

O terceiro e último capítulo, *Guardiãs de memórias: As Meninas Macieis*, traz quatro mulheres da família Maciel: avó, mãe e duas netas, vivendo em contextos históricos diferentes, atuandoativamente na sociedade como benfeitoras e ícones de beleza. *Guardiãs de memórias* apresenta a importância das mulheres da família Antunes Maciel como guardiãs da memória familiar bem como as relações que mantinham com essa documentação, salvaguardando documentos, fotografias, cartas, bilhetes e recortes de jornais que ajudariam, mais de um século depois, a recompor a trama dessa família.

Esse capítulo é subdividido em quatro partes: *A Baronesa Amélia, Uma Sinhazinha em Pelotas, A rainha centenária: relatos de vida de Zilda Maciel* e por último, *A última moradora do solar: Déa Antunes Maciel*. Os referenciais utilizados no capítulo são os trabalhos de Ângela de Castro Gomes e as escritas epistolares, Ecléa Bosi e os estudos sobre a memória de velhos, Mary Del Priore

e a história das mulheres no Brasil, Mariana Muaze, Michele Perrot e Durval Muniz de Albuquerque Júnior.

CAPÍTULO 1

A Princesa do Sul



Figura 1. Praça Coronel Pedro Osório, início do Século XX. Material de apoio MMPB.

1.1 – Pelotas: Sociedade, política e cultura

Uma cidade possui seus mitos, suas lendas, suas histórias extraordinárias, transmitidas de boca em boca, de geração em geração, através da oralidade. A história de uma cidade é também o ouvir dizer, o relato memorialístico que se apoia não só na lembrança pessoal de quem evoca, mas também naquilo que foi contado um dia por alguém cujo nome ninguém mais sabe (PESAVENTO, 2008, s/p.)

Ao ler a citação de Sandra Pesavento, imaginei logo Pelotas, cidade dotada de muitas histórias, de seus barões e suas baronesas, dos ricos charqueadores e dos muitos escravos que ajudaram, através de sua força, a erguê-la. Nessa pesquisa, não só os fatos são importantes, mas o que se ouviu dizer, suas memórias e as representações de fatos ocorridos.

De acordo com o viajante José Joaquim da Silva Freitas, que esteve em Pelotas em 1891, “Pelotas pareceu-lhe de imediato o *bijou* ou a *flor de todo o Estado* pela sua regularidade e forma de seus edifícios” (MAGALHÃES, 2000, p. 232). A *flor de todo o Estado* ganhou, através de seus viajantes, diversos predicados e muitos perduram até hoje.

A mais antiga informação que se tem do povoamento da área remonta a 1725, com Luiz Gonçalves Viana, expedicionário da frota de João Magalhães. Acredita-se que ele tenha se estabelecido nas terras, onde hoje se localiza a cidade de Pelotas, antes de 1763.

Com o Tratado Madri (1750), depois ratificado em suas linhas mais gerais pelo Tratado de Santo Ildefonso (1777), a Espanha reconheceu o domínio

português sobre boa parte do território do atual Estado do Rio Grande do Sul, inclusive sobre a região em que a cidade de Pelotas está estabelecida. A partir de então, começam as concessões de sesmarias⁵ na região de Pelotas, que, inicialmente, foram divididas em sete: Pelotas (Tomás Luís Osório), Feitoria (Paulo Rodrigues Xavier Prates), Monte Bonito (Manuel Carvalho de Souza), Santa Bárbara (Teodoro Pereira Jacomé), São Tomé (Manuel Moreira de Carvalho), Pavão (Rafael Pinto Bandeira) e Santana (Félix da Costa Furtado). Mais tarde, essa primeira ocupação de Pelotas foi modificada, seja por doação de novas sesmarias, seja por partilhas, ou mesmo pela ocupação ilegal (ARRIADA, 1994. p. 26 a 30).

O clima favorável e a quantidade de gados presentes nas terras do Rio Grande do Sul chamaram a atenção do cearense José Pinto Martins⁶, que, com sua experiência com a produção de carne-de-sol, passou a desenvolver, de forma pioneira, a produção deste artigo (no sul denominado de *charque*) em Pelotas, no ano de 1779. Nas terras ocupadas por José Pinto Martins, na margem esquerda do Arroio Pelotas, foi implantada a primeira charqueada dessa região.

⁵ Veja-se RAU, Virgínia. *Sesmarias medievais portuguesas*. Lisboa: Editorial Presença, 1982, em especial, o capítulo VI, a Conclusão e o diagrama incluído após as notas. Uma descrição minuciosa dos fundamentos jurídicos e sociais envolvidos na feitura da referida lei, bem como para uma discussão acerca das origens e acepções do vocábulo *sesmaria*, encontra-se também em LIMA, Ruy Cirne. *Pequena história territorial do Brasil: sesmarias e terras devolutas*. 4.ed. Brasília: ESAF, 1988, capítulo 1. De acordo com o texto das Ordenações Manuelinas, igualmente reproduzidas nas Ordenações Filipinas, Sesmarias são propriamente as *datas de terras, casses [casas de campo ou granjearias], ou pardieiros, que foram, ou são de alguns senhorios, e que já em outro tempo foram lavradas e aproveitadas, e agora não são*. [Ordenações Manuelinas, livro IV, título 67 e Ordenações Filipinas, livro IV, título 43].

⁶ José Pinto Martins era português, natural de Meixomel, bispado do Porto e tinha vivido no Ceará, onde exercia a profissão de fabricante de carne-seca". "Ao se instalar às margens do rio Pelotas, em 1779, numa área onde ainda não havia um único núcleo urbano, teve a intuição da importância do lugar, para a futura localização do mais importante centro saladeril do Rio Grande do Sul. (MARQUES. 1990:25)

De acordo com Fernando Henrique Cardoso, a “preparação da carne do gado para a salga e o aproveitamento dos couros, nas charqueadas, provocaram lentamente a reorganização da atividade criatória” no sul do país. As primeiras charqueadas de Pelotas datam de 1780, mas são atividades desorganizadas e a carne salgada produzida no Rio Grande do Sul era inferior ao charque produzido na região do Prata, sendo que apenas no século XIX essas estâncias e charqueadas sul-rio-grandenses passam a se organizar como empresas (CARDOSO, in HOLANDA, 2001.p.549). Em suas palavras,

O núcleo dinâmico básico que permitiu a transformação do quadro tradicional da economia rio-grandense, até então limitado entre a pequena agricultura, a economia de subsistência e a pilhagem de gado, foi, portanto, a industrialização da carne e dos couros para exportação. (CARDOSO, in HOLANDA, 2001.p. 549)

Pelotas, assim como boa parte do Rio Grande do Sul, passa a contar com várias estâncias⁷, onde a criação do gado para abastecer as charqueadas era a principal fonte de renda. O charque também era produzido nas estâncias, mas apenas para consumo dos próprios escravos. A produção em larga escala, para a venda para outras províncias do Brasil e para o exterior, ocorria nas charqueadas.



⁷ As primeiras estâncias situavam-se distante do núcleo urbano, sendo praticamente auto-suficientes, as de médio e grande porte, possuíam uma diversidade de espaços, como galpões, casa de charque, senzala, poços, pomar, circundados por mangueiras e potreiros (ARRIADA, Eduardo. *Pelotas - Gênese e Desenvolvimento Urbano (1780-1835)*. Pelotas: Armazém, 1994. p.26-30).

Figura 2- Estância de produção de charque e couros, registrada por Jean-Baptiste Debret em 1824 (DEBRET, 1978). (Fonte: TORRES, 2010:37)

Sobre a paisagem do Rio Grande do Sul, nas primeiras décadas do século XIX, o naturalista francês Auguste de Saint-Hilaire fez o seguinte comentário quando de sua passagem por Pelotas, em 1820:

Até agora tenho atravessado sempre planícies uniformes sem o mais leve acidente e unicamente animadas pela presença do gado aí apascentando. [...] Distinguem-se estâncias e chácaras. Uma estância é uma propriedade onde pode existir alguma cultura, porém ocupando-se principalmente da criação de gado. A chácara tem área menor e só se destina à agricultura. (SAINT-HILAIRE, 1974, p. 91)

A partir daí, outros empreendedores resolveram investir no charque (carne de gado salgada e seca ao sol), principal alimento do grande contingente de escravos existente no Brasil, bem como da população urbana pobre das cidades costeiras do país.

A boa localização, às margens de um arroio ligado à Laguna dos Patos e, daí, ao porto de Rio Grande, facilitava o transporte. A disponibilidade de mão-de-obra escrava também propiciava o desenvolvimento da produção de charque na região de Pelotas. Assim, o ato de charquear deixa de ser uma prática artesanal e expande-se por várias cidades do Rio Grande do Sul.

Saint-Hilaire explicou o sucesso das charqueadas no sul do Brasil devido aos constantes altos e baixos dos *saladeiros* (como eram chamadas as charqueadas no Rio da Prata) de Buenos Aires e Montevidéu, devido às guerras frequentes naquela região (SAINT-HILAIRE, 1974, p. 95). Deste modo, a produção e o comércio da carne salgada tornaram-se fundamental para o Rio Grande do Sul e muito importante para o Brasil do século XIX.

Em sete de julho de 1812, Pelotas atingiu a condição de Freguesia,⁸ passando a se chamar Freguesia de São Francisco de Paula. Em 1832, chegou à condição de Vila e a população começou a projetar-se na direção do Canal São Gonçalo.

Ao longo do século XIX, a região experimentou uma diversificação da produção agrícola, em função da chegada de novas levas de imigrantes europeus. No final do século XIX, surgiram as primeiras indústrias na região meridional do Rio Grande do Sul, principalmente nas cidades de Pelotas e de Rio Grande. As charqueadas do local sofreram um abalo com o fim do trabalho escravo.

Mais tarde, com a introdução de frigoríficos na região, durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), a criação e o abate de gado propiciaram uma breve revitalização econômica. Cabe salientar que a maior parte destes frigoríficos resultou de investimentos de capital inglês e norte-americano. Após a guerra, com a recuperação econômica da Europa e a diminuição de suas importações de carne, a crise no setor de criação e abate de gado voltou a se fazer sentir no Rio Grande do Sul, levando muitos empreendedores à falência.

Neste momento, a partir da década de 1920, houve uma grande expansão da lavoura arrozeira. Apesar dessas transformações, a paisagem do pampa pouco se modificou até meados do século XX. A região da campanha continuou a

⁸ Freguesia era um título de autonomia religiosa pelo qual o povoado passava a dispor de uma igreja própria e isso pressupunha a existência de um aglomerado populacional desenvolvido. A primeira igreja construída foi a Catedral de São Francisco de Paula. São Francisco de Paula torna-se, desde então, o padroeiro da cidade.

ser entendida como um local de tradição na criação de gado, favorecida pela paisagem de campo. (SCHWANZ, 2009, p. 37).

Voltando ao século XIX, a indústria saladeiril instalada em Pelotas, com sua produção de carne seca, foi durante muito tempo o principal meio de subsistência da “Princesa do Sul”⁹. Embora o charque fosse produzido também em outras cidades da Província, foi em Pelotas que se centralizou o polo charqueador do Rio Grande do Sul, possibilitando um melhor aproveitamento dos rebanhos bovinos e proporcionando a concentração da riqueza nas mãos dos estancieiros e dos charqueadores. Foi a partir dos interesses dessa elite que nasceu uma sociedade aristocrática e escravagista durante o período imperial no Brasil.

⁹ A origem da expressão *Princesa do Sul* é controversa. Para Euclides Franco de Castro – que começou a editar em 1951 um periódico chamado *Princesa do Sul* – o autor da expressão é Antônio Soares da Silva, então estudante da Faculdade de Direito de São Paulo, ao publicar, em junho de 1863, na *Revista da Associação Tributo às Letras*, um poema intitulado *Pelotas* e com os seguintes versos finais: “A Pátria, orgulhosa de tantos primores,/ te aclama princesa dos campos do Sul”. A *Encyclopédia dos municípios brasileiros*, editada pelo IBGE em 1959, corrobora essa informação. Em *Opulência e cultura na Província de São Pedro* (1993) e, mais tarde, em artigo publicado no *Diário Popular* (2002), Mario Osorio Magalhães contesta essa versão, argumentando que uma medida de alcance social tão amplo — a adoção de um título para qualificar uma cidade — dificilmente originar-se-ia de uma página literária, publicada numa revista estudantil, em outra região do país e, com certeza, de circulação restrita. Conclui que o cognome, produto do imaginário social, já estaria consagrado em 1863, sendo apenas referendado por Antônio Soares da Silva em seu poema — e a prova disso estaria implícita no próprio texto do poema: “a Pátria (...) te aclama”. Isto é, nessa ocasião os brasileiros já tratavam Pelotas de Princesa do Sul. Osorio. *Opulência e cultura na Província de São Pedro: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)*. Pelotas: Editora da UFPel/Livraria Mundial, 1993, p. 106. _____ “Princesa do Sul”. In Magalhães, Mario Osorio. *História aos domingos*. Pelotas: Editora Livraria Mundial, 2003. (Magalhães). Disponível em: <http://www.ufpel.tche.br/ich/ndh/noticias/dicionario.html-> Dicionário de história de Pelotas.

Aos poucos essa sociedade, que era basicamente rural, começou a gerar um espaço urbano. E esse crescimento rápido fez com que a vila ascendesse à condição de cidade em 27 de junho de 1835. De acordo com os censos de 1814 e 1833, percebeu-se um crescimento acentuado em sua população, que saltou de 2.419 para 10.873 habitantes entre aqueles anos. A população urbana atingiu o índice de 43,2% do total de habitantes, o que, para a época, principalmente em uma região cuja economia estava baseada na pecuária, era um índice de urbanização bastante elevado (GUTIERREZ, 1993:172).

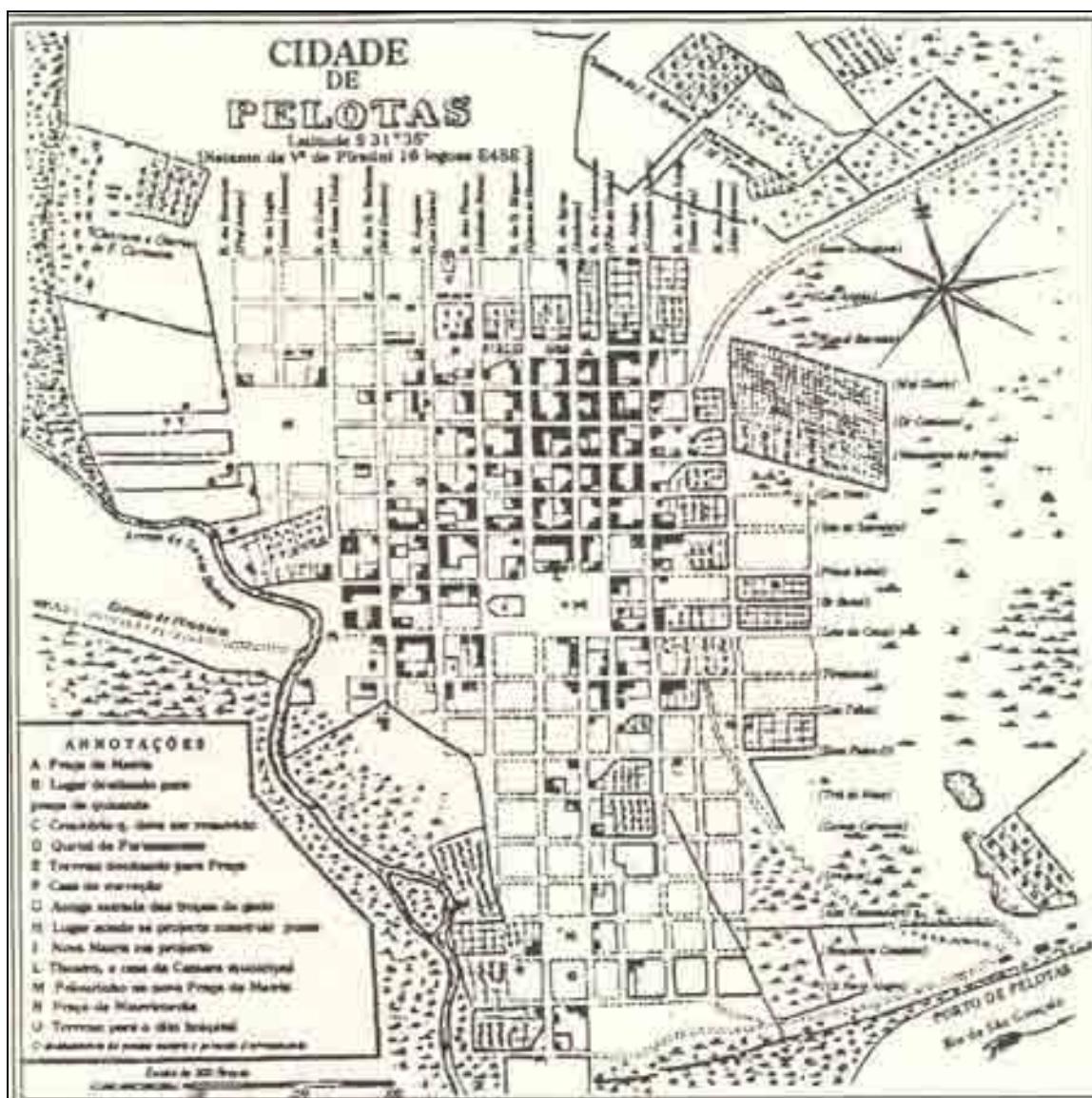


Imagen3: Planta da Cidade de Pelotas em 1835. (Fonte: GUTIERREZ, 1993:170)

No ano em que a vila São Francisco de Paula virou cidade de Pelotas, apenas dois dos quatorze outros municípios que existiam na província, Porto Alegre e Rio Grande, tinham população maior. Assim, nesses três municípios centralizavam-se as principais atividades econômicas da Província de São Pedro.

A partir da prosperidade econômica, advinda do desenvolvimento da atividade pastoril e do comércio do charque, solidificou-se uma nova camada social na região meridional do Brasil, a chamada *aristocracia do charque*. Esta passou a exigir, cada vez mais, a participação dos grandes proprietários na vida social e política do Brasil Império. De acordo com Cardoso, diante da onipotência militar exercida pela Coroa, “apenas os criadores de gado encontravam possibilidades de autonomia nos quadros da vida social” (CARDOSO, in HOLANDA, 2001, p. 555).

Com o desenvolvimento do núcleo urbano, começou a delinear-se, em Pelotas, um caráter de refinamento e opulência, através do qual os charqueadores e suas famílias – na sua maioria letrada e politicamente influente – passaram a ostentar uma cultura moldada nos padrões europeus, no que dizia respeito ao trajar, aos hábitos e ao gosto pelas artes. Muitos relatos desta época, sobre Pelotas, foram feitos por viajantes. Já em 1827, um oficial alemão chamado Seidler registrou a seguinte impressão, depois de sua breve estada na cidade:

Esta localidade distingue-se vantajosamente das outras cidades do Brasil pelos bonitos arredores, bem como pela riqueza de seus habitantes... Tanto aqui como no Rio Grande há muitos europeus, que possuem importantes estabelecimentos e que, certamente pela influência de seu dinheiro e da sua cultura, tem contribuído consideravelmente para que os habitantes tenham mais civilização e mais gosto pela vida social e mais trato amigável que nas outras regiões. (SEIDLER apud MAGALHÃES, 1993, p.47).

A fama de cidade aristocrática¹⁰ e opulenta já começava a esboçar-se através desses relatos. O que chamava bastante atenção nas primeiras três décadas do século XIX, ao se comparar Pelotas com as demais cidades do Rio Grande do Sul, eram as diferenças decorrentes da presença de estâncias e de charqueadas. Aos estancieiros cabia o trabalho mais rústico, ao lado dos peões, de atividade o ano todo, o que não propiciava muito tempo para o lazer. Já os charqueadores “puderam manter um padrão de existência em que se observava como contrapartida da fortuna, o refinamento das maneiras e do espírito...” (MAGALHÃES, 1993, p.53). Portanto, pelo fato de que o trabalho nas charqueadas acontecia de novembro a abril, os charqueadores passavam, grande parte do seu tempo, ocupados em desenvolver a vida social.

Após esse período inicial, aconteceu uma interrupção no crescimento, não só de Pelotas, mas das cidades rio-grandenses em geral, devido ao longo período da Revolução Farroupilha, que se estendeu entre 1835 e 1845. Apesar do conflito, em 1841 ocorreu a instalação de fábricas de velas, cola e sabão às margens do Arroio Pelotas. No final da década de 1840, com o término do confronto, várias melhorias foram feitas no perímetro urbano da cidade, como a iluminação a azeite e, mais tarde, a gás hidrogênio líquido. Entre os anos de 1851 a 1860, Pelotas já era considerada uma das cidades mais prósperas do Brasil,

¹⁰ Entende-se **aristocracia** como sendo a classe dos nobres, privilegiados, sinônimo de fidalguia. A sociedade pelotense oitocentista ficou conhecida como a “aristocracia do charque”. (MAGALHÃES, 1993).

mantendo-se assim entre os anos de 1860 e 1890, como se percebe nas palavras a seguir:

Após os anos 60 do século XIX, dificilmente uma família charqueadora não possuiria um bem de raiz nas imediações da cidade de Pelotas. No último quartel do século XIX haverá um forte investimento em propriedades urbanas, não somente como habitação para estas famílias, mas como também um novo empreendimento financeiro em vendas e aluguéis (OGNIBENI, 2005, p.185).

A vida social dos pelotenses se intensificava. Investimentos na modernização e no embelezamento da cidade movimentavam o espaço cultural. As frequentes encenações no Teatro Sete de Abril e os saraus realizados nas residências da aristocracia, além da crescente publicação de jornais e livros, animavam a vida em Pelotas, que assim se diferenciava de outras cidades:

[...] Onde se refugiava a elegância, onde ela residia era mesmo no sul (da província), sobretudo em Pelotas, sala de honra do Velho Rio Grande, com seus viscondes, seus barões, seus nobres, suas grandes damas, suas casas senhoriais, seus clubes, sua proverbial hospitalidade (FONTOURA, *apud* MAGALHÃES, 1993. p. 115).

Foi nesse período, no qual circulava muito capital oriundo das charqueadas, que foram construídos vários prédios importantes, influenciados pela arquitetura europeia. Em alguns deles é possível notar o estilo neoclássico misturado a detalhes do barroco. Nesse contexto é que a *Chácara da Baronesa*, como hoje é conhecida, foi construída, em 1863, no auge das charqueadas, momento de grande importância social e econômica para a cidade de Pelotas.

Sobre Pelotas, seus casarões e as representações criadas em torno deles, Zênia de León fala o seguinte:

Desde criança caminhei por entre palácios. Alguns já desapareceram. Muitos deles ficaram somente na imagem que

retive como fotografia. Retrato indelével na memória daqueles prédios que a incompreensão do tempo derrubou... A visão das fachadas me proporcionava enlevo e uma volta aos contos de reis e rainhas, morando em castelos. Mas, à medida que crescia, compreendia que ali morava gente igual a toda gente. (LEÓN, 1993, p.10)

A visão romanceada e a memória de infância de Zênia dizem muito do imaginário sobre a “Pelotas do passado”, seus belos casarões comparados a palácios onde seus barões e baronesas são chamados de reis e rainhas. É interessante ressaltar a força que determinados textos literários exercem sobre o imaginário social, ganhando, muitas vezes, caráter de real.

Os prédios construídos no “redondo da praça” Coronel Pedro Osório ganharam destaque em diversas obras de escritores pelotenses, algumas de caráter mais histórico, como as de Mario Osório Magalhães e Ester Gutierrez; outras mais romanceadas, como no livro, já citado, de Zênia de León.

É importante citar aqui um relato de Zilda sobre a Praça Coronel Pedro Osório¹¹: “E a casa dele era na praça, do Carlos Maciel, justamente era a praça dos Maciel, porque tinha o Antônio, tinha o Oscar, tinha o... eram quatro casas dos Maciel, eu já não me lembro agora. Ficava uma parte assim, só... três, pra fazer a quadra”¹².

¹¹ De acordo com o Dicionário de História de Pelotas, o Casarão número 6 da Praça Coronel Pedro Osório pertenceu a Leopoldo Antunes Maciel, o Barão de São Luís (1850-1904), primo do barão dos Três Serros. Outra residência localizada na praça seria o Casarão número 8, que pertenceu a Francisco Antunes Maciel, o Barão de Cacequi (1836-1917), filho de Eliseu Antunes Maciel. Segundo o dicionário, alguns historiadores atribuem a construção desses dois palacetes ao arquiteto José Isella, mas não há nenhum documento que comprove tal hipótese. LONNER, GILL e MAGALHÃES, 2010, p. 47-48

¹² Zilda Maciel 2002, entrevista realizada por Fabio Vergara Cerqueira, na cidade do Rio de Janeiro. Acervo MMPB. Disponível na íntegra nos anexos.

De acordo com o testamento de Annibal Antunes Maciel, a família possuía propriedades localizadas no Uruguai, na Argentina, nos arredores da cidade e no centro de Pelotas. Deste modo, como era de se esperar, a família Antunes Maciel exercia grande influência política. Segundo o relato de Zilda Maciel de Abreu Vicente, neta do Barão dos Três Serros, “eles eram muito ricos e tinham fazendas... fazendas de gado. Moravam naquela chácara que está ali”.¹³

Um dado característico da sociedade pelotense de meados do século XIX é a vida social bastante agitada. Segundo Beatriz Loner (2002), a sociedade pelotense do século XIX era muito complexa, fenômeno provocado pelo seu grau de riqueza, que a igualava na sofisticação de sua vida social e cultural a algumas capitais do país. Também o fato de estar localizada próximo ao litoral, entre o Rio de Janeiro, Montevidéu e Buenos Aires, propiciou que em Pelotas se criasse um gosto requintado pelo teatro, saraus e festas, muitas vezes animados por viajantes que faziam uma pausa no trajeto marítimo entre as capitais do Brasil, do Uruguai e da Argentina.

Diversas companhias teatrais movimentavam a zona sul do Rio Grande do Sul, tendo como palco principal o Teatro Sete de Abril¹⁴, em Pelotas. A riqueza advinda da atividade saladeiril propiciava a existência de uma plateia endinheirada e com gosto mais exigente e refinado, gerando uma grande demanda por obras artísticas.

¹³ *Zilda Maciel, *op cit.*

¹⁴ O Teatro Sete de Abril foi construído em 1831, em estilo neoclássico, foi a primeira casa de espetáculos a abrir suas portas às artes cênicas no Rio Grande do Sul e a quarta no Brasil. A Sociedade Dramática particular o construiu em 1831, com características da linguagem colonial. Inaugurado no dia 02 de dezembro de 1833, seu nome é uma homenagem ao dia em que D. Pedro I abdicou de seu trono em favor de seu filho. As características atuais em linhas "Art Decó" é o resultado de uma total remodelação ocorrida no ano de 1916, que foi elaborada pelo arquiteto José Toniesi. (Fonte: material de apoio MMPB)

Sobre a relação desses grupos teatrais com a aristocracia local, Loner explica:

Estes grupos apresentavam-se no Sete de Abril e podiam passar longas temporadas na cidade, quando elogiados pela crítica, havendo muita interação entre eles e a parcela mais culta da sociedade, que os agraciava com presentes e poesias (LONER, 2002, p.39).

Algumas famílias pertencentes à alta sociedade pelotense mantiveram, desde a inauguração do Teatro Sete de Abril, seus camarotes cativos, aspecto destacado em um trecho da entrevista com Zilda Maciel:

Ah, lembro de tudo, tudo, porque todas as festas, coroações e coisas importantes eram no Sete de Abril. Sempre iam companhias de teatro. Pelotas tinha muito dinheiro e conseguia contratar esse pessoal de... nós tínhamos o camarote da família, o camarote que nós íamos sempre era o camarote da família.¹⁵

Segundo analisa Pierre Bourdieu, o conjunto social é constituído por campos sociais que apresentam estruturas próprias, de acordo com as características de seus ocupantes, e, em parte, determinadas por eles. Para a manutenção do próprio campo é necessário que o grupo obedeça a certas regras e determinadas posições.

O conceito de capital cultural e social está intimamente ligado à ideia de estruturação do campo, com a posição ocupada pelos agentes individuais definindo estratégias para que mantenham tais posições. Esse conceito de campo nos ajuda a entender o comportamento da sociedade saladeiril pelotense do século XIX, com sujeitos pertencentes a um mesmo grupo lutando para estabelecer e manter ligações duráveis, através das quais poderiam ter acesso a

¹⁵ *Zilda Maciel, *op cit.*

benefícios econômicos, políticos, sociais e simbólicos (BOURDIEU, 2005, p.11).

Nas palavras de Bourdieu,

O poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem gnoseológica: o sentido imediato do mundo (e, em particular, do mundo social) supõe aquilo que Durkheim chama de conformismo lógico, quer dizer, ‘uma concepção homogênea do tempo, do espaço, do número, da causa, que torna possível a concordância entre as inteligências’ (BOURDIEU, 2005, p.9).

Tanto Pierre Bourdieu, quanto Norbert Elias, analisam a sociedade não pelo indivíduo em si, mas através das relações e espaços que estes ocupam dentro de um determinado campo, mostrando os meios pelos quais se entendem os envolvimentos sociais em suas diferentes épocas, oportunizando, assim, um entrelaçamento entre a história e a sociologia.

Uma definição mais consistente sobre a aplicação da teoria do processo civilizador em relação à sociedade é encontrada em Roger Chartier. Este demonstra que, para garantir a científicidade de um estudo sobre sociedade e suas inter-relações, não se pode prescindir das questões trabalhadas por Norbert Elias, em razão dos parâmetros acentuados por este autor, considerados fundamentais para um plano de estudos sobre o papel de cada personagem neste contexto.

Tal qual Ítalo Calvino descreve em *Cidades Invisíveis*, os relatos aqui apresentados sobre a Pelotas oitocentista existiram ou foram frutos da imaginação...

De agora em diante, vou descrever as cidades e você verificará se elas realmente existem e se são como eu as imaginei (...). Repito a razão pela qual quis descrevê-la: das inúmeras cidades imagináveis, devem-se excluir aquelas em que os elementos se juntam sem um fio condutor, sem um código interno, uma perspectiva, um discurso (...) As cidades como os sonhos, são construídas por desejos e medos, ainda que o fio condutor de seu discurso seja secreto, que suas regras sejam absurdas, as suas perspectivas enganosas e que todas as coisas escondam uma outra coisa. (CALVINO, 1990, p.43-44)

1.2- Um museu aristocrático

Todo objeto do passado pode ser convertido em testemunho histórico sem ter tido na sua origem um destino memorial (CHOAY, 2000, p. 25).



Figura 4. Museu Municipal Parque da Baronesa, década de 1970. Acervo MMPB.

O universo museal brasileiro passa a se modificar a partir da década de 1980, quando vários espaços museais passaram a ser criados e ampliados, traduzidos em museus, arquivos, memoriais, casas de memória... Em tempos de globalização, passou a ocorrer uma busca frenética pelo passado.

Sobre o contexto histórico no Rio Grande do Sul, Thais Fraga afirma:

Ao estudar as mudanças em termos da história da sociedade, certamente não é de surpreender, numa visão retrospectiva, que se encontre na concepção original da República Rio-Grandense, em sua forma liberal e autoritária, o ponto de partida da justificação de uma sociedade conservadora e excludente, cujo reflexo na área da cultura e dos museus reflete esse autoritarismo como protetor da ordem instituída (FRAGA, 2004, pg. 60).

E foi nesse contexto que o Museu Municipal Parque da Baronesa foi criado. O prédio do Museu Municipal Parque da Baronesa, antiga chácara dos Barões de Três Serros, está localizado na Avenida Domingos de Almeida, número 1490, no bairro Areal, Pelotas, Rio Grande do Sul. O Museu foi inaugurado em 25 de abril de 1982 e tombado pelo Conselho Municipal do Patrimônio Histórico (COMPHIC)¹⁶ do município de Pelotas no ano de 1985. Em 1978, devido ao estado de degradação em que o prédio se encontrava, foi feita uma grande reforma que durou quatro anos. Esta esteve aos cuidados da arquiteta Marta Amaral¹⁷ e do artista plástico Adail Bento Costa¹⁸.

Em 1924, após Dona Sinhá, filha da Baronesa dos Três Cerros, mudar-se de Pelotas – com sua família – para o Rio de Janeiro, seus filhos continuaram a frequentar a Chácara esporadicamente, sendo Déa Antunes Maciel, uma de suas filhas, a frequentadora mais assídua. Segundo relatos, em suas últimas estadas em Pelotas, ela não se hospedou no Casarão, em virtude de o mesmo encontrar-se em avançado estado de degradação. Deste modo, ficava hospedada na casa

¹⁶ No ano de 1983, durante o governo de Bernardo Olavo de Souza (1983-1987), foi aprovado o regimento do COMPHIC e realizado o Inventário do Patrimônio Arquitetônico e Urbano de Pelotas (numa parceria da Prefeitura Municipal, da Universidade Federal de Pelotas e do SPHAN). Durante os primeiros cinco anos de atuação do Conselho, foram adotados os conceitos internacionais de preservação e continuaram sendo privilegiados os monumentos isolados excepcionais (todos de indiscutível valor arquitetônico). Sob a presidência dos arquitetos Marta da Costa Amaral e Wilson Marcelino Miranda foram tombados os seguintes monumentos: Mercado Público, Prefeitura Municipal, Clube Comercial, Grande Hotel, Conservatório de Música, Instituto de Ciências Humanas (Escola Eliseu Maciel), Instituto de Letras e Artes, Residência da Família Mendonça, Residência do Barão da Conceição, Solar da Baronesa e o Jockey Club. SCHLEE, Andrey Rosenthal, 1987. Disponível em: <http://sites.google.com/site/coloquiohh08>

¹⁷ Durante o primeiro governo de Irajá Andara Rodrigues (1977-1982), teve início um novo período no que diz respeito à preservação, o patrimônio arquitetônico passou a ser tratado de uma maneira oficial e sistemática. Profissionais arquitetos (como Gilberto Yunes e Marta Amaral), locados junto ao Escritório Técnico do Plano Diretor (ETPD), passaram a responsabilizar-se pelos projetos de restauração do Teatro Sete de Abril, da Chácara da Baronesa (Areal) e das casas nº 2 e 6. Em 1979, a Prefeitura Municipal desapropriou o Teatro Sete de Abril, que passou a pertencer à comunidade. SCHLEE, Andrey Rosenthal, 1987. Disponível em: <http://sites.google.com/site/coloquiohh08>

¹⁸ Artista plástico e colecionador pelotense que participou da reforma do museu e atuou na preservação do patrimônio arquitetônico da cidade de Pelotas, já falecido. Doou parte de sua coleção particular à Prefeitura de Pelotas, em 1980.

construída, em 1929, na entrada do parque com frente para a Avenida Domingos de Almeida, para seu irmão Delmar Antunes Maciel e sua família.



Imagen 5. Vista do Casarão em ruínas - final da década de 1970. Acervo MMPB.

Na imagem 5, pode-se observar o grau de depredação de parte da casa principal, quando da sua doação à Prefeitura Municipal de Pelotas, em 1978, ressaltando-se a falta do telhado e de esquadrias, bem como paredes em ruína.

Por volta de 1960, com os herdeiros morando no Rio de Janeiro, cidade de origem da baronesa, circulavam boatos de que o Parque poderia ser vendido e transformado em loteamento, resultando na demolição do prédio. Reportagem do jornal Diário Popular de 7 de julho de 1968¹⁹ relata uma breve entrevista com a neta da Baronesa, Déa Antunes Maciel: “Dona Déa acha que ele não será demolido, embora os herdeiros e a família não tenham ponto de vista firmado sobre o futuro do sítio”.

¹⁹ Fonte: Material de apoio MMPB.

Especulações a respeito da venda do parque continuam a ser manchete nos anos seguintes. O Diário Popular de 25 de novembro de 1970 traz, sob o título “Qual será o fim do Castelo da Baronesa?”, matéria demonstrando a preocupação, por parte do poder público, com a situação do prédio e do parque. Essa é a primeira vez em que aparece registro da ideia de transformar a casa em museu. De acordo com o artigo, “é conveniente que naquele local seja instalado o Museu de Pelotas. Quanto ao sítio, através de cuidados especiais, poderia ser transformado num magnífico parque, que seria incluído no guia turístico da cidade”.²⁰

Em 1978, a antiga residência – datada de 1863, pertencente aos Barões de Três Cerros – e o parque, em seu entorno, foram doados pela família Antunes Maciel ao município de Pelotas, incluindo um conjunto de elementos paisagísticos, de gosto romântico, bem aos moldes do século XIX (GUTIERREZ, 2004). No documento de doação²¹ foi incluída uma cláusula com a condição de que o Parque e o prédio fossem transformados em espaços abertos ao público.

Segundo relatos de Dona Antoninha Sampaio Berchon²², durante os quatro anos de reforma, o museu esteve aos seus cuidados. Na época, além de cuidar, viajava e pesquisava em museus de outras cidades e países, coletando objetos “para deixar o museu à altura da cidade de Pelotas”, promovendo festas e arrecadando fundos junto à sociedade pelotense para manter o museu. Mas qual

²⁰ Diário Popular de 25 de novembro de 1970. Material de apoio MMPB.

²¹ Cópia da escritura de doação – documentação administrativa do Museu da Baronesa.

²² Empresária do ramo da pecuária, pelotense, presidente de honra da Associação de Amigos do Museu da Baronesa – AMBAR, desde a sua fundação em 1995. Depoimento colhido em conversa informal com Dona Antoninha Berchon, em decorrência da sua visita ao museu, em janeiro de 2009.

seria, na época, a finalidade do Museu da Baronesa? Segundo Antoninha, “mostrar o lado bonito e aristocrático da *Princesa do Sul*”.

Durante muitos anos, Antoninha “cuidou do museu como se fosse a sua casa” e por ser personagem ativa da sociedade pelotense, promovia chás e festas para arrecadar fundos para o museu, “tudo para deixá-lo mais bonito para o visitante”²³. Atualmente, devido a sua idade avançada, ela não participa mais das decisões tomadas pela direção, mas sua filha é a nova presidente da Associação de Amigos do Museu da Baronesa (AMBAR).

É importante salientar que não existem registros da participação de Antoninha nas obras que antecedem a inauguração do museu. Sabe-se que a partir de 1989 ela começa a fazer parte da Diretoria, agregando vários objetos de sua coleção particular ao acervo do MMPB.

Os primeiros objetos expostos no museu provinham de coleções particulares de Adail Bento Costa, Antoninha Berchon e Lourdes Noronha, bem como peças pertencentes à família Antunes Maciel. Estes objetos eram claramente selecionados para exprimir a opulência e o requinte da sociedade pelotense do período entre a segunda metade do século XIX e o começo do século XX.

De acordo com Nóris Leal, “Antoninha produz uma memória ideal para a cidade, através da exposição museológica, onde é apresentada uma sociedade sem as contradições presentes em qualquer outra, baseada apenas na apresentação de uma camada da população pelotense” (LEAL, 2008, p.65)

²³ Segundo depoimento colhido em conversa informal com Dona Antoninha Berchon, em decorrência da sua visita ao museu, em janeiro de 2009.

Na época de sua fundação, a administração municipal estava a cargo do Prefeito Irajá Andara Rodrigues, autor da placa de inauguração do MMPB, na qual está registrado: “Aqui a poesia se encontra com a história para compor um hino à eterna Pelotas”. Em 1982, de acordo com o decreto nº 3069, que criou a Fundação de Cultura, Esporte, Lazer e Turismo do Município de Pelotas, em seu artigo nº 3:

A entidade terá como objetivo a criação de um espaço cultural destinado a coletar, expor os bens que constituem o acervo do museu, promovendo atividades com vistas a sua difusão, caracterizando-o como um espaço didático e como atração turística (LEAL, 2008, p.65).

A partir da leitura da placa, na entrada do museu, e da tipologia da exposição apresentada, fica evidente a qual “eterna Pelotas” Irajá Andara Rodrigues, prefeito de Pelotas no momento da inauguração do museu, se refere. Uma Pelotas aristocrática que, embora já tenha passado dos seus tempos áureos, seria essa a memória a ser representada naquele espaço museal. Seja nas palavras do ex-prefeito, no relato de viajantes, em artigos de jornais, o discurso sobre a “eterna Pelotas” está presente.

Por constituir-se de muitas dimensões, múltiplos espaços, a cidade imbui-se de uma aura simbólica que nos permite formular uma ideia do imaginário social que os pelotenses passam a construir através dessas narrativas.

Deve-se considerar sempre que o que resiste, enquanto memória coletiva de grupos ou de uma sociedade, não é o conjunto das coisas que existiram, mas aqueles que são produtos de uma escolha, feita por agentes autorizados a atuar nesse campo do patrimônio, como afirma Bourdieu (2005). Esses agentes possuem um capital simbólico que os habilita a escolher um bem que

representará um determinado grupo em detrimento de outro, trabalhando entre a memória e o esquecimento. A seleção desses bens sempre é uma escolha política.

Atualmente o Museu está vinculado ao organograma da Secretaria Municipal de Cultura de Pelotas (SECULT) e, desde 1995, conta com o apoio da Associação de Amigos do Museu da Baronesa (AMBAR). O acervo é composto por peças de mobiliário, têxteis, indumentárias e acessórios tais como chapéus, leques e objetos de uso pessoal, documentos, livros e fotografias. Esse acervo está organizado em três coleções: o acervo inventariado sob o código MMPB, que inclui as doações recebidas da família Antunes Maciel e da comunidade, num total de 2614 peças; a coleção Adail Bento Costa, doada à Prefeitura no início da década de 1980, num total de 329 objetos; e a coleção da Sra Antonia Sampaio, sob regime de empréstimo, com 309 peças.

O Museu da Baronesa colabora para a salvaguarda da memória dos costumes de uma parcela da sociedade pelotense, sendo um importante referencial histórico e patrimonial na história do sul do país.

Conforme a definição de Pierre Nora, pode-se pensar o museu como um “lugar de memória”, de comemoração e celebração, onde diferentes gerações sintam-se contempladas. Esse conceito de Lugares de Memória²⁴ tem respondido a algumas questões e levantado outras tantas a respeito da questão museal. Essa categoria surge com a necessidade do indivíduo de ter, na cidade, lugares de ancoragem para suas lembranças, onde se constrói a memória coletiva.

²⁴ O conceito de *lugar de memória* é de Pierre Nora, estabelecido na coleção sob sua coordenação *Les lieux de mémoire* – publicada entre 1984 e 1993.

Muitas são as sensações e memórias evocadas em um espaço museal. Se aplicarmos o conceito de *lugares de memória*, o Museu da Baronesa cumpriria o seu papel no que tange a uma parcela da população pelotense, que tem, em suas raízes, a aristocrática Pelotas. Para outra, ele seria apenas um *lugar para memória*, onde o acervo cumpriria o papel de transmissão de conhecimento.

O Museu da Baronesa não é o museu-casa que representa, fielmente, a maneira de viver de seus antigos donos. Em primeiro lugar porque a casa evoluiu ao longo do tempo, foi modernizada e “vivida” por três gerações durante quase cem anos (mesmo que, depois dos anos de 1940, somente no verão), e, em segundo, quando da criação do museu, a Prefeitura não deixou clara a sua linha de atuação, como museu da cidade ou outra tipologia. Inclusive a denominação de museu-casa não é utilizada.

Na busca desta identidade museológica, não há como ignorar a estreita e inquestionável ligação do prédio que abriga o museu – bem como o seu conteúdo – com os antigos proprietários e a época em que viveram. O próprio nome escolhido remete à primeira moradora da casa, apesar da placa comemorativa enaltecer Pelotas, levando a pensar que aquele poderia ser o museu da cidade.

Numa referência à Casa de Rui Barbosa, o primeiro museu-casa do país, Aparecida Rangel comenta que “a residência que outrora abrigava (...), sua família, suas relações afetivas, seus problemas domésticos e cotidianos, passou a ser um espaço de exposição pública da vida privada”, e chama atenção para a complexidade existente neste processo de transformação privado/público, objeto que pode compor estudo próprio, sendo essa “(...) nova disposição simbólica do

espaço. Embora o “cenário” seja o mesmo, a história será outra. Fisicamente a família não está mais lá, mas é impossível apagar sua presença.”²⁵

²⁵ RANGEL, Aparecida M.S. *Vida e Morte no museu-casa*. In: MUSAS – Revista Brasileira de Museus e Museologia, nº 3. Rio e Janeiro: IPHAN, DEMU, 2007, p.82.

CAPÍTULO 2

A CHÁCARA DA BARONESA



Figura 6. Chácara da Baronesa. Fotografia digital da autora. Outubro de 2009.

2.1. A Chácara da Baronesa: representações

Já vejo que o nosso “Velho Casarão” como lhe chamas, voltou aos tempos primitivos, envergando toda catita, os novos trajes domingueiros... Queira Deus que *elle* assim se conserve, para gozo de seus futuros proprietários.²⁶

A partir do desejo explícito, em uma das cartas da Baronesa Amélia para sua filha Sinhá, passamos a percorrer o casarão em que três gerações de sua família viveram no período de quase um século (1863 até meados da década de 1960).

Ao passarmos a discorrer sobre a chacara que pertenceu à família Antunes Maciel, é impossível deixar de falar do trecho citado acima, pois nele, mais que um desejo de que a obra na casa seja feita a contento, expressa a vontade de que “o casarão” volte aos seus dias de prestígio de quando foi construído. Após 50 anos, nada mais natural do que a casa sofrer a ação do tempo. Mas será essa ação de desgaste natural a que a Baronesa se refere? Ou, estaria ela rememorando a sua mocidade, seu casamento e o início da vida em família, quando seu marido ainda vivia?

Quando Amélia coloca *para o gozo de seus futuros proprietários*, estaria ela falando de uma intenção da família em fixar residência no Rio de Janeiro, onde ela reside, e vender a propriedade que, apesar das lembranças, trazia tantos gastos?

²⁶ Carta de Amélia, Rio de Janeiro, 16 de novembro de 1903. Nesse trecho da carta, Amélia coloca para sua filha Sinhá o desejo, que a obra em andamento, seja finalizada a contento. Acervo MMPB.

Muitas são as questões que perpassam as diferentes histórias a respeito da “chácara da Baronesa”. Algumas delas serão aqui discutidas, trazendo à tona as múltiplas representações criadas ao redor desse *lugar de memória* trabalhado a partir do conceito desenvolvido por Pierre Nora. Segundo ele, essa categoria surgiu como uma resposta à necessidade de identificação do indivíduo contemporâneo. Um misto de “história e memória”, onde “o passado nos é dado como radicalmente outro, ele é esse mundo do qual estamos desligados para sempre”. (NORA, 1993, p.19)

Ainda de acordo com o autor, “só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica...” (NORA, 1993, p.21). Essa aura simbólica, da qual Pierre Nora fala, está presente nos depoimentos colhidos de familiares dos barões, de antigos moradores do bairro Areal – onde o prédio está localizado – e na literatura.

Para melhor compreendermos as representações em torno da Chácara da Baronesa, presentes nas falas dos moradores, faz-se necessário compreendermos a construção do prédio e distribuição espacial dos ambientes.

O terreno em que hoje está localizado o Solar da Baronesa foi comprado em 1863, pelo Coronel Annibal Antunes Maciel, para presentear seu filho Annibal Antunes Maciel Junior, em virtude de seu casamento com Amélia Fortunata Hartley de Brito. O antigo proprietário, de quem o terreno foi comprado, era Vicente Aurélio Prates, e o valor pago foi de “dois contos de réis”²⁷. No momento

²⁷ De acordo com o Enquadramento econômico a seguir, o Coronel Annibal pagou pelo terreno algo em torno de 100 mil reais. Em **1860, 1 conto de réis (1:000\$000) comprava 1 kg. de ouro**. De **1840 a 1870**: foi o apogeu econômico do **Império** com o dinheiro MUITO forte: nesse contexto, todos os dados econômicos analisados são **da década de 60 do séc. XIX** e, para haver similitude de valores, usa-se para a atualização monetária (séc XXI), o valor da gr. de ouro a R\$

da compra existia apenas uma pequena construção, a qual foi demolida para dar lugar ao casarão.²⁸

O terreno fazia divisa com a Avenida São Francisco de Paula – antiga Estrada das Tropas²⁹ – e com terrenos de terceiros, media 219 metros ao norte pela Rua Seis na frente do portão, com a Avenida Domingos de Almeida, medindo 430 metros ao sul, e medindo 252 metros de extensão pela Rua Dois, onde tinha antes sete hectares.

O mapa (figura 7) com o antigo traçado da cidade mostra a localização do parque e as principais ruas do entorno. A Estrada das Tropas, como podemos observar, ligava “O Corredor das Tropas”, da Tablada às charqueadas localizadas nas margens do Canal São Gonçalo e do Arroio Pelotas.

50. **Conto de réis** é uma expressão adotada no Brasil e em Portugal para indicar um milhão de réis. Sendo que um **conto de réis** correspondia a mil vezes a importância de um mil-réis que era a divisionária, grafando-se o conto por **R\$ 1:000\$000**.

Disponível em: Site Genealogia e Historia por Anibal de Almeida Fernandes. http://www.genealogiahistoria.com.br/index_história.asp?categoria=4&categoria2=4&subcategoria=56

²⁸ Fonte: Material de apoio MMPB.

²⁹ A Estrada das Tropas era assim chamada por ser a via onde eram conduzidas as tropas de bois para o matadouro municipal. Fonte: Material de apoio MMPB.



Figura 7: Mapa de Pelotas - localização da Chácara da Baronesa e seus arredores.
(Fonte: GUTIERREZ, 1993:144)

É importante destacar que, na época da construção, o núcleo urbano era afastado do parque, portanto a residência se conformava em uma casa de campo, ou um Solar – como os membros da família gostavam de se referir. “Foi a vovó e o vovô que fizeram tudo, tudo, tudo. A divisão da casa, tudo feito pelos meus avós. Eles ganharam o terreno, ainda tinha uma casinha pequenininha, aí eles construíram a casa grande, o solar da vovó...”³⁰.

³⁰ *Zilda Maciel, *op cit.*

Dotou o casarão de todos os confortos da época, janelas grandes, corredores arejados, pátios internos, jardins interiores, obras de arte, e no alto da casa mandou erguer uma torre com janelas para os quatro pontos cardeais, de onde enxergava suas terras, seus escravos, seu patrimônio. Ao redor da propriedade, mandou abrir um canal, que proveu de uma gôndola com lanternas, e um escravo de libré que fazia de gondoleiro para levar a senhora, suas amigas e as crianças, quando chegaram, para passear pelo jardim, como se estivessem em algum lugar diferente que a cidade que crescia à base do trabalho duro e inhumano das charqueadas. Ergueram-se aqueles *divertissement* típicos do século XIX, aquelas ruínas fabricadas. Inventou, enfim, um mundo à parte, recorte delicado de uma realidade que a baronesa conhecia. Inventou para a esposa, sem saber, o primeiro parque temático do Brasil.³¹

A denominação de chácara, comumente utilizada pela família, se dá devido à construção ter sido erguida nas proximidades da cidade, representando, na época, uma opção de moradia para aquelas famílias mais abastadas que não queriam fixar-se no centro, nem tão próximos às charqueadas. O lugar, coberto de árvores e flores, representava um misto de vida rural e de vida urbana, com o melhor de ambos.

Da planta original da casa e do arquiteto que a fez não se tem conhecimento até o momento, mas seu estilo imponente apresenta características neoclássicas, estilo difundido durante o final do Império brasileiro nessa região. Em uma construção de 820 m², dos quase sete hectares de parque, com base quadrada, possui uma camarinha cercada de janelas, pátio central com um algibe³², interligado à casa pelo lado esquerdo, uma varanda decorada com lambrequins e salão de festas. Perfazendo um total de 22 peças. Nos fundos da construção foi erguida, uma “casa de banhos”, coberta de azulejos

³¹ Trecho do texto postado por Simone Saueressig, em seu Blog *Porteira da Fantasia*, com o título **Na Chácara da Baronesa a Imaginação corre solta**. Postado no dia 8 de abril de 2010. Acessado em 27 de setembro de 2010. disponível em: <http://porteiradafantasia.blogspot.com/2010/04/cronica-de-viagem-o-solar-da-baronesa.html>

³² O algibe é uma cisterna que possui um sistema de captação da água das chuvas que escoavam dos telhados através de calhas. Era utilizado para abastecer a propriedade. Até o momento não foi encontrado nenhum vestígio de que possa ter havido um poço que abastecesse a mesma, além do algibe.

portugueses e banheira de mármore branco. A casa de banhos foi construída posteriormente, talvez por volta de 1900 e 1905, período em que o Casarão passou por uma grande reforma³³.



Figura 8: Casa de banhos. Localizada aos fundos do Parque. Fonte: Acervo digital da autora, 2010.

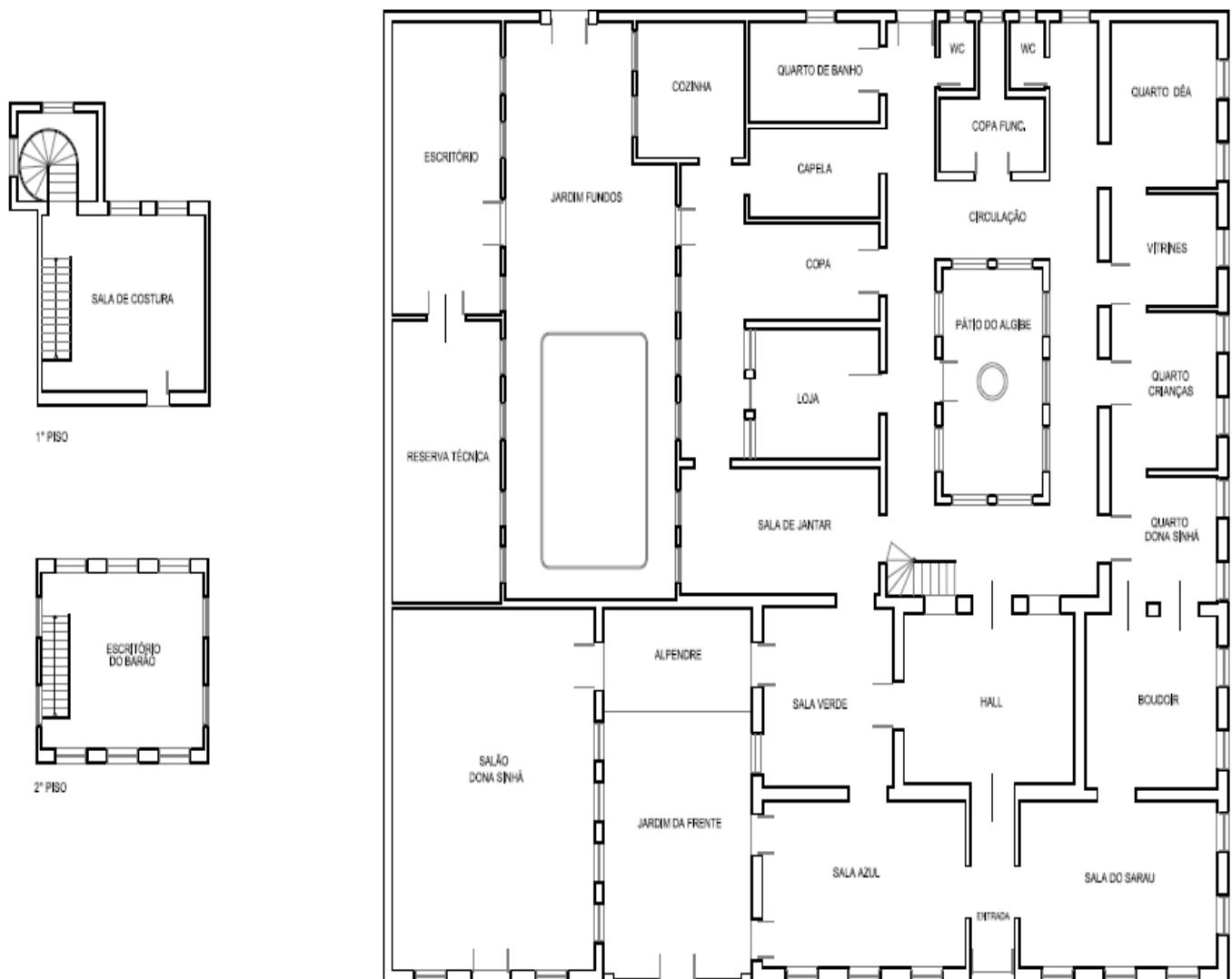
Sobre a casa de banhos, temos os relatos de Zilda Maciel, que ilustram o funcionamento da mesma: “Então os empregados levavam baldes de água quente da cozinha para lá e eu me dava ao luxo de tomar banho de chuva quente, toda vida. Banho de chuva quente!”³⁴

³³ Através das cartas de Amélia para sua filha pode-se precisar a data na qual o casarão passou por uma grande reforma, na troca do piso, instalação hidráulica e a troca do revestimento das paredes.

³⁴ *Zilda Maciel, *op cit.*

A princípio, pensei que a banheira era para uso da baronesa: e já vi, com os olhos da imaginação, a cena mais sensual da Pelotas nobre, a procissão de escravas levando água quente para a banheira, a fumaça erguendo-se em ondas de perfume, os arcos fechados por alvas cortinas de cambraia e renda. De vez em quando, a brisa moleca levanta uma ponta, entreabre uma nesga de tecido e através dela se vê um pedaço de alva pele, um braço de mulher, a panturrilha bem torneada, quem sabe uma espádua e um ombro, e por tudo e por todos os cantos, um parlotear feminino, risos, ordens, confidências maliciosas...³⁵

Figura 9- Planta baixa com a disposição atual do Museu Municipal Parque da Baronesa



³⁵ Simone Saueressig, *op cit.*

A propriedade possui ainda dois jardins, uma gruta construída em 1883, em forma de labirinto, revestida de quartzos, onde se encontra gravado o nome de Amélia, um castelinho – utilizado para a criação de coelhos da Baronesa –, pontes, chafariz e dois lagos. Em 1929 foi encomendada a planta da Villa Stella³⁶, sobrado construído no estilo *bangalô americano*, que serviria de moradia ao neto da baronesa, Delmar e sua esposa. A construção foi concluída em 1935.

O casarão foi construído seguindo a filosofia que iniciou no século XIX, no ocidente, e, de certa forma, perdura até hoje, quanto à disposição das peças que privilegiava o espaço privado, embora seja diferente da nossa noção de privacidade. O privado separaria as alas íntimas daquelas consideradas alas sociais. No solar essa divisão é muito acentuada. Ao adentramos a porta principal da casa, temos do lado direito a concentração dos quartos, todos interligados por um enorme corredor e sem a divisão por portas. Característica bastante comum em construções do século XIX (RYBCZYNSKY, 2002, p.33).

Na ala esquerda, temos a parte social, com grandes salas: a sala azul e a sala de estar, jardim e salão de festas. Ao ser questionada sobre a disposição das peças, Dona Zilda discorre:

O primeiro quarto, à direita, era da vovó. Depois foi feito sala, depois que a vovó faleceu, mas enquanto ela existiu era o quarto dela. E junto do quarto tinha três janelas, quatro janelas, que era do quarto da mamãe, duas do *toilette* e duas outras. Entrava-se na sala de visitas... Tocava a campainha, abria, entrava e o quarto à direita já era a sala, tinha uma primeira sala, a sala de honra, a primeira. Os grandes banquetes e tudo mais eram dados nessa sala.³⁷

³⁶ A planta da Villa Stella encontra-se disponível no acervo do MMPB, data de 1929 e foi feita pelo escritório de engenharia Requião e Dias.

³⁷ *Zilda Maciel, *op cit.*



Figura 10 -Antigo quarto da Baronesa Amélia, atual Sala do Sarau.
Fonte: acervo digital da autora.

Aqui já temos mais uma transformação no uso das peças (cômodos), do quarto da Baronesa em sala de estar, espaço que hoje abriga os manequins com uma parte do acervo têxtil do MMPB, que procura, através das peças expostas, retratar o modo de vestir do final do século XIX.

O centro a pessoa entrava, tinha um corredor pequeno e tinha, do lado direito, tinha a sala. E depois da primeira sala tinham os quartos, não é, o quarto da mamãe, então tinha um depois do outro, com as janelas... tinha a sala de visitas, que só nos grandes dias, a vovó recebia na sala, que era defronte ao corredor, tinha a sala era a sala de estar, que chamavam, ali a vovó recebia as visitas todas e tudo mais. E a sala grande, e à direita era o quarto da vovó, o quarto da Baronesa, depois vinha o quarto da mamãe, que era dividido em quarto e o *toilette*, duas peças muito grandes, o *toilette* era uma peça enorme, tinha até uma coisa, agora acho que não tem mais, tinha uma cadeira pra conversa, era um móvel que mexia as cadeiras, pra um lado e pro outro, era um móvel com uma mesinha.³⁸

³⁸ *Zilda Maciel, *op cit.*



Figura 11- Móvel do século XIX citado por Zilda A. M., chamado de conversadeira.
Foto banco de dados MMPB.³⁹

Muitas foram as mudanças ocorridas desde a construção do casarão em 1863. Podemos dizer que o solar foi readaptado e ressignificado pelos próprios moradores, os quais, de acordo com suas necessidades, foram redefinindo seus usos. Em seu relato Zilda rememora as características da casa em que morou com muita precisão, como se estivesse no local, é como se não houvesse quase um século a separá-la do solar.

Por fora era bege clarinho, bege clarinho. Mais tarde sempre manipulando com azul pálido, bem pálido. Tinha uma porção de pedras, aquelas pedras da gruta, aquelas pedras de cristal, pedaços embutidos, muito bonitos, a gruta era feita toda ela assim, com esses pedaços de cristal, mandado vir de Quaraí, a cidade de Quaraí. Vinham de carroça, imagina, uma viagem de carroça, foram trazidas as pedras todas, pra fazer a gruta e a gruta era toda de cristal, de pedras de cristal, toda rebuscada. E tinha perto da gruta, tinha a casa do caseiro, que era uma casinha pequenininha, mas tinha tudo, tinha o banheiro, tinha a sala, tinha tudo e embaixo era a garagem, onde guardava o... garagem mais ou menos porque tinha uma cocheira, a cocheira,

³⁹ A peça em questão está exposta no quarto de vestir da Dona Sinhá, localizado na segunda peça à direita, depois da entrada. O quarto do casal permanece no mesmo local que era em 1900.

onde tinha os carros, depois os automóveis, mais tarde, não é. Mudou os carros pelos automóveis, mas no princípio eram carros, e até o carro era dirigido pelo cocheiro todo de traje de libré...⁴⁰

A divisão dos cômodos, no interior das casas pertencentes à elite, em meados do século XIX, era feita de forma que houvesse alas restritas para homens e mulheres. “Toda casa era dividida em territórios, reservados para homens e mulheres; a entrada principal desempenhava o papel de ponto de encontro dentro da residência” (PERROT, 2009, p.74). Os jardins funcionavam como locais neutros, onde ambos os sexos podiam conviver em harmonia.

Observemos que, no interior da casa, a biblioteca, o gabinete de trabalho, quando existem, são territórios masculinos onde as mulheres não penetram: o tabernáculo do deus pensante... Esse espaço “expressa uma representação dos papéis sexuais de sua tradução no espaço, quer seja ele doméstico ou público. (DEL PRIORE, 1997, p.35)

Como o espaço descrito por Del Priore, a biblioteca da casa ficava situada no segundo andar, entre o térreo e o escritório do Barão, localizado na camarinha. Esse espaço destinado exclusivamente aos homens foi ressignificado com a morte do Barão, em 1887, passando a ser a sala de costuras, e a camarinha virou a sala de leituras e refúgio da Baronesa Amélia.

É interessante pensarmos nos espaços cada vez mais femininos que foram sendo readaptados na casa, como os dois citados. A feminilização da “casa da Baronesa”, e não do Barão, está presente hoje em sua cor, não mais o bege clarinho e o azul da época que Zilda rememora, mas desde a sua inauguração permanecem os tons róseos, ressaltando ainda mais o caráter feminino do lugar.

⁴⁰*Zilda Maciel, *op cit.*



Imagen 12- Vista externa da camarinha e do algibe. Acervo digital da autora.

No início do século XX, durante o período do carnaval, a sala de costuras ficava repleta de costureiras que trabalhavam, diariamente, na confecção de fantasias, primeiramente para Zilda Maciel e, por último, para Déa Maciel, em virtude de seus compromissos como rainhas do Clube Diamantinos. Sobre esse fato, Zilda relata: “ah, ela tinha um verdadeiro ateliê de costureiras, umas três, ou quatro ou cinco, conforme tinha lá umas vizinhas, não é. Cosiam tudo, ela fazia tudo pra nós”⁴¹. A respeito do carnaval discorrerei melhor no próximo capítulo.

Subia o primeiro lance de escada e tinha justamente ali uma saleta, uma saleta grande que a vovó botava as costureiras lá e tudo mais e *toillet* e tudo, era um andar. E depois subia o outro, que ali era da vovó, todos os dias ela fazia a mesma coisa, ela acordava, tomava um cafezinho pequeno preto, pequenininho, e saía do quarto, e ela subia e, então, ela tomava todas as refeições, menos o almoço e o jantar, não é? Mas durante o dia a vovó ficava lá em cima.⁴²

⁴¹ *Zilda Maciel, *op cit.*

⁴² *Zilda Maciel, *op cit.*

Sobre as representações

Segundo Woodward, as representações incluem sistemas simbólicos e práticas de significação onde os significados são produzidos, posicionando-os como sujeitos. Damos sentido às nossas experiências através desses significados produzidos por elas. “A representação, compreendida como um processo cultural estabelece identidades individuais e coletivas”, “os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar” (WOODWARD, 2000, P.17).

De acordo com Sandra Pesavento, a representação tornou-se uma categoria chave ao analisarmos a nova história cultural, história essa que busca reconstituir o modo como através do tempo, os homens foram capazes de perceber a si próprios e o mundo em que vivem, construindo assim um sistema de ideias e imagens de representação coletiva. (PESAVENTO 1995, p.281)

Roger Chartier entende que as práticas são produzidas pelas representações pelas quais os indivíduos dão sentido ao mundo que é deles. Assim, a leitura que fazem do mundo e o modo como operam esses processos de produção de sentido, forjam esses sujeitos e suas práticas (CHARTIER, 1991, s/p).

Pessoas dos mais diversos segmentos, como arquitetos, professores, escritores e jornalistas estabeleceram vínculos com o Parque da Baronesa. Alguns buscam, através de suas memórias de infância, uma forma de representar esse “lugar de memória”, deixando registros, cada qual na sua área, da força do imaginário, em torno desse local.

Percorrendo alguns sites que falam do prédio do museu, encontrei o seguinte texto de Manoel Magalhães⁴³

Nestes dias ventosos lembro-me do casarão que engolia vento. Ficava lá no bairro Areal, perdido meio ao mato. A velha construção assustava a garotada, cujo prazer era explorar os arredores. O vento forte roncava, açoitando as árvores, perdendo-se nos desvãos dos barrancos próximos. Para chegar ao solar tínhamos de vencer cerca de três quadras de mato fechado, predominando pés de eucaliptos grossos e nodosos, cuja folhagem vociferava contra a agressão do vento forte... Pois é, assim era o silêncio que desabava sobre o velho casarão. Pé ante pé, avançávamos em direção à porta central, cuja madeira dava mostras de senilidade... O objetivo era mirar o interior do casarão entregue às sombras, habitado por aranhas, lagartos, morcegos e tudo mais que coubesse em nossa imaginação, inclusive fantasmas de negros. Rezava a lenda que havia uma princesa aprisionada no sótão do solar, que se aproveitava do silêncio para pedir socorro. Jamais ouvimos voz feminina suplicando por ajuda, não que fôssemos surdos, mas porque a jovem, tínhamos certeza, enfraquecia-se a ponto de apenas gemer e balbuciar frases ininteligíveis. (MAGALHÃES, 2010, s/p)

Ao ser questionado a respeito de seu envolvimento com o Parque da Baronesa, Magalhães diz que

... Para começar, diria que o Casarão da Baronesa foi palco, por assim dizer, de minha meninice. Quando garoto, brinquei muito naquele local, amplamente dominado por um fechado mato de eucaliptos, o qual me assustava muito, mas não a ponto de coibir incursões ao antigo casarão, cujo aspecto fantasmagórico, na verdade, encantava-me muito mais do que assustava. Desde sempre me interesso por história, sobretudo a história de Pelotas, a qual perpassa todos os livros que escrevi e, agora, motivou-me a revisitá-la através das artes plásticas, utilizando-me do estilo *naïf* (primitivo), "narrando" o conflito de brancos e negros no século XIX.⁴⁴

⁴³ O texto intitulado *O casarão que engolia o vento* é de autoria de Manuel Magalhães, escrito em 2010 para o Blog Amigos de Pelotas. Manoel Soares Magalhães é pelotense, jornalista, escritor e pintor *naïf*, tem quatro livros publicados: Guerra Silenciosa - livro-reportagem; Dois Textos Marginais - contos; O Abismo na Gaveta - romance; O Homem que Brigava com Deus - romance; Vampiros - romance. Disponível em <http://www.amigosdepelotas.com/2010/08/o-casarao-que-engolia-o-vento.html>

⁴⁴ Depoimento colhido por e-mail no dia 22 de novembro de 2010, após descobrir em um site, inúmeros trabalhos do autor falando de Pelotas e do encanto de seus casarões.



Figura 13- Pintor e escritor Manuel Soares Magalhães, ao lado de uma de suas telas na qual reproduz o MMPB, em meio a imagens de santos, crianças e negros. Fonte: Acervo particular do autor.

As representações acerca do casarão perpassam o tempo, são apropriadas e ressignificadas, como podemos perceber nos seguintes relatos:

Desde a entrada do parque já se pode ver a construção, feito uma sombra rosa antigo mais ao fundo da propriedade. Tem uma simpatia inusitada, coisa que nem toda casa antiga oferece... Na tarde quente e abafada, entrei pelo corredor sem muita fé. Entretanto, parecia que o recato das janelas fechadas escondia uma ausência. Talvez as salas vazias, apenas a construção velhusca e mofada, poucas peças, uma decepção!, eu temia. Mas só o corredor já era um alívio para o corpo, que nele se escondia uma sombra fresca, e para os olhos: da claridade esfuziante do sol pelotense, para um par de paredes recobertas por belíssimos azulejos vitrificados, com detalhes em alto relevo.⁴⁵

⁴⁵ Texto postado por Simone Saueressig em seu Blog *Porteira da Fantasia*, com o título **Na Chácara da Baronesa a Imaginação corre solta**. Postado no dia 8 de abril de 2010. Acessado em 27 de setembro de 2010. disponível em: <http://porteiradafantasia.blogspot.com/2010/04/cronica-de-viagem-o-solar-da-baronesa.html>

A autora continua relatando sua incursão pela casa, suas impressões, deixando a imaginação correr solta, misturando o que sobre a Baronesa ouviu dizer com aquilo que ia imaginando

Baronesa dos Três Serros... que coisa mais Simões Lopes Neto! A própria história de Amélia é feito uma história de "Contos Gauchescos e Lendas do Sul". De um jeito suave e divertido me lembrou o Cerro do Jaraú (ainda que distante), com sua sucessão de salas, as riquezas, as belezas, naquele espelho, aposto, ela se olhou uma última vez antes do baile, naquela cama se deitou para sonhar, naquele canapé sentou-se para ouvir as fofocas e tramar a vida social da Pelotas de bom ver, na cozinha ordenou que se fizesse mais doce de figo, no salão rodopiou ao som das valsas. Fui imaginando, inventando uma Amélia, inventando uma risada alegre e contagiente, fui criando para mim uma vida que talvez jamais tenha existido.⁴⁶

Ao analisarmos os textos desses dois autores, podemos concordar com Sandra Pesavento quando diz que

Enquanto narrativa e, portanto, representação, o discurso literário cria uma coerência de sentido e fornece uma versão possível e plausível do real. A possibilidade de aceitação desta versão pelo leitor se dá por encadeamentos plausíveis e correspondências entre a narrativa e as lógicas de sentido que brotam das sensibilidades e experiências do leitor em cada época. (PESAVENTO, 2008, s/p).

Além dos textos literários, envolvendo o lado mítico e representativo do Casarão da Baronesa, temos os relatos de seus visitantes, como é apresentado de uma das visitas monitoradas, quando uma senhora de 81 anos pergunta ao guia: “Onde está enterrado o escravo Conrado? Minha avó me contava que ele tinha sido agredido pelo Barão e devido aos ferimentos quedou-se morto. Sendo enterrado nos fundos do Parque”. Minha avó nem gostava de passar aqui na frente, pois dizia que o casarão era mal-assombrado pelos espíritos dos escravos

⁴⁶ Simone Saueressig, *op cit.*

que aqui morreram.⁴⁷ Muitos outros comentários são repetidos diariamente pelos visitantes do Museu, no imaginário daquele que o visita, muitas vezes estão presentes histórias de reis e rainhas e de princesas presas na torre (referindo-se à camarinha).



Figura 14- Teatralização da memória. Baronesa Amélia e o escravo Conrado. Material de apoio MMPB.⁴⁸

A figura 14 retrata os personagens representando a Baronesa Amélia e seu escravo Conrado, durante a teatralização havia um personagem representando o Barão Annibal e outro uma cozinheira. De acordo com os

⁴⁷ De acordo com documentos, Conrado era o mais antigo escravo da Chácara, após ter sido libertado pelo Barão em 1884, ele continuou a residir na chácara trabalhando para a família até a sua morte. Fonte: (Material de apoio MMPB). A visita em questão aconteceu durante uma visita mediada pela autora desse trabalho, no ano de 2008, enquanto era educadora do museu.

⁴⁸ Imagem de um teatro realizado pelo Núcleo de Educação Patrimonial do MMPB, no ano de 2001. A teatralização tinha o intuito de fazer com que os alunos das escolas que frequentavam o museu, tomassem conhecimento da história por trás dos personagens.

registros das atividades⁴⁹, pode-se perceber como eram representados esses personagens. A baronesa como uma mulher fútil e submissa ao marido, e o barão como um carrasco que maltrata constantemente seu escravo Conrado.

Esse trabalho educativo pretendia levar, ao conhecimento dos alunos, a diversidade cultural presente no casarão durante o século XIX, materializando a figura dos escravos. Durante esse período, foi criada uma sala especialmente para representar o “lugar do negro”⁵⁰ no museu.

Dos textos de Zênia de León, já citados anteriormente, segundo ela, em entrevista para o Diário Popular, de sete de dezembro de 1994, “não são ficção, estudei e perguntei muito para chegar a eles, mas as pessoas tem que conhecer a história de uma forma bonita”. A “forma bonita” e romanceada em que fala dos casarões pelotenses e de seus moradores, são representações daquilo que ouviu falar desses lugares e de sua gente.

Zênia presenteou o MMPB e várias outras instituições com exemplares de seu livro publicado em 1993. Na dedicatória ao museu coloca: “Para o Museu Parque da Baronesa com respeito às coisas do passado”. Ainda sobre a construção do jardim e grutas que circundam o parque relata

Um dia pai avisou que ia visitá-los. O marido, querendo dar boa impressão aos pais da moça, mandou enfeitar o jardim da casa, construindo uma gruta cravejada de pedras semipreciosas, gôndolas venezianas para os sogros navegarem no lago da casa, um castelo em miniatura para sua criação de coelhos, para os pais da moça se distraírem. Quando saiu do trem, os pais da moça foram recebidos por uma banda de escravos uniformizados de cores fortes e botões dourados. Para deixar os pais mais à vontade, para as expansões de sua saudade com a filha, ele e a

⁴⁹ Os registros das atividades foram documentados pela equipe de Educação Patrimonial no período de 2000 a 2004 e encontram-se disponíveis no MMPB.

⁵⁰ Reportagem com Carla Gastaud, diretora do Museu na época em que o projeto foi desenvolvido. Fonte: Material de apoio MMPB.

esposa vieram em carruagens separadas, a dele de cavalos negros, a dela de cavalos brancos, que era a que levaria os pais dela para o palácio. À noite, uma festa, com toda a nobreza da região. E então, às lágrimas, o velho vence o orgulho, abraça e beija a filha e finalmente dá sua bênção ao casal..."(LEÓN, 1993, p.238)

No trecho seguinte ela narra o que ouviu falar de uma servente do Museu⁵¹. Muitas dessas histórias ainda são contadas por antigos funcionários e por visitantes.

Cada objeto apresenta-se carregado de história vivida em tempos de antanho. Também de *mistér* narrado com firmeza e convicção. Sob a escada e no local onde estava o piano, bem onde estão os manequins de noivo e noiva, exala um cheiro forte, fortíssimo de vela. O lugar é examinado. Está limpo, constantemente lavado. Foi pintado, é seco, e o detergente perfuma o ambiente. Mas, sem ao menos se esperar, lá vem o cheiro de vela. Mas cadê a vela? Depois passa tempos sem ser sentido. Elas não haviam contado a ninguém. Referiam-se rindo ao fato da serviçal haver se queixado do dito cheiro, sem saber de nada. É já uma coisa natural. (LEÓN, 1993, p. 94-95)

A citação seguinte deixa claro que as intenções de Zênia é narrar um conto de fadas, de acordo com o que “o povo diz”, o “palácio” da Baronesa com sua aura simbólica, como podemos perceber em diferentes relatos, mexeu e ainda mexe com o imaginário de quem o conhece.

O lugar onde teriam acontecido tais coisas existe até hoje. Agora é museu e pertence à Universidade Federal de Pelotas. Vale a pena visitá-lo. É um dos palácios mais belos que já vi. Se aconteceu mesmo esse conto de fadas? Bem, o povo diz que sim. Acredite... se quiser, como no velho programa de TV.(LEÓN, 1993, p.238)

Através da figura 16, é possível imaginarmos a Baronesa Amélia, no outono de sua vida, debruçada na janela de seu quarto a contemplar seu lindo parque, onde na primavera ficava repleto de flores que ela tanta apreciava, “as

⁵¹ Não se sabe de qual servente Zênia se refere.

glicínias e as hortênsias estão floridas, estão uma verdadeira *belezza*⁵², recordando todos os grandes acontecimentos vividos no “velho casarão”, momentos felizes como os nascimentos dos filhos e netos, grandes jantares de aniversários. Não deixando de emocionar-se ao relembrar as suas perdas, como a morte de seu querido marido.



**Imagen 15. Janela do antigo quarto de Amélia.
Acervo digital da autora, dezembro de 2008.**

Para encerrarmos esta parte do trabalho, gostaria de utilizar um trecho de uma das cartas da Baronesa para sua filha, que fala das recordações de Amélia sobre o “velho casarão”

Pelo que me dizes a nossa *chacara* esta sofrendo grandes transformações tal qual que com certeza eu não a conheço mais. Pela tua descrição, deve ficar tudo mtº bonito e Deus permita, que vocês, mais feliz que eu, a pôssão gozar por mtºs anos.. Para mim Ella representará sempre a mais viva das cores, a felicidade perdida, não havendo um só ponto, que não *disperte* em mim a lembrança d'aqueles que tanto amei, e que já perdi.⁵³

⁵² Carta de Amélia, Pelotas 4 de setembro de 1917.

⁵³ Carta de Amélia, Curitiba, 6 de setembro de 1903.

2.2. Uma família oitocentista



Figura 16- Fotografia da família Antunes Maciel. Fonte: Acervo MMPB.⁵⁴

A família, como rede de pessoas e conjuntos de bens, é um nome, um sangue, um patrimônio material e simbólico, herdado e transmitido. A família é um fluxo de propriedades que depende primeiramente da lei (PERROT, 2009, p.91).

No extremo sul do Rio Grande do Sul, desde o final do período colonial, estabeleceu-se uma estrutura econômica de base agrária, latifundiária e escravocrata. A economia pastoril contribuiu para o “fortalecimento das fortunas locais, as concessões reais de terras e de cargos visavam garantir a continuidade da dominação patrimonial-estatal, acabando por fortalecer as parentelas ricas e poderosas da região” (CARDOSO, in HOLANDA, 2001, p. 561).

⁵⁴ Na imagem aparecem “Dona Sinhá”, seu marido Lourival Antunes Maciel e os filhos, Mozart, Deomar, Lourival, Rubens, Zilda e Déa.

Gilberto Freyre e Sergio Buarque de Hollanda foram os pioneiros a debruçarem-se nas questões relativas à família brasileira. Freyre aborda a organização familiar patriarcal, caracterizada pela desigualdade entre os membros da família como herança de uma sociedade de base rural e escravocrata (FREYRE, 1987, p.27 a 49). Já para Hollanda, a família é um importante legado da colonização portuguesa. Os dois autores concordam que as relações familiares giravam em torno da influência do Estado sobre a família (HOLANDA, 1988, p.36 a 65).

Durante os séculos XVIII e XIX, essa estrutura baseada nos grandes latifúndios e na acentuada dispersão populacional favoreceu a instalação de uma sociedade paternalista, centrada na figura do pai, que tinha na figura feminina a imagem de mãe devotada, responsável pela geração de um grande número de filhos (SAMARA, 1986, p. 10-11).

As pesquisas de Eni de Mesquita Samara em torno da família propõem um alargamento da discussão, destacando o papel da mulher, do apadrinhamento e do casamento. Na presente pesquisa pretende-se desvendar as formas de viver em família, pontuando os diferentes papéis exercidos no interior do grupo familiar dos Antunes Maciel.

O modelo familiar descrito por Samara enfatizava a autoridade do marido, enquanto que à esposa cabia um papel mais restrito ao âmbito doméstico. Em se tratando das mulheres pertencentes à *nobreza brasileira*, cabia-lhes a organização de jantares e festas para receber os convidados do marido, além de cuidar da manutenção da ordem geral da casa.

De acordo com os registros disponíveis, a família Antunes Maciel estabeleceu-se no Brasil por volta de 1580, sendo de origem portuguesa. Os primeiros irmãos Antunes Maciel aportaram em Santos e fixaram residência em Sorocaba e Itu.⁵⁵

O pai do Capitão João Antunes Maciel, Antonio Antunes nasceu em Viana do Castelo, Portugal, onde se casou com Maria Maciel, estabelecendo assim a linhagem da qual o Barão de Três Serros viria a descender.

Com base na genealogia⁵⁶ da família Antunes Maciel e nos documentos de batismo e de casamento pesquisados, pode-se dizer que a família estabeleceu-se em Pelotas por volta de 1820. O avô do Coronel Annibal nasceu em São Paulo e veio morar no Rio Grande do Sul. O Coronel⁵⁷ Aníbal Antunes Maciel, nasceu em Rio Grande/RS e faleceu, em 18 de janeiro de 1874, em Pelotas, onde foi sepultado. Casou-se com Felisbina Maria da Silva (1808-1887). Era um grande latifundiário, possuindo terras no Rio Grande do Sul e no Uruguai, dedicadas principalmente à pecuária.

⁵⁵ Os números 3 e 4 (1938) da Revista do Instituto de Estudos Genealógicos de São Paulo fazem referência ao batizado do Capitão João Antunes Maciel (S. Leme, v.1º, pág. 129), realizado em São Paulo no ano de 1642, conforme a seguinte descrição: “Aos doze dias de junho de 1642, batizou o Padre Salvador de Lima (do Canto) a João, filho de Gabriel Antunes e Anna da Luz e lhe pôs os santos óleos” (Cúria 1.1.º de batizados, fls. 11 v). Assim, no Brasil, podemos considerar Gabriel Antunes Maciel e Ana da Luz como sendo o tronco da árvore dessa família. Para saber mais a esse respeito ver: <http://www.camarassparaiso.mg.gov.br/web3/downloads/historiadacidade.pdf>

⁵⁶ O conceito de genealogia adotado nessa pesquisa busca as origens de linhagem familiares, remontando às suas estruturas de parentesco, situando-as historicamente. Dessa forma, a genealogia contribui para a reflexão histórica. Para saber mais a respeito do tema, ver F. Héritier, “Parentesco; Família e Casamento, in R. Romano, Encyclopédia Einaudi.

⁵⁷ Durante o século XVII, em muitos países da Europa, os coronéis, membros da nobreza, passaram a ser os proprietários ou titulares dos seus regimentos, responsabilizando-se pela sua administração, instrução, pagamento, fardamento e recrutamento. Os coronéis, por sua vez, estabeleceram contratos com o seu soberano para, eles e os seus regimentos, servirem no seu exército. No século XIX, em quase todos os países, a patente de coronel, tornou-se um posto profissional militar, mantendo a responsabilidade pelo comando de um regimento ou uma unidade equivalente.

A família exercia grande influência econômica e política em Pelotas e, em escala bem menor, na Corte. O Coronel Annibal era irmão de Eliseu Antunes Maciel. Eliseu foi fundador do Liceu de Agronomia, Artes e Ofícios de Pelotas, criado no ano de 1887, sendo também o seu primeiro diretor. As aulas naquele estabelecimento de ensino iniciaram no dia 14 de maio de 1888. Em 1926, o liceu passou a ser chamado de Escola de Agronomia e Veterinária Eliseu Maciel, em sua homenagem. Seu filho Francisco Antunes Maciel, Barão de Cacequi, primo do Barão dos Três Serros, foi ministro dos Negócios do Império, período no qual sua família foi a principal incentivadora da Imperial Escola de Medicina Veterinária e de Agricultura Prática, criada em Pelotas, no ano de 1883, para a qual doou o edifício.

Após a queda do gabinete liberal, do qual Eliseu fazia parte, em 1885, a escola foi fechada pelo novo ministro conservador, Antônio da Silva Prado, que alegou a necessidade de redução de despesas. Porém, dois anos depois Silva Prado criou a Imperial Estação Agronômica de Campinas.

Leopoldo Antunes Maciel – Barão de São Luis –, irmão de Francisco Antunes Maciel e primo do Barão dos Três Serros, também recebeu título de nobreza, por haver libertado seus escravos antes da abolição da escravatura. Pode-se observar que membros da família ocuparam muitos cargos importantes entre meados do século XIX e as primeiras décadas do século XX. Sob o regime imperial, foram barões, coronéis e ministros.

O modelo de família extensa, descrito por Samara, enquadra-se na família Antunes Maciel: composta por grandes latifundiários, pecuaristas, charqueadores e membros da nobreza. Este modelo caracteriza-se por ter mais

de uma geração residindo em uma mesma casa, além dos escravos, empregados e alguns apadrinhados.

Várias histórias curiosas circulam sobre o Coronel Annibal Antunes Maciel, pai do Barão. De acordo com relatos orais de Magali Antunes Maciel⁵⁸, tataraneta do mesmo, ele era um homem muito corajoso, mas vingativo. Na sua família contavam que, quando o Cel. Annibal tinha 12 anos, vândalos entraram na sua casa e mataram sua família. Ele fugiu com sua irmã. Posteriormente, ele teria se vingado, matando um por um os assassinos de seus pais. Conta também que, em virtude desse fato, o coronel ficou com uma perna paralítica.

Se isso de fato aconteceu, não se encontrou nenhum registro que comprove. Como bisneta dos Barões de Três Serros, Magali cresceu ouvindo histórias a respeito de sua família, seus “grandes feitos”, feitos de “extrema bondade” e “atos de vingança”, o que corroborou para que ficassem, em sua memória, determinadas lembranças, as quais ela passou para seus filhos e netos.

⁵⁸ Relato colhido por Carla Gastaud, em breve visita de Magali Antunes Maciel ao MMPB, no dia 7 de dezembro de 2001, no MMPB.

2.3. O Barão dos Três Serros

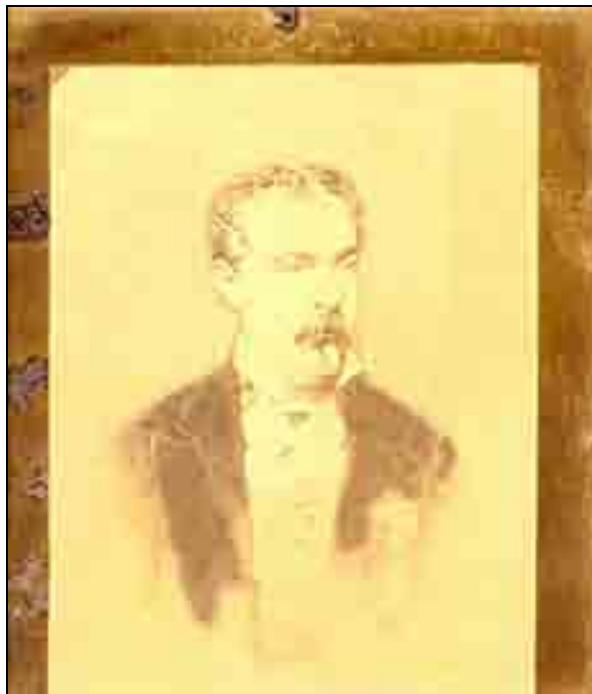


Figura 17- Barão dos Três Serros, Annibal Antunes Maciel.
Acervo MMPB.

Parafraseando Michele Perrot, no teatro da vida privada, que tem como núcleo principal a família, o pai é o principal ator. A partir dessa frase, passo a narrar alguns acontecimentos importantes na vida privada, social e política de Annibal Antunes Maciel, futuro Barão dos Três Serros. “O chefe é o pai e apenas sua morte dissolve a família, ao liberar os herdeiros. A família é o todo superior às partes, que devem se submeter a ele; constitui, na sociedade oitocentista”, um grupo holista. (PERROT, 2009, p.80).

Annibal Antunes Maciel nasceu em Pelotas, em 4 de setembro de 1838, no seio de uma família influente econômica e politicamente, importante pré-requisito para a ascensão de seus membros no Brasil oitocentista. Sobre a grafia correta de seu nome, foi encontrado apenas na sua certidão de casamento o sobrenome

Junior, o que talvez proceda por possuir o mesmo nome de seu pai⁵⁹. Segundo Hegel, “a família é a garantia da moralidade natural, um objeto de devoção para os seus membros” que tem como alicerce o casamento monogâmico, sendo que o patrimônio familiar é, ao mesmo tempo, necessidade econômica e afirmação simbólica.

Ainda conforme Perrot, a respeito dos papéis na família, “o homem possui sua vida substancial real no Estado, na ciência e também no trabalho e na luta com o mundo e consigo mesmo” (PERROT, 2009). Tal definição parece ser adequada para caracterizar a trajetória de Annibal Antunes Maciel. Era bacharel em Ciências Físicas e Matemática⁶⁰, atuando como ajudante de ordens do Conde de Porto Alegre, durante a Guerra do Paraguai⁶¹, sendo condecorado com a Cruz de Bronze. Foi comendador da Ordem Imperial de Cristo⁶². Também ocupou o cargo de vice-presidente da Biblioteca Pública Pelotense em 1886, tendo como presidente Alfredo Gonçalves Moreira. Annibal foi vereador de Pelotas no ano de 1882.⁶³

⁵⁹ Na sua certidão de casamento encontramos o nome na seguinte forma: Annibal Antunes Maciel Junior, mas em nenhum outro documento o Junior aparece. Ver certidão de casamento dos Barões em anexo.

⁶⁰ No Brasil Império foram separados, através de Decreto lei (sob o número 2116, com data de 1 de Março de 1858), o curso de Matemática e Engenharia Civil da Escola de aplicação do Exército. Como o curso da **Escola Central** era o único no Brasil e não se tem notícias de que Annibal tenha estudado fora do país, acredita-se que ele tenha se formado Bacharel em Ciências Física e Matemática na, então denominada, **Escola Central**, localizada no Rio de Janeiro. Fonte: *A Matemática no Brasil*, disponível em: <http://www.accefyn.org.co/PubliAcad/Clovis/Clovispdf/3.pdf>

⁶¹ A respeito da Guerra do Paraguai verificar os trabalhos de: COSTA, Wilma Peres. A espada de Dâmocles: o exército, a Guerra do Paraguai e a crise do Império. São Paulo: HUCITEC/Ed. da UNICAMP, 1996; MARQUES, Maria Eduarda C. Magalhães (org.). A Guerra do Paraguai: 130 anos depois. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995; SALES, Ricardo. A guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do exército. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

⁶² A Imperial Ordem de Nossa Senhor Jesus Cristo é uma antiga ordem honorífica brasileira, originada a partir da Ordem Militar de Cristo (Portugal). Essa ordem premiava tanto militares como civis. Durante o reinado de D. Pedro I foram 2630 ordens concedidas. Até 1843 possuía um caráter religioso, destituído por meio de decreto, em 9 de setembro de 1843. Foi extinta após a proclamação da república. (POLIANO, 1986).

⁶³ De acordo com a lista de Vereadores e intendentes na Revista do Centenário de Pelotas. Acervo MMPB

Assumindo seu papel como chefe de família, casou-se, aos 26 anos de idade, com Amélia Fortunata Hartley de Brito. Sobre sua vida em família, pouco se sabe, a não ser através dos relatos de parentes, das cartas da família e dos constantes elogios veiculados pelos jornais da época. De acordo com a historiografia, um bom pai naquela época era aquele que possuía firmeza de caráter e bens suficientes para o sustento da família.

Annibal Antunes Maciel, o Barão dos Três Serros, sempre gozou da fama de ser bastante culto e instruído, segundo os jornais da época. Tal visão foi ratificada por sua neta, Zilda Maciel:

O vovô tinha de tudo porque ele era muito culto, não é, e lia muito bem francês, porque esteve muito tempo na Europa, de maneira que eles liam francês muito bem e tal, a vovó também, eles eram muito cultos. A biblioteca deles tinha um armário, quando subia a escada...⁶⁴

De acordo com Bosi, os idosos reconstruem suas trajetórias a partir de referenciais do presente, Zilda ao falar de seu avô, procura enaltecer suas qualidades, talvez para reviver um passado em que sua família exercia grande fascínio na sociedade pelotense. Quando Zilda discorre sobre a enorme biblioteca imaginamos um amplo local cheio de livros, mas tal espaço é relativamente pequeno e situava-se acima da escada, local de pé direito inferior ao restante da casa, e que, portanto não comportaria um grande número de livros. Talvez para uma menina, aquele espaço representasse mesmo ser maior, devido às histórias que Zilda ouviu contar de seu avô e de “seus grandes feitos”. Ela não conheceu seu avô Barão, o que ela conta foi o que dele ouviu falar.

⁶⁴ *Zilda Maciel, *op cit.*

Filho de coronel e sobrinho de Eliseu Maciel, Annibal gozava de grande prestígio junto às autoridades do Império, pois possuía um bom número de terras, tanto no Brasil quanto fora do país⁶⁵. Nessa época, a quantidade de terras dava status ao dono. Grande latifundiário e pecuarista era proprietário das fazendas São Pedro, do Pavão, do Paraíso, das Três Cruzes e dos Três Serros⁶⁶, localizadas no Rio Grande do Sul, e das fazendas *Salsipuedes* e Arroio Malo, no Uruguai.

Apesar do grande prestígio desfrutado por Annibal e sua família, faltava-lhe um título de nobreza para conferir-lhe real valor junto à Corte:

Entrar para a nobreza significava cumprir uma série de prerrogativas sociais e econômicas, além de se fazer notar nos círculos da Corte. A prática de distribuição de títulos foi trazida para o Brasil, juntamente com a família real, em 1810, dando continuidade aos procedimentos lusitanos de formalização das mercês e cartas de brasões em terras coloniais. (MUAZE, 2008, p.41)

Annibal Antunes Maciel recebeu o título de Barão dos Três Serros, conferido pela Princesa Isabel, em 26 de julho de 1884,⁶⁷ depois de ter alforriado seus escravos naquele mesmo ano, portanto quatro anos antes da abolição da escravatura no país. O título de Barão⁶⁸ era concedido a importantes nomes da sociedade por “favores” e “grandes feitos” que de alguma forma beneficiavam o

⁶⁵ Ver Testamento de Aníbal Antunes Maciel - Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul. Inventário do Barão de Três Cerros. Nº 1071, Maço 60. Estante 25, Ano 1887. 1º Cartório de Órfãos e Provedoria.

⁶⁶ A estância dos Três Serros viria ser o nome do seu título honorífico, Barão dos Três Serros.

⁶⁷ De acordo com Lilia Schwarcz, a distribuição de títulos nobiliárquicos começou a ser utilizada por D. Pedro I, porém não de forma acentuada, como com seu sucessor, quando se enraizou uma verdadeira “corte tropical”. Os títulos eram concedidos em ocasiões especiais e por diferentes motivos, como: serviços prestados, provas de patriotismo, fidelidade e adesão a S.M.I. etc. A nobiliação era dada por decreto imperial e, para que o agraciado tivesse o direito de utilizá-la, deveria pagar as taxas para o recebimento da “carta de mercê nova” e seu registro no livro, a fim de completar a legalização dos trâmites (SCHWARCZ, apud MUAZE, 2008, p. 41).

⁶⁸ Segundo MATTOZO, 1992, para ser nobre no Brasil Império era preciso ter muitas posses. Pela tabela de 2/4/1860, ser nobre no Brasil custava, em contos de réis: Duque: 2:450\$000=R\$ 122.500,00; Marquês: 2:020\$000=R\$ 101.000,00; Conde: 1:575\$000=R\$ 78.750,00; Visconde: 1:025\$000=R\$ 51.250,00; Barão: 750\$000=R\$ 37.500,00. Os valores acima foram atualizados considerando a gr. de ouro a R\$ 50,00.

governo imperial no Brasil. É evidente que naquela época já existia um ativo movimento abolicionista no país, mas em Pelotas, onde quase a totalidade da mão de obra era escrava, a abolição viria colaborar para uma grande crise econômica, em virtude do declínio das charqueadas.

Acerca do recebimento do título de nobreza, Zilda Maciel fez a seguinte observação:

Ah, sim. Quem deu o título a ele foi o Imperador, o Imperador é que deu, Pedro II, não é? Deu a eles o título, porque eles eram muito... Tratavam muito bem dos pobres e dos pretos, os pobres chegavam lá, era um montão de gente pra cuidar e já tinha... Ninguém saía de lá sem estar de estômago cheio.⁶⁹

No relato da neta dos Barões percebe-se o que ficou marcado no imaginário pelotense, a respeito da abolição “antecipada” dos escravos na chácara. Para ela, o título foi concedido devido à grande bondade do seu avô para com os escravos, não levando em conta as questões políticas e de interesse que levaram ele e outros estancieiros da época a esse ato.

Mário Osório Magalhães assim se referiu aos inúmeros títulos de nobreza concedidos a pelotenses durante o Império: “a grande maioria recebeu os seus títulos nos anos derradeiros do Império, como prêmio pela libertação antecipada de escravos, verificada em Pelotas, quatro anos antes da abolição. São exemplos os Barões de Arroio Grande, de Correntes, de Santa Tecla, de São Luís e de Três Cerros” (MAGALHÃES, 1993. p.118).

Apesar de ser um título de baixa nobreza, o baronato foi uma importante forma de aquisição de prestígio social para os nobres proprietários de terras e

⁶⁹ *Zilda Maciel, *op cit.*

charqueadas. Não era comum que barões ocupassem cargos políticos importantes nacionalmente. Segundo José Murilo de Carvalho, a distribuição desses títulos de nobreza pretendia aproximar os grandes latifundiários da Coroa, sem, necessariamente, torná-los políticos (CARVALHO, 2003, p.258).

Annibal Antunes Maciel - Barão dos Três Serros



Figura 18. Brasão do Barão dos Três Serros - Acervo MMPB⁷⁰

O título de barão é classificado no direito nobiliárquico como o último numa escala de valores, sendo outorgado ou agraciado em recompensa a serviços prestados, ou adquirido segundo a legislação do lugar ou da época. No caso do Brasil Império, foram 1211 títulos outorgados, sendo 3 de duques, 47 de

⁷⁰ Armas esquarteladas: no 1º, partido em pala: na 1ª, de prata, duas flores-de-liz, de azul, postas em pala, na 2ª, de prata, uma meia águia de vermelho, armada de negro; no 2º, de ouro, três Cerros de verde; no 3º, de vermelho, meia esfera armilar de ouro, partida ao meio; no 4º, de azul, as letras T e S, em monograma, de prata; ao centro, um escudete de ouro, com um ramo de macieira e frutos de sua cor. Divisa: Beneficentiae Premium. Coronel de barão.

marqueses, 51 de condes, 146 de viscondes com grandeza, 89 de viscondes, 135 de barões com grandeza e 740 de barões (CARVALHO, 2003 p. 232).

Temos como característica destes títulos da Nobreza Brasileira, o caráter *ad personam* (de caráter pessoal, isto é, válido apenas para o agraciado, não sendo hereditário). Eram títulos concedidos apenas por uma vida, o que torna este título intransmissível, podendo ser usado apenas pelo agraciado enquanto for vivo, o que invalida de maneira definitiva a pretensão à hereditariedade dos títulos brasileiros de nobreza. A relação jurídica limitava-se à concessão e ao recebimento da honraria pelo agraciado e, com sua morte, o título revertia à Coroa, passando a integrar o patrimônio heráldico do Império, onde permanecerá *in potentia* até ser reabilitado por nova concessão do Imperador. (CARVALHO, 2003 p. 233).

Era o Barão, homem de grande riqueza, acumulada com trabalho e prestígio caridoso e preocupado com a necessidade dos humildes. Foi benemérito para com as casas de caridade. Seu lado humano e liberal é que chama atenção, quando se preocupava com a sociedade que o rodeava. Foi daqueles que libertou os escravos antes da Lei Áurea (58 escravos). Libertou-os todos de uma só vez, sem condição nenhuma, uma liberdade pura... (LEÓN, 1993, p.91)

De acordo com a citação acima, foi a *bondade extrema* do Barão e de alguns *nobres pelotenses*, que fez com que esses libertassem seus escravos anteriormente à lei abolicionista. Como já foi falado anteriormente, a abolição já era um fato, e só dependia de tempo. Tornar-se barão em troca de favores à coroa era uma situação bastante vantajosa para os nobres pelotenses da época, pois assim poderiam gozar de prestígio junto à coroa e influenciar politicamente seus conterrâneos.

Do lucro que viria com o baronato, Annibal não pode gozar durante muito tempo, pois morreu três anos após receber o título. Morreu aos 49 anos de idade. Sobre a causa de sua morte, especula-se que tenha ocorrido em decorrência de uma antiga lesão no coração, adquirida na Guerra do Paraguai. Mais um fato que pode ser um tanto mítico, pois nada mais nobre que morrer em virtude de um ferimento de guerra, mesmo não havendo nenhum documento que ateste sobre a causa morte. Talvez o fato de ter morrido ainda jovem tenha colaborado para que a influência da Baronesa fosse ainda maior após a sua morte.

Sua morte foi bastante noticiada nos jornais pelotenses. Em meio às diversas notícias publicadas, pode-se destacar a seguinte:

Barão de Tres Serros

Julgamos prestar homenagem sincera à sociedade pelotense, publicando no primeiro número de nossa folha o retrato do cavalheiro que, em vida, se chamou Barão de Tres Serros. Nunca é tarde para render culto ao verdadeiro mérito.

E assim, com quanto a imprensa diária tenha já se *occupado* do *illustre* personagem, traçando-lhe a *biographia*, não nos julgamos desobrigados de seguir-lhe as pegadas. Na hora suprema da morte, ante a algidez *tetrica d'um cadaver*, é de coração generoso esquecer defeitos para só recordar virtudes. E, se a pessoa de quem tratamos, não podemos fugir à regra *inflexivel* que determina as *acções* da humanidade, teve defeitos, ficaram *elles eclypsados* pelas virtudes, que eram em grande numero. Em cada peito de pobre teve *elle* um altar; em cada viúva desvalida, uma alma agradecida, pelos *innumeros* benefícios que receberam de suas mãos. *Ninguem* recorreu jamais à sua *philantropia*, que não *sahisse* contente e grato. Bom cidadão, dedicou-se desde muito cedo à carreira publica, servindo em *varios* cargos de nomeação do governo e eleição popular. *Nelles* deu continuas provas de patriotismo. O magno problema da abolição do elemento servil, foi por *elle* critério samente pesado. Queremos mostrar que *contribuia* na medida de suas forças para a obra da regeneração popular, deu gradativamente liberdade a todos os escravos. Em *summa*, o título de Barão de Tres Serros – que lhe foi dado pelo governo imperial – mereceu-o. Os títulos *nobiliarchicos* dizem bem nos homens fidalgos pelo coração e pelo amor à *patria*. Se teve *fraquesas*, *perdoelmol-as*. Quem as não tem tido, por mais que sobrenade acima do mar da vulgaridade. Nestas palavras temos explicado a nossa intenção, ao inserir estas linhas. A *illustre* Baronesa de Tres Serros, - a

quem apresentamos respeitosos as nossas condolências, será por certo a continuadora das obras caridasas do seu marido.

Redacção⁷¹

Em consequência de sua morte, por vários meses, os jornais locais enalteceram as virtudes do Barão, sua inteligência e bondade, prestando condolências à família enlutada. As representações criadas em torno da morte do Barão, sua possível causa tornaram Annibal um exemplo de fidalguia para Pelotas.

Em seu testamento, lavrado dois anos antes de sua morte, figuram entre seus bens as fazendas “São Pedro”, do “Pavão”, fazenda dos “Três Serros” e do “Paraíso”, no Brasil. No Uruguai, as fazendas de “Arroyo Mallo”, “Salsipuedes” e “Três Cruzes”. O montante mor apresentava-se da seguinte forma:

Bens de raiz: 761: 250\$ 000; Móveis: 15:450\$000; Joias: 23:950\$000; Pratas: 7:450\$000; Ações: 15:600\$000; Dívidas Ativas: 47:208\$198; Semoventes: 296:511\$500.⁷²

A fortuna foi calculada em um mil, cento e dezessete contos, quatrocentos e dezenove mil, seiscentos e noventa e oito réis (1:117:419\$698 réis⁷³), sendo dividida em duas partes. À viúva, a Baronesa Amélia, coube a quantia de 558:709\$849 réis, sendo o restante dividido igualmente entre seus oito filhos.

⁷¹ Fonte: “A Ventarola”, Folha Ilustrada e Humorística. Anno 1, Pelotas 1887, nº 01. PP. 2-3.- Acervo Biblioteca Pública Pelotense. Optou-se aqui por manter a grafia original.

⁷² Arquivo Público do Rio grande Do Sul. Inventário do Barão dos Três Cerros. Nº 1071, Maço 60, Estante 25, Ano 1887. 1º Cartório de Orphãos e Provedoria.

⁷³ De acordo com a tabela disponível no livro de MATTOSO, 1992, sobre a Classificação das Fortunas no Império feito para a Província da Bahia 1801-1890, que pode ser estendido a todo o Império, a fortuna do Barão deixada em herança era considerada grande em comparação as fortunas no Brasil Império. **Classificação das Fortunas em contos de réis:** Muito pequenas-até: 200\$000 réis; Pequenas-201\$000 réis a 1conto (= 1:000\$000); Médias/baixas-1:100\$000 a 2 contos; Médias-2:100\$000 a 10 contos; Médias/altas-10:100\$000 a 50 contos; Grandes/baixas-50:100\$000 a 200 contos; Grandes/médias-200:100\$000 a 500 contos; Grandes-500:100\$000 a 1.000 contos.

A figura do Barão como o exemplo de homem digno e devotado à Coroa, é encontrada nos diferentes relatos de seus familiares, nos jornais da época e em contos literários. A maioria deles traz uma carga bastante forte de nostalgia, pois tanto a neta Zilda, como a bisneta Magali, não o conheceram pessoalmente, mas dele ouviram falar muito pela voz da Baronesa Amélia. De acordo com suas cartas, Amélia sentiu muito a perda de Annibal, uma jovem viúva com filhos e responsabilidades novas.

CAPÍTULO 3

Guardiãs da Memórias: As *Meninas Macieis*



Figura 20- Déa Antunes Maciel, Carnaval de 1929. Acervo MMPB.

Ao dar início ao capítulo intitulado *Guardiãs de memórias: As meninas Macieis*, faz-se necessário explicar a escolha do título. Ao reler as cartas da Baronesa para Sinhá deparei-me com a expressão as *meninas Macieis*, utilizada pela primeira vez na carta de 12 de março de 1918, onde Amélia referia-se as suas netas Zilda e Déa, “As meninas Macieis pensam em vir para o Rio?” decidi então adotar a expressão, já que neste capítulo discorro sobre a trajetória de quatro mulheres da família Antunes Maciel.

O referencial teórico empregado na construção dessa discussão destaca a obra de Michelle Perrot, que utiliza, como referência, categorias atuais como as desigualdades de gênero e as manifestações da sexualidade, para narrar a história das mulheres. Parte de uma história do corpo e dos papéis desempenhados na vida privada até chegar ao espaço público. Para ela, as mulheres ao longo da história “são imaginadas, representadas, em vez de serem descritas ou contadas” (PERROT, 2008, p.17).

Mary Del Priore traz, em seu vasto trabalho sobre as mulheres brasileiras, as questões de poder. De acordo com a autora, essa questão se funda na relação entre os sexos. Portanto, a distinção entre o público e o privado aparece como uma categoria política, “expressão e meio de uma vontade de divisão sexual dos papéis, das tarefas, dos espaços, produtora de um real remodelado sem cessar” (DEL PRIORE, 1997, p. 261).

Para Del Priore:

Os homens do século XIX apoiam-se sobre uma dupla experiência: a do poder dos costumes, mais forte do que as leis, e contra os quais se chocam as vontades revolucionárias mais afirmadas, e a decisão política viril tropeça na sociedade civil repleta de feminilidade. A outra experiência reside na resistência da família, na eficiência da educação e, consequentemente, na tomada de consciência do poder das mães. (DEL PRIORE, 1997, p. 266).

De uma história que a princípio se interessa apenas pela mulher no âmbito do privado, a partir do século XIX, começa a forjar-se uma história do feminino cercada de representações em torno do seu poder por trás dos homens: é ela quem gera, cria e educa os homens, sejam eles membros da nobreza ou representantes do povo.

Os homens continuam a exercer seu poder no âmbito privado, mas o papel da mulher é bem mais valorizado. Já a partir da segunda metade do século XIX, as mulheres são remetidas ao trabalho fora do lar, passando a lutar pelo controle dos bons costumes, através da filantropia. Esse é o caso da Baronesa Amélia e de sua filha Sinhá, assunto que tratarei nos itens 3.1 e 3.2.

Ao começar a pesquisa sobre as mulheres Antunes Maciel, um fato interessante foi a quantidade de cartas, cartões postais e fotografias preservadas, bem como recortes de jornais e revistas. Pois, como afirma Perrot, “a destruição dos vestígios femininos ocorre, sendo social e sexualmente seletiva. Num casal, cujo cônjuge masculino é célebre, serão conservados os papéis do marido e não os da mulher”. Para a autora, muito dos arquivos femininos são autodestruídos, pois elas próprias estão convencidas de sua insignificância e com medo que suas intimidades caiam em mãos erradas.

“Queimar papéis na intimidade do quarto é um gesto clássico da mulher idosa” (PERROT, 2008, p.21-22).

A correspondência, entretanto, é um gênero muito feminino... as mães, principalmente, são as epistológrafas do lar. Elas escrevem para parentes mais velhos, para o marido ausente, para o filho adolescente no colégio interno, a filha casada, as amigas de convento... a carta constitui uma forma de sociabilidade e de expressão feminina, autorizada, e mesmo recomendada, ou tolerada. (PERROT, 2008, p. 28-29)

Ao que parece, mesmo contra os pedidos de sua mãe para destruir algumas cartas⁷⁴, Sinhá resolveu guardar as correspondências familiares como que para preservar a memória da família. De acordo com Débora Clasen de Paula, Sinhá assumiu o papel de “*porte-parole*” ou “*archivité de la mémoire familiale*”. A autora ressalta também que talvez, devido ao solar ter permanecido na família e depois doado ao município, tenha se dado a conservação do acervo mantido por Sinhá, o qual permaneceu na chácara por mais de um século até a virar acervo museal (PAULA, 2008, p. 17-18).

E é dessas mulheres que este capítulo tratará como uma forma de trazer à tona a intimidade feminina da família Maciel, seus papéis no seio familiar e suas relações em sociedade.

⁷⁴ Em várias cartas de Amélia para a filha Sinhá, a baronesa manifesta o desejo de que ninguém leia a carta, além da filha, e pede que ela queime as mesmas.

3.1. A Baronesa: Escrita de Si

A bela moça, a janela, o entardecer, o moço desconhecido, a troca de olhares, as roupas rústicas, o pulo do coração, no dia seguinte o cumprimento, o tirar do chapéu, e no dia seguinte, e no dia seguinte, a apresentação aos pais, os pais desconfiados, o ‘minha filha tenha cuidado não sabemos quem é ele’, o ‘mas eu o amo’, o ‘mas ele é do interior’, o ‘mas eu o amo’, o ‘mas você terá de nos deixar’, o ‘mas eu o amo’, a concordância relutante dos pais, o casamento, as lágrimas, a partida, a viagem rumo à nova vida, a chegada à terra distante, o palácio do desconhecido agora marido, o assombro da moça agora esposa diante de tanta beleza... é assim que teria sido a vida de Amélia Hartley de Brito, a moça que se casou com o Barão dos Três Cerros... (LEÓN, 1993).

A partir dessa pequena história contada por Zênia de Leon, no modelo de um conto de fadas, passamos a descrever a vida de Amélia Hartley de Brito, seu nome de solteira. De sua trajetória antes do casamento com Annibal, pouco se sabe. Na sociedade patriarcal oitocentista, a figura feminina só passava a destacar-se após o casamento e pela posição do marido. Temos aqui, então, o casamento como um divisor de águas, um rito de passagem na vida de Amélia.

Amélia Hartley de Brito era filha do comendador inglês João Diogo Hartley e de Isabel Fortunata de Brito⁷⁵, sendo neta paterna de John James Hartley e de Maria Carolina Hartley. Seu pai era sócio do *London and Brazilian Bank*⁷⁶, sendo seu avô o fundador desse mesmo banco no Brasil. A família estabeleceu-se no Rio de Janeiro, no início da década de 1860.

⁷⁵ De acordo com a certidão de casamento de Annibal e Amélia, Dona Isabel Fortunata, mãe de Amélia, nasceu no Rio de Janeiro e foi batizada na Freguesia de Sant' Anna. Ver anexo.

⁷⁶ O London and Brazilian Bank iniciou suas operações no Brasil em 1/02/1863, tendo sua sede na Rua da Direita (atual 1º de Março) nº 49, e a gerência no Rio de Janeiro. Confiada a uma comissão composta pelos seguintes nomes: John Saunders (comptroller), Thomas Jones Tenet (manager) e Joseph Levi Montefiori (chief cashier). No que diz respeito às operações bancárias realizadas, essas consistiam no seguinte: “1. Movimento de fundos com as praças estrangeiras; 2. Desconto de letras de câmbio e da terra, cujo prazo não excedesse 4 meses; 3. Recebimento de



Figura 20. Baronesa Amélia Hartley de Brito Antunes Maciel. Fotografia do fotógrafo Tavares Sobrinho no Rio de Janeiro. Acervo MMPB.

Segundo Gilberto Freyre, as meninas eram forçadas a amadurecer cedo.

“Os anos de infância, raras vezes estouvada, eram curtos”. Por volta dos 14 anos a menina adquiria hábitos de adulta, vestindo-se como uma jovem senhora. “A moça brasileira da década de 1850 tornava-se por vezes mestra dessa delicadíssima arte da timidez (FREYRE, 2008, p.95-96).

dinheiro a prazo fixo e em conta corrente mediante o juro que foi convencionado; 4. Empréstimos e créditos especiais no Rio de Janeiro e em Londres, sobre caução idônea; 5. Emissão de créditos circulares sobre as principais praças da Europa
6º. Compra e venda de espécies metálicas; 7º Compra e venda por conta alheia de fundos públicos e outros títulos de valores, aceite e cobrança de letras, recebimentos e pagamentos de juros e dividendos e remessa das sommas realizadas a condições razoáveis”. Ver GIMARAES, A atuação do London and Brazilian Bank no Brasil e em Portugal (*filiais de Lisboa e do Porto*) no período 1862-1870.

Disponível em: http://web.letras.up.pt/aphes29/data/7th/CarlosGuimar%C3%A3es_Texto.pdf

De acordo com relatos orais, Annibal e Amélia conheceram-se em uma festa na Corte, em uma das inúmeras visitas de Annibal ao Rio de Janeiro⁷⁷. A publicação de Zênia de León, datada de 1993, a respeito desse fato, colabora para a manutenção da ideia de que tudo aconteceu como num conto de fadas: conheciam-se, apaixonaram-se e, mesmo contra a vontade dos pais, contraíram matrimônio. Tal oposição parece um tanto duvidosa, pois ambos provinham de famílias ricas e influentes. A respeito do casamento no Brasil oitocentista, pode-se afirmar que na sua maioria eram arranjos entre famílias, colaborando para a manutenção de cargos políticos e fortunas.

Para Gilberto Freyre:

Geralmente, porém, o casamento não resultava de galanteios românticos. Resultava de mecanismo menos lírico do sistema patriarcal de família. O homem com quem a moça, de pouco mais de 13 anos se casava, raramente era de sua própria escolha. A escolha era de seus pais ou simplesmente de seu pai (FREYRE, 2008, p.97).

Grande parte dos casamentos acontecia entre iguais, sendo mal vista a união de pessoas de classes sociais diferentes. O *habitus* era compartilhado por uma sociedade hierárquica e excludente, conforme revela o ditado português: “Se queres casar bem, casa com teu igual”. Em se tratando de uniões no século XIX, era de interesse do marido que a futura esposa possuísse, além do dote em dinheiro e terras⁷⁸. Alguns atributos fundamentais a uma boa esposa: em primeiro lugar, pertencer à mesma classe social do futuro marido; possuir instrução e educação; além de prestígio e influência nos círculos sociais da Corte.

⁷⁷ De acordo com relatos orais de familiares. Material de apoio MMPB.

⁷⁸ A respeito do Dote em virtude do casamento de Annibal e Amélia não temos registros.

Segundo Muaze, nos arranjos de casamento que analisou, algumas preocupações faziam parte de um ideário romântico de casamento, como a união entre pessoas de faixas etárias próximas e noivados longos. (MUAZE, 2008, p.49)

O casamento de Annibal e Amélia foi realizado em 11 de agosto de 1864, na cidade do Rio de Janeiro.⁷⁹ Através da certidão em anexo pode-se precisar o local do casamento, a antiga Freguesia de Stº Antonio, atual cidade de Teresópolis.⁸⁰ Na ocasião, Amélia tinha quinze anos de idade, enquanto o futuro Barão tinha 26 anos. A partir daí, passaram a morar no Solar dos Barões, onde tiveram 14 filhos. De acordo com a visão romanceada de Zênia de León:

Mas há mais, e pode ser dito em conto de fadas: ... e a moça começou a viver no palácio de seu marido. Eram amados pelos vizinhos e pelos pobres, aos quais sempre davam grandes esmolas, mas... não era de todo feliz. Pois seus pais, lá na capital distante, não aceitavam aquele casamento... (LEON, 1993, p.).

Considerando a literatura como uma representação do real, na qual a realidade e o imaginário são representados em forma de ficção, a análise dos

⁷⁹ Certidão de casamento transcrita: Certifico que revendo Livro dos registros de casamentos das pessoas livres da Freguesia de Stº Antônio D'esta Corte, néssa a fl. 119 se acha assento de theor seguinte: Aos onse Dias do mês de Agosto de mil oitocentos e sessenta e quatro nesta Freguesia de Stº Antonio pelas oito horas da noite, no cartório privado de Dona Anna Dorothéa Gonçalves de Brito de Meneses (parte danificada pela dobra do papel e a ação do tempo, ao que tudo indica seja o endereço do cartório) numero trinta e oito, segundo a Provisão do Reverendíssimo Monsenhor Vigário Capitular Felix Maria de Freitas e Albuquerque, e na forma do Sagrado Concílio de Trento, Constituições do Bispado de Leis Civis do Império operante as testemunhas Barão de Antonina, José João da Cunha Telles e José Francisco Alves Malveiro e fornecidos depoimentos verbaes (dobra do papel parte ilegível) palavra de presente recebi em matrimonio Annibal Antunes Maciel Junior, filho legítimo do Coronel Annibal Antunes Maciel e de Dona Felisbina da Silva Antunes, natural baptisado na Freguesia de São Pedro da Cidade e Província do Rio Grande do Sul com Dona Amelia Fortunata de Brito Hartley, filha legítima de João Diogo Hartley e de Dona Isabel Fortunata de Brito Hartley, natural e baptisada na Freguesia de Sant' Anna D'esta Corte. Ambos moradores nésta Freguesia e logo Ihes Dei as bénçāos nupciais na forma do Ritual Romano: do que para constar lavrei este termo que assignei: Moaductor José de Carvalho Mello d' Andrade: Enada mais constava em o Dito assento que assignei e juro in Fide Parochi: Matriz de Stº Antonio.

(assinaturas). A cópia da original encontra-se disponível em anexo. Fonte: acervo MMPB.

⁸⁰ De acordo com o site do Governo do Rio de Janeiro www.governo.rj.gov.br/historia04.asp onde aparecem nomeadas as Freguesias, a Freguesia de Stº Antonio do Paquequer, foi fundada por Lei provincial de 25/10/1855. E é a atual cidade de Teresópolis.

diferentes suportes literários é importante para esse trabalho, pois, de acordo com Sandra Pesavento, a literatura é para o historiador uma fonte privilegiada. Já Albuquerque Júnior considera a literatura como uma narrativa que se aproxima da História, pois ambas se apresentam como representações do mundo social, ainda que utilizem métodos e técnicas diferentes (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007).

Quem lançou esses relatos a respeito do casamento de Amélia e de Annibal, não se pode afirmar, mas eles perduram através de depoimentos de familiares e da literatura jornalística, historiográfica e ficcional. Teriam sido os relatos da família que influenciaram a literatura? Ou, ao contrário, a literatura romanceada é que influenciou a família?

O Solar dos Barões foi palco de muitas festas de nascimentos, casamentos e outras importantes comemorações. Conforme o jornal *A Opinião Pública*⁸¹, de três de janeiro de 1902, “Senhora muito gentil e mãe estremada é a Baronesa de Três Serros, recebendo com muita graça na primeira quinzena do mês corrente mais de 20 ilustres pelotenses para gracioso jantar em sua residência”. “Muito gentil e extremada” eram qualidades comumente encontradas nas páginas dos jornais pelotenses em se tratando das mulheres da aristocracia. O excesso de elogios encontrados nessas fontes colabora para a formação de representações em torno desses personagens.

⁸¹ A imprensa diária em Pelotas surge a partir da década de 1860, quando foram fundados os jornais *Diário de Pelotas* e *o Jornal do Comércio*. Nas décadas seguintes surgem *O Correio Mercantil*, *Onze de Junho*, *A discussão* e *A Pátria*. Após o surgimento da república, houve uma renovação dos Periódicos, surgindo o *Diário Popular* e *A Opinião Pública*, os dois republicanos(LONER, GILL e MAGALHÃES, 2010, p.145-146).

De acordo com Viviane Azevedo:

A obra literária como documento da história ou a história de um dado contexto vivenciado pelo autor, leva à necessidade de um termo que rotule a escrita da obra. Essa preocupação nada mais faz do que expor a proximidade entre história e literatura, não importando o termo ou expressão utilizada na tentativa de classificação de tal narrativa (AZEVEDO, 2006, s/p).

De acordo com Lucia Ferreira, ao tratar da figura da mulher na imprensa do século XIX, os meios de comunicação são usados como suporte e estimulam rearranjos de identidade e memória que proporcionam transformações nas relações espaço-temporais, reforçando o poder das classes dominantes que têm acesso a esse recurso. Principalmente, em se tratando do século XIX, em que apenas uma minoria da população era letrada e tinha acesso à imprensa escrita. A relação com a palavra impressa era mediada pela oralidade (FERREIRA, 2010, p. 6)

As mensagens mediadas são, portanto, transformadas em um processo contínuo de repetição, reinterpretação, comentário e crítica, fornecendo, nesse processo de elaboração discursiva, estruturas narrativas a partir das quais os sujeitos posicionam-se diante do mundo em que vivem. Tal constatação revela-se extremamente significativa quando se pensa na memória social e no papel dos meios de comunicação em sua construção. (FERREIRA, 2010, p. 7)

Logo não é possível considerar apenas o escrito nesse período, mas sim o contexto social em que essas escritas foram concebidas. O poder exercido, por uma pequena parcela da população brasileira do final do século XIX, era propagado em seus jornais e periódicos.

A partir da morte de seu marido, em 1887, Amélia fica com oito filhos, sendo que a mais velha, Sinhá (Amélia), tinha 18 anos, enquanto que o mais

novo, Edmundo (o *Barãozinho*), tinha um ano e dez meses. Viúva e mãe de muitos filhos, Amélia passa a exercer diferentes papéis na sociedade e na família.

Analizando as práticas femininas no século XIX no Brasil, percebe-se que a mulher passa a ocupar diferentes papéis em diversos círculos. Mesmo que ainda bastante ligados à figura do lar, as mulheres da elite, após a morte do marido, passam a assumir seus papéis no âmbito público, administrando bens e tomando decisões importantes na família. De acordo com Del Pryori

“... embora reconhecendo os privilégios do marido no modelo patriarcal, pesquisas recentes têm relativizado a sujeição feminina, ao trazer à tona algumas de suas rebeldias e transgressões. Também não raro, as mulheres assumiam o mando da casa, gerindo negócios e propriedades...” (DEL PRYORI, 1997: p.290)

Por volta de 1890, a Baronesa passa a ficar a maior parte do ano no Rio de Janeiro, deixando a chácara aos cuidados de seu genro Lourival e de sua filha Amélia, ou Sinhá, como era chamada. Para suprir a distância que separava mãe e filha, Amélia passa a corresponder-se frequentemente com Sinhá, através de cartas.⁸²

A partir daí, pode-se conhecer melhor a mãe, avó e mulher. Com base nestas cartas e através de suas próprias palavras, passamos a conhecer outra Amélia, na sua intimidade, nos seus sentimentos, nas suas ideias, a partir da escrita de si. Tal escrita é um trabalho de ordenar, rearranjar e significar a trajetória de uma vida que tem como suporte o texto, criando-se através dele um autor e uma narrativa. De acordo com Ângela de Castro Gomes, o ato de

⁸² Para saber mais a respeito das Cartas da Baronesa ver PAULA, Débora Clasen de. *Da mãe e amiga Amélia: cartas de uma Baronesa para sua filha (Rio de Janeiro - Pelotas, na virada do século XX)*. São Leopoldo: Programa de Pós-Graduação em História / Unisinos, 2008 (dissertação de mestrado).

escrever para si ou para outro diminui as angústias da solidão, desempenhando o papel de um companheiro, no qual o escrevente expõe sua intimidade como uma prova de sinceridade (GOMES, 2004, p. 20).

Numa espécie de “teatro da memória”⁸³, onde o indivíduo é o personagem de si mesmo, Amélia, em suas cartas escritas com letra desenhada, relata diferentes situações da sua vida, com uma necessidade de suprir a falta de notícias de sua filha Sinhá e de seus netos.



Figura 21. Foto da Baronesa Amélia Antunes Maciel, em uma das inúmeras viagens de navio Rio Grande/ Rio de Janeiro. Vapor Sírio. Acervo MMPB.

Entre as 151 cartas⁸⁴ escritas entre os anos de 1885 e 1918, pode-se perceber as diferentes fases da vida da Baronesa. As primeiras cartas foram escritas logo depois da morte do Barão, mostrando uma Amélia sofrida. Nelas aparecem repetidamente assuntos relacionados à morte, enterros e à saudade de seu marido Annibal.

⁸³ A expressão *Teatro de Memória* é utilizada por Ângela de Castro Gomes, 2004, p.17.

⁸⁴ Acervo MMPB.

Em se tratando do estudo de documentos privados como cartas e diários, essa “produção do eu”, feita de uma forma introspectiva não pretende revelar o que realmente aconteceu, ou a verdade dos fatos, mas a ótica do escrevente. [...] “o documento não trata de dizer o que houve, mas de dizer o que o autor diz que viu, sentiu, experimentou, retrospectivamente, em relação a um acontecimento” (GOMES, 2004, p.15)

De acordo com inúmeras cartas de Amélia para Sinhá, percebe-se o envolvimento da Baronesa nos negócios da família que estavam aos cuidados de seu genro Lourival Antunes Maciel. As decisões de compra e venda de propriedades da família passavam sempre pelo seu crivo. Amélia mesmo de longe exercia seu poder de matriarca influenciando na educação dos netos e no comportamento dos filhos.

Na análise das cartas escritas por Amélia, cabe ressaltar algumas possíveis relações do texto com seu autor, pois, de acordo com Ângela de Castro Gomes, o texto seria uma representação de seu autor, como uma forma de materializar uma identidade, ou, por outro prisma, o autor seria uma invenção do próprio texto. “Defende-se que a escrita de si é, ao mesmo tempo, constitutiva da identidade de seu autor e do texto, que se criam, simultaneamente, através dessa modalidade de *produção do eu*” (GOMES, 2004, p. 21).

Rio, 5 de Agosto de 1899.
 Minha *bôa* e querida Filha
 Estão em meu poder duas cartinhas tuas a que respondo sendo
 uma de 26 do passado, e outra sem *dacta*...
 Adeus minha *bôa* filha, á teu marido, e com teus caros filhinhos,
 recebe milhares de beijos de

Mãe e *Am^a*. *Verd^a*
*Amelia*⁸⁵

No acervo do MMPB, foi encontrada apenas uma carta escrita por Sinhá, mas as cartas de Amélia evidenciam que a troca era mútua. Na citação acima se

⁸⁵ Carta de Amélia para Sinhá. Rio de Janeiro, 5 de Agosto de 1899. Acervo MMPB.

pode perceber a cortesia da escrita, e a despedida afetuosa que se repete na maioria das cartas, que significava *mãe amantíssima e verdadeira Amélia*.

Com uma letra desenhada e com o cuidado de quem afaga o destinatário, percebe-se que o ato de escrever cartas exigiu da Baronesa tempo, disciplina e, antes de tudo, uma cumplicidade com sua destinatária. Das muitas razões que levaram Amélia a escrever para sua filha, a que mais nos chama a atenção é a vontade de saber notícias: “recebi *hontem* à noite, a tua cartinha de 28 do passado que muito me *satisfiz*, pelas boas notícias que me dás...”⁸⁶.

Conseguimos traçar a personalidade de Amélia através de sua escrita de si, que nos revela o lado mãe, avó, amiga e negociante.

A sua religiosidade e fé na crença espírita tornaram a Casa da Baronesa um ponto turístico do chamado “turismo espírita”⁸⁷. Em pleno século XIX, com o espiritismo começando a ser difundido no país, uma mulher da aristocrática elite pelotense, basicamente composta por católicos, busca no Rio de Janeiro parceiros para discutir sua fé.

... Como bem sabes, o principal motivo que aqui me trouxe, foi praticar um pouco a minha santa religião, da qual me vejo absolutamente privada ai! É esse, minha querida, e *bôa* filha, o pão do meu espírito, o meu único *consôlo* nas horas de amargura; o brilhante *pharol* que *alumiando-me* o Caminho da Eternidade, me faz *encaral-o* sem pavor, mas com o coração de esperança, porque me dá a certeza, de que lá encontrarei todos *aquellos*, que na vida tão caros me *fôrâo!* Tenho pois ido às sessões, na federação, onde são *ellas* admiráveis em seus ensinamentos! João, *apezar* de suas idéias positivistas, é quem me acompanha, e leva, a sua condescendência à ponto, de *assistil-as* até o fim, mostrando n“isso, a melhor boa vontade. Acredita que os poucos momentos que *alli* passo, orando, e ouvindo a explicação do Evangelho, em Espírito e Verdade, julgo-

⁸⁶ Carta de Amélia para Sinhá escrita no Rio de Janeiro, 6 de outubro de 1899. Acervo MMPB.

⁸⁷ O Turismo espírita é organizado pela Federação Nacional Espírita e ocorre em diferentes pontos turísticos do país que tenham alguma relevância para o espiritismo.

me feliz! Adeus, o papel acaba-se. Recomenda-me mtº. Todos os nossos *d'ahi...*⁸⁸

Em inúmeras outras cartas, encontramos menções a sua religiosidade.

Sobre esse fato, sua neta, cem anos depois, menciona:

Era espírita... Alan Kardec... É muito esquisito... Porque o vovô, o papai não eram... Era católico... A Baronesa... Não foi nunca de muito padre, de coisa nenhuma, era muito discreta. Ela tinha a religião dela, e não tinha a obrigação de missa nem nada, ela fazia quando queria, espontaneamente. Mas tinha muitos padres, eram todos amigos da vovó e da mamãe, eram de todas as religiões. : mas de coração era ela espírita cardecista. E a mamãe no íntimo também era.⁸⁹

Numa noite, em meio à pesquisa, utilizando a internet, deparei-me, ao clicar em “Baronesa”, “Amélia” e “espiritismo”, com o seguinte trecho em um *site* espírita

Tentei a mediunidade escrevente e consegui. Maravilhoso! A idéia me escorria da cabeça com a mesma rapidez com que a frase escrita me saía da mão. Recebi confortadora mensagem assinada por D. Amélia Hartley Antunes Maciel, a Baronesa de Três Cerros, que foi companheira de infância de minha mãe. Aconselhou-me a aperfeiçoar a mediunidade, a fim de cooperar na evangelização do povo. Sim, sim, obedecerei...⁹⁰

Durante o tempo que viveu em Pelotas, segundo consta nos inúmeros documentos de doações para a Santa Casa de Misericórdia, e trechos de suas cartas – onde demonstra preocupação com seus empregados, parentes e amigos – Amélia manifestava sua fé, através de suas ações. Assim, Amélia foi ganhando fama. Em sua biblioteca, mantinha revistas e livros espíritas⁹¹, os quais

⁸⁸ Carta de Amélia para Sinhá escrita no Rio de Janeiro, 6 de outubro de 1903. Acervo MMPB.

⁸⁹ *Zilda Maciel, *op cit.*

⁹⁰ Do livro Diário de um Médium, dia 23 de outubro de 1928. Retirado do livro Contos Desta e Doutra Vida. Psicografia de Francisco Cândido Xavier. Disponível em: <http://www.panoramaespirita.com.br/modules/smartsession/item.php?itemid=6353>

Sobre esse tema e a amizade de Amélia com a mãe do escrevente será pesquisado em outra oportunidade.

⁹¹ De acordo com mais de 20 cartas trocadas entre Amélia e Sinhá, com mais ênfase no ano de 1909.

emprestava para um seleto grupo de amigas e amigos, “para difundir os preceitos da religião”.

Se levarmos em conta que o universo literário do século XIX era quase que exclusivamente dedicado aos homens, ao sexo feminino restavam os diários íntimos, poesias e pensamentos ligados a casa, às boas maneiras e à criação dos filhos. Assim, podemos concluir que suas leituras espíritas eram bastante peculiares para a época em questão.

A literatura, permitida para as moças, ao invés de proporcionar um alargamento dos horizontes, era utilizada como elemento normatizador e disciplinador, na medida em que reforçava os padrões e virtudes tidas como ideais para os padrões da Igreja Católica. A postura do Vaticano quanto à mulher era bastante pragmática: ela deveria ser. Esse “dever ser” erguia-se como um muro em relação ao resto do mundo do qual a mulher deveria ser protegida, guardada. Seus papéis seriam definidos a partir do ideal de maternidade, a Virgem Maria como paradigma do ser esposa e mãe, sustentáculo da ordem doméstica e familiar; núcleo central da sociedade civilizada e católica. Qualquer incursão da mulher por outros terrenos que não os permitidos, era vista como quebra dos padrões morais e normativos, punida muitas vezes com a execração moral e religiosa. Por isso, os diversos manuais de boa conduta, os Índex de obras proibidas, uma vez que no século XIX, dizia-se que as mulheres poderiam ser mal influenciadas por um livro... Livros que atacavam ou pareciam atacar o lugar da mulher na sociedade, eram vistos como perigosos. (CAVALCANTI, 2004, p. 174).

Dentre os jornais e revistas espíritas lidos por Amélia, destaco a revista argentina “*La Verdad*”, periódico assinado por Amélia desde o ano de 1909. Sabe-se desta assinatura através das cartas enviadas para a filha e nas quais se refere à assinatura, embora no acervo do MMPB não tenha sido encontrado nenhum exemplar. De acordo com Débora Clasen de Paula, dentre os jornais espíritas ou que abordavam o assunto, lidos por Amélia estão o jornal “*O Paiz*”, que, assim como o “*Jornal do Comércio*”, trazia matérias referentes ao espiritismo. O jornal “*O Paiz*” mantinha entre seus colaboradores o Dr. Adolfo

Bezerra de Menezes Cavalcante⁹². No ano de 1903, no Rio de Janeiro, circulava o “Jornal Espírita Reformador”, fundado em 1883, que possivelmente figurava entre as leituras da Baronesa (PAULA, 2008, p. 188- 190).

De acordo com os relatos, Amélia era muito bondosa com todos. Tal ideia ficou presente no imaginário pelotense até os dias atuais. Neste sentido, Zilda Maciel relatou:

Eu sei, porque ela era muito boa e a minha mãe também era muito boa. A vovó era um encanto, de carinhosa e fina e educada, ela era filha de ingleses, ela era inglesa, de origem inglesa. Agora, ela era muito fina, então ela tinha as amizades dela em todas as camadas.⁹³

A respeito da sua personalidade, segundo relatos orais e entrevistas com familiares⁹⁴, Amélia sempre foi muito ativa, até a velhice, determinando o destino de seus bens. Estes se encontravam aos cuidados de seu genro Lourival Antunes Maciel, porém ele necessitava de seu aval para conduzir o destino dos negócios da família. A Baronesa de Três Serros frequentou teatros e reuniões espíritas até a velhice, demonstrando gosto pela música, pela literatura e pela religião.

Segundo Zilda Maciel, “a minha avó era muito generosa, a minha avó era uma pessoa perfeita. Ela faleceu ainda tomando conta da casa, tomando conta de tudo. Uma pessoa muito inteligente”.⁹⁵

Há abundantes imagens de mulheres resplandecentes, de avós reinando sobre sua linhagem... Para algumas a viuvez marca um tempo de poder e de revanche... a velhice das mulheres se perde nas areias do esquecimento. Figuras de avós, entretanto

⁹² O Dr. Adolfo Bezerra de Menezes Cavalcante era espírita declarado desde o ano de 1886, passando a presidir em 1893 a Federação Espírita Brasileira (FEB). (PAULA, 2008, p. 188)

⁹³ *Zilda Maciel, *op cit.*

⁹⁴ Disponível no acervo MMPB.

⁹⁵ Trecho da entrevista concedida por Zilda Maciel de Abreu Vicente ao Prof. Dr. Fábio Vergara Cerqueira em 2002, disponível em anexo.

emergem nos relatos, autobiográficos ou românticos,... as avós e demais antepassadas ocupam uma posição central, tal como ocorre na tradição da cultura rural, quanto à transmissão, à memória, à oralidade, coletiva ou familiar. Uma mulher que desaparece não representa muita coisa no espaço público. Mas no coração dos descendentes, é quase sempre a avó, que sobrevive por mais tempo, que é lembrada. Como testemunha mais antiga, a ternura mais persistente (PERROT, 1988 p.49)

As representações dos familiares, em torno da figura da Baronesa Amélia, são muitas, evocando aspectos referentes à sua generosidade e nobreza. Como na citação de Michele Perrot, com certeza ficou nos corações de seus descendentes, e de uma forma muito presente suas declarações. Muito, talvez, devido ao seu título de nobreza que deu notoriedade à família, mas também pelo carinho e preocupação da avó para com seus netos.

De uma forma ou de outra, Amélia teve que encontrar formas de garantir seu lugar na sociedade patriarcal do Brasil oitocentista, cuidando da manutenção da fortuna familiar, da preservação de costumes e da união familiar.

A Baronesa Amélia morreu em 14 de janeiro de 1919, sua morte foi noticiada no jornal “A Opinião Pública” na parte destinada à necrologia

Baroneza dos Tres Serros

No Rio, acaba de falecer a veneranda Senhora Baroneza dos Tres Serros, vulto de Real destaque social entre nós. A sua bondade extrema, a magnanimidade de seu coração creavam para a sua veneranda Senhora uma *atmosphera* de sincera *sympathia*, aureolando lhe com o prestígio das almas verdadeiramente *bouas* o nome *illustre* que trazia.⁹⁶

As palavras presentes na necrologia vêm corroborar para a construção de uma memória ligada à filantropia e à generosidade. E assim, segundo suas

⁹⁶ Jornal “A Opinião Pública” de 15 de Janeiro de 1919, nº12, p.03. Acervo Biblioteca Pública Pelotense.

crenças religiosas, Amélia “galgou mais um degrau rumo ao além, pois as *cousas* não se findam com a morte”.

3.2. Uma Sinhazinha em Pelotas



**Figura 22. Foto de Amélia Antunes Maciel, Dona Sinhá, aos 18 anos de idade.
Fotografia tirada por Carneiro e Tavares, no Rio de Janeiro. Acervo MMPB**

Sinhá Amelinha, como ficou conhecida, é a quinta filha dos Barões dos Três Serros, nascida em seis de janeiro de 1869, Sinhá Amelinha, Dona Sinhá, Baronesinha ou Sinhazinha, foi quem residiu mais tempo no Solar. Os vários codinomes referem-se às diferentes fases de Dona Sinhá, que logo após o seu nascimento, por ter o mesmo nome que a mãe, passou a ser chamada de Sinhazinha.

Figura carismática e atuante da sociedade pelotense, de acordo com os jornais da época, Sinhá deu continuidade à fama de sua mãe, que desde 1889

passou a residir no Rio de Janeiro, deixando a chácara aos cuidados de sua filha e seu genro.

Sinhá casa-se em 1890, aos 21 anos com seu primo irmão Lourival Antunes Maciel, nascido em 10 de abril de 1857, em Pelotas. De acordo com Mariana Muaze, casamentos consanguíneos eram comuns no século XIX, pois colaboravam para a manutenção dos bens familiares, mantendo as fortunas dentro das famílias. É possível, pois, conjecturar que o casamento dos dois tenha sido um acordo matrimonial acertado entre a família, como tantos outros que se realizavam na época. “O casamento, arranjado pelas famílias e atendendo a seus interesses, pretende ser aliança antes de ser amor – desejável – mas não indispensável” (MUAZE, 2008, p. 46).

De acordo com Freyre, o casamento dividia a vida da moça da elite patriarcal em duas etapas distintas: a da preocupação com festas, saraus e aulas de etiqueta para conseguir um bom casamento; e a vida discreta e reservada das mulheres casadas – quando a preocupação com o marido e o desejo de ser boa mãe e boa esposa eram priorizados.

Os bordados, os doces, a conversa com as negras, o *cafuné*, o manejo do chicote e, aos domingos, uma visita à igreja eram distrações que o despotismo paternal e a política conjugal permitiam às moças e às inquietas esposas. (FREYRE, 2008, p.88)

O destaque dessa segunda fase da vida de Sinhá é a maternidade. Como sua mãe, ela também teve quatorze filhos e, destes sobreviveram à primeira infância apenas sete. Muito do que se sabe desse período está descrito nas inúmeras cartas da mãe para a filha Amélia, nas quais a Baronesa fala com detalhes dos cuidados e das dificuldades das gestações da filha.

Para Perrot “A maternidade é um momento e um estado. Muito além do nascimento, pois dura toda a vida da mulher. O mesmo acontece, embora em menor grau, com os filhos, que dela recebem a vida, o alimento, uma primeira socialização” (PERROT, 2008, p. 69).

Minha querida filha por que provações temos passado com a ida de mais um *anjinho*, imagino como todos devem estar tristes na casa, dou a vocês os meus pêsames, mas nossa religião não nos permite questionar os *desíguineos* de Deus...⁹⁷

No período em questão, as taxas de mortalidade infantil eram bastante altas, partos prematuros e morte em tenra idade eram recorrentes no século XIX: “a mortalidade infantil acentuada limitava a dimensão das famílias, que, contudo, permaneciam numerosas. A morte de uma criança era considerada uma fatalidade” (PERROT, 2008, p.70).

Tive conhecimento da terrível provação porque *acabão* de passar, perdendo à nossa meiga, e querida Dalva. Ferida pelo mesmo golpe, mesmo de longe acompanho pelo pensamento em todo esse transe doloroso, não encontro uma única palavra de *consólo* para enviar-lhes (...) não *imaginão* o que tenho passado, e foi, em meio desta *attribulação*, que me chegou a triste *noticia* do desaparecimento *d'essa* netinha a quem tanto queria. Enfim, cumpra-se a vontade de Deus.⁹⁸

Utilizar-se de amas-de-leite era comum para a elite brasileira, muitas conversas da Baronesa com a filha versam sobre a preocupação com a escolha de uma boa ama para seu neto, Manoel Antunes Maciel, ao que tudo indica com poucos meses de idade. ‘Não imaginas o quanto me *affliges*, pois é um obstáculo

⁹⁷ Carta de janeiro de 1898, Rio de Janeiro, onde Amélia refere-se a perda de um bebê prematuro de Sinhá, supõe-se que seja o sexto filho do casal, Ismar Antunes Maciel.

⁹⁸ Carta de Amélia, São Domingos, 23 de setembro de 1900. Amélia refere-se à morte de sua neta Dalva Antunes Maciel, aos 4 anos de idade.

este, porque não se pode arriscar essa *creança*, mormente com coqueluche, a uma viagem tão longa, sem uma boa ama.”⁹⁹

...No século XIX a mulher de sociedade entra em disputa com a mãe. Os maridos acham excessivo o tempo dedicado ao bebê. Ainda mais porque o ato conjugal é desaconselhável a lactantes. Burguesas e comerciantes recorrem então a amas-de-leite, que vem em domicílio selecionadas por médicos. (PERROT, 2008, p.75).

O ideal de mãe e esposa era passado de mãe para filha em longos conselhos presentes nas cartas. Receitas de doces, de remédios caseiros para os netos e de como se portar perante a sociedade eram assuntos recorrentes. Seguindo o exemplo da mãe, Dona Sinhá torna-se Presidente da Cruz Vermelha¹⁰⁰, em Pelotas, no ano de 1917, ficando a Baronesa com o título de Presidente de Honra. Sobre a filantropia exercida pela mulher no início do século XX Perrot discorre

Seus filhos devem realizá-la. Seu trabalho de mão, tricô ou bordado, as “pequenas coisas” do cotidiano as ocupam e as justificam, pois o “trabalho” tornou-se valor indispensável à utilidade social. Algumas ajudam os pobres, exercendo atividades de caridade e filantropia (PERROT, 2008, p.117).

⁹⁹ Carta de Amélia para sinhá, Rio de Janeiro 20 de janeiro de 1910. Amélia refere-se à tristeza da filha não poder seguir viagem para o Rio de Janeiro, estando os filhos com coqueluche e sem ama-de-leite para o lactante.

¹⁰⁰ A Cruz Vermelha é uma organização internacional, sem fins lucrativos, cujo objetivo principal é prestar socorro e assistência às pessoas vítimas de guerras e catástrofes naturais. Foi fundada, em 1863, pelo suíço Jean Henri Dunant.

http://www.suapesquisa.com/o_que_e/cruz_vermelha.htm



**Imagen 23. Retrato de integrantes da Cruz Vermelha. Arquivo de Dona Sinhá.
Acervo MMPB.**

Como percebemos em várias cartas de Amélia, fazendo comentários sobre as festas dadas por Sinhá: “*Causou-me a sua leitura grande contentamento, por ver que gozam todos bôa saúde, e... bonitas festas...*”¹⁰¹.

Na carta de 28 de novembro de 1917, Amélia diz:

Por carta do Rubens, e os *jornaes d'ahi sube* da linda festa de caridade, que Zilda fez, bem como teres sido escolhida para presidente da Cruz Vermelha. Envio-te, pois, meus *dupplos* parabéns, pela organização da festa, e pela prova de apreço e consideração que te dispensaram. No entanto minha filha, deves estar preparada, para a *lucta*, com as contrariedades, e *encommodos*, que essas *cousas*, sempre acarretam.

A vida social de Dona Sinhá foi bastante noticiada nos jornais e periódicos. A Opinião Pública, de 2 de dezembro de 1917, traz Dona Sinhá em destaque: “A Baronesinha *herdou* muitas das qualidades de sua mãe, mas principalmente a *bomdade e o carisma*”. Mulheres de extrema bondade e carisma, é assim que encontramos as personagens femininas da família Maciel nos seus mais diferentes contextos.

¹⁰¹ Carta de 6 de setembro de 1903, Rio de Janeiro.

3.3. A rainha centenária: relatos de vida de Zilda Maciel de Abreu Vicente

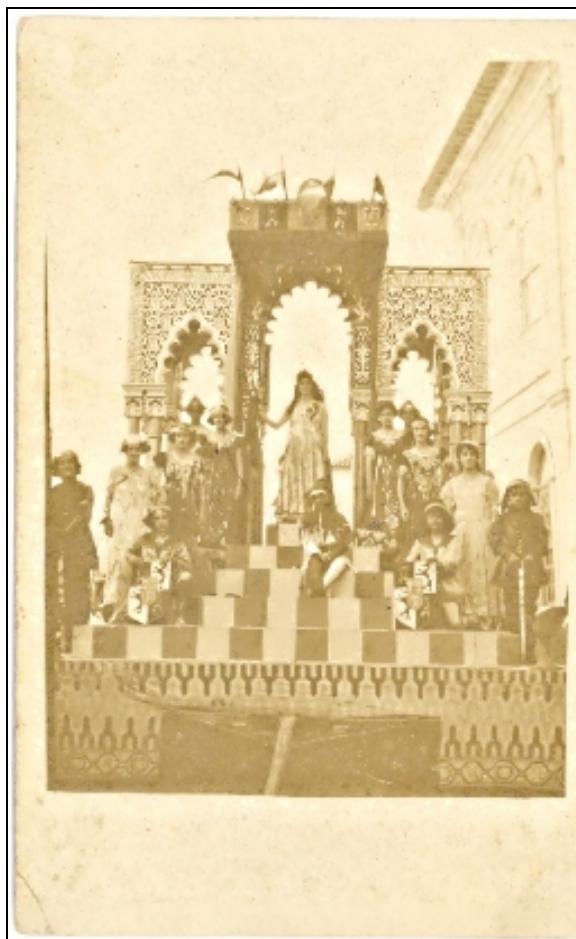


Figura 24. Zilda Antunes Maciel. Carnaval de 1917. Acervo MMPB¹⁰²

Ele faz as perguntas e eu respondo, porque eu me lembro de tudo! (ZILDA, 2002)

O "lembrar de tudo", para Zilda Maciel, nos aponta para o que ouviremos ao longo de duas horas de depoimento dado ao Prof. Fábio Cerqueira, já em idade avançada, aos 102 anos, em 2002, poucos meses antes de morrer. As palavras transcritas no papel não são capazes de transmitir a vivacidade de sua memória e o seu entusiasmo, perceptíveis apenas quando se houve as fitas cassete em que o depoimento foi gravado. O local da entrevista é a casa da depoente, no Rio

¹⁰² Na descrição da foto não está claro que Zilda Maciel de Abreu Vicente seria a Rainha do Clube, mas que ela está no carro da rainha. De acordo com a entrevista com Dona Zilda ela relata que foi rainha do clube em 1917, portanto, ela pode ser a moça ao centro da fotografia.

de Janeiro. Ambiente repleto de objetos evocadores de memórias, lembranças de um século de vida, de tempos memoráveis, de uma época distante.

A imaginação [...] ocupou as lacunas de sua memória: em sua narrativa tudo parece merecer fé, uma mesma luz parece iluminar todas as paredes; mas as fissuras se revelam quando as consideramos sob um outro ângulo. (HALBWACHS, 1990, p. 77)

Ao adentrarmos no universo de Zilda devemos levar em conta que ao narrar

Toda a arte do orador consiste talvez em dar àqueles que o ouvem a ilusão de que as convicções e os sentimentos que ele desperta neles não lhes foram sugeridos de fora, que eles nasceram deles mesmo, que ele somente adivinhou o que se elaborava no segredo de suas consciências e não lhes emprestou mais que sua voz. (HALBWACHS, 1990, p. 47)

Zilda Maciel nasceu em 1899, conforme relata: “eu nasci lá em Pelotas, lá na casa. E tenho amor lá. Nasci, e lá me casei”. A partir daí, relata com riqueza de detalhes fatos acerca de sua infância e adolescência na cidade de Pelotas, na região meridional do Rio Grande do Sul, nas duas primeiras décadas do século XX. Testemunha de duas viradas de século, Zilda, reconstrói trechos de sua trajetória e de sua família, a fim de elucidar fatos a respeito das representações feitas em torno dessa figura que foi sua avó, a Baronesa dos Três Serros, e da casa em que viveu.

De acordo com Perrot, a casa da infância seria um “cenário da vida privada e das aprendizagens mais pessoais, tópico das recordações de infância, a casa é o sítio de uma memória fundamental que nosso imaginário habita para sempre”. (PERROT, apud BOTTMANN, 2009, p.299). No momento de transcrição¹⁰³ da

103 Segundo Meihy, transcrição é uma mutação, “ação transformada, ação recriada” de uma coisa em outra, de algo que, sendo de um estado da natureza se torna outro... a palavra varia da forma oral para a escrita... e assim se justifica as diversas variações de uma mesma fonte... (MEIHY, 2007, p.133).

entrevista, foi preciso levar em conta os ditos e os não ditos, bem como as intencionalidades tanto do entrevistador quanto da entrevistada.

Apesar de buscar respostas sobre a casa e a família, as perguntas não são fechadas, deixando sempre um espaço para a rememoração. Daí a importância de uma metodologia adequada de história oral, através da qual a coleta de dados propicie a leitura dos dados a partir de um contexto histórico, buscando algumas possíveis representações do passado vivido.

Como a própria Zilda disse: “a casa da vovó era um castelo”, e ela a princesa do mesmo. Ao ser inquirida sobre a casa de seus avós e na qual ela passou boa parte de sua infância e mocidade, percebe-se que as lembranças são repletas de acontecimentos memoráveis. Ao ouvir a primeira fita cassete gravada na entrevista, pode-se perceber a emoção na voz e nos detalhes empregados na fala, que Zilda se transporta para um mundo distante, reconstruindo o seu passado através de sua narrativa.

Questionada a respeito de suas lembranças sobre o *Solar da Baronesa*, a depoente relata com detalhes os móveis e diferentes cômodos da casa, como se fizesse um mapa mental¹⁰⁴ da chácara. Os detalhes da casa são rememorados com o auxílio do entrevistador, mas também através dos objetos de memória, presentes no local da entrevista, sua sala.

¹⁰⁴ Mapas mentais são imagens espaciais que as pessoas têm de lugares conhecidos, direta ou indiretamente. As representações espaciais mentais podem ser do espaço vivido no cotidiano, como por exemplo, os lugares construídos do presente ou do passado; de localidades espaciais distantes, ou ainda, formadas a partir de acontecimentos sociais, culturais, históricos e econômicos, divulgados nos meios de comunicação.(ARCHELA,Rosely Sampaio,disponível <http://www2.uel.br/revistas/geografia/v13n1eletronica/7.pdf>)

E o espelho de lá está aqui, ali na sala. Aquele espelho é o mesmo, que era da vovó, da sala de jantar. Eu quis trazer pra cá depois que ela faleceu, meus dois avós, e eu herdei esse espelho da chácara diretamente. Quer dizer que veio em viagem toda especial, veio acolchoado pra não quebrar nenhuma peça. Eu empreguei uma companhia, aquela do... Naquela ocasião, foi perfeito, não quebrou nenhuma mãozinha da escultura, uma maravilha.¹⁰⁵

Zilda viveu sua mocidade durante a *Belle Époque*¹⁰⁶, em constantes viagens de vapor entre Pelotas e o Rio de Janeiro. Segundo ela, “para visitar a capital, fazer compras e principalmente fugir do inverno cortante de Pelotas”. Nessa época, entre as décadas de 1910 e 1920, o Rio de Janeiro era a cidade do país onde tudo acontecia, a moda refletia os padrões franceses e Pelotas seguia o ritmo da capital. Segundo Denise Marroni dos Santos, “na cidade de Pelotas, no decorrer do século XIX até o princípio do século XX, verificou-se que as vogas femininas chegavam diretamente da capital francesa, concomitantemente aos seus lançamentos” (SANTOS, 2009, p. 95).

Retomando as memórias de Zilda Maciel, acerca de sua infância, ela referiu que:

[...] todos eles adoravam lá a chácara, e eu era muito querida, eu tinha muito festejo. Eu era mocinha, tratava todo mundo igual, eu nunca tive, graças a Deus, eu nunca tive altivez de coisa nenhuma, e sempre fui desprendida, de maneira que eu era muito querida de todos.¹⁰⁷

¹⁰⁵ *Zilda Maciel, *op cit.*

¹⁰⁶ Costuma-se definir Belle Époque como um período de pouco mais de trinta anos que, iniciando-se por volta de 1880, prolonga-se até a Guerra de 1914. Mas essa não é, logicamente, uma delimitação matemática: na verdade, Belle Époque é um estado de espírito, que se manifesta em dado momento na vida de determinado país. No Brasil, situa-se entre 1889, data da proclamação da República, e 1922, ano da realização da Semana da Arte Moderna em São Paulo, sendo precedida por um curto prelúdio – a década de 1880 – e prorrogada por uma fase de progressivo esvaziamento, que perdurou até 1925. (LAVER, 1989, p. 213)

¹⁰⁷ *Zilda Maciel, *op cit.*

Aqui devemos levar em conta o lado auto-promotor de quem narra, afinal o discurso do individuo é apenas um ponto de vista do real, devemos pois levar em conta os diferentes níveis que compõem a memória individual e a carga afetiva de quem lembra. A reminiscência depende, como diria Halbwachs, dos quadros sociais em que cada indivíduo encontra-se mergulhado, no instante em que o passado é evocado. A partir dessas experiências vividas socialmente, o individuo é capaz de inventar novas imagens e sensações sobre o vivido, incorporando-as em suas narrativas como fatos realmente vividos (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2007, p.203-205).

De acordo com Aníbal, filho de Zilda, ela cursou o primário e o ginásio no Colégio Sion, no Rio de Janeiro¹⁰⁸, mas devido às temporadas em que sua família passava os verões em Pelotas e os invernos no Rio, Zilda não completou seus estudos “eu não pude ser coroada, naquele tempo terminava o ginásio e era a coroação, tinha que fazer o curso todo e eu não pude fazer, porque, justamente os meus pais, passavam os verões na chácara.”¹⁰⁹

¹⁰⁸ O Colégio Nossa Senhora do Sion, criado em 1901 com a ajuda do então governador da província Rodrigues Alves, e materializado num imponente edifício na Avenida Higienópolis no Rio de Janeiro. O grupo social que procurava esses colégios femininos se caracterizava pela longevidade de sua fortuna: tratava-se da mais antiga elite econômica do País e distingua-se pela posse de diferentes tipos de capitais, acumulados ao longo de várias gerações: capital cultural, social, político e simbólico, muitas vezes expresso apenas pela presença de um sobrenome conhecido.(PINÇON; PINÇON, 1998). Ver certificado de aplicação de Zilda disponível nos anexos.

¹⁰⁹ *Zilda Maciel, op cit.



Figura 25. Zilda, junho de 1918. A primeira mulher a voar no Rio Grande do Sul. Acervo MMPB.

Além dos avós nobres¹¹⁰, seus pais Lourival e Amélia eram figuras constantes nos jornais da época. Deste modo, Zilda foi eleita rainha do Clube Diamantinos¹¹¹ no ano de 1917. Quando rememora esse fato, a sua voz muda de entonação, a emoção parece tomar conta de sua fala:

Eu fui convidada para ser a rainha, porque eu era muito querida, o pessoal me adorava e eu adorava Pelotas. Eu era uma pessoa que tinha, modéstia à parte, um prestígio enorme, porque todas as camadas sociais, desde o presidente até os mendigos que vinham lá em casa, todo mundo eu recebia com muito carinho. De maneira que lá também havia a vila, porque eu era uma pessoa que agradava todo mundo, eu tinha prazer de viver, então eu não tinha classe, os empregados me adoravam, todo mundo me adorava e eu também queria muito bem a todos. ***Claro, pois eu fui rainha. Eu fui rainha uma vez, com o clube e depois toda a vida***¹¹².

De acordo com o Diário Popular, comemorativo aos 85 anos do Clube Diamantinos, “a coroação de suas rainhas eram verdadeiros *festivais de arte*,

¹¹⁰ Aqui refiro-me ao título de nobreza do casal.

¹¹¹ O Clube Diamantinos foi fundado em 8 de abril de 1906, originalmente seu nome era Clube Carnavalesco Diamantinos, surgiu com princípios carnavalescos estreando para a sociedade pelotense no carnaval de 1907. O clube foi um marco no carnaval de Pelotas e de todo o estado, contando com elaboradas festividades ao longo de todo o ano o que se intensificava a partir do mês de dezembro. Uma das festividades mais populares e mais reconhecidas do clube era a escolha da rainha. O clube contava com um amplo apoio da imprensa escrita o que fazia de suas eleitas notícia certa nos jornais do inicio do século XX. Fonte: <http://clubediamantinos.com.br/historia>, acessado em 20 de julho de 2010.

¹¹² *Zilda Maciel, *op cit*. Grifo da autora.

apresentados no Sete de Abril e mais tarde no Teatro Guarany¹¹³. Zilda foi coroada no final de janeiro de 1917 no Teatro Sete de Abril, o mesmo jornal faz referência à sua chegada de navio, depois do seu retorno do Rio de Janeiro, “foi algo nunca visto! Quando o navio aportou em Rio Grande, uma delegação a esperava no cais. Durante o trajeto, foi saudada por centenas de pessoas”.¹¹⁴

A respeito de sua coroação, a Baronesa se refere em algumas cartas entre 1916 e 1918, anos em que foi eleita e em que passou o título. “Como Rainha Avó, penso em assistir a coroação da Rainha e ao melhor carnaval do país, e tomar parte, no seu *triumpho...*”¹¹⁵

Zilda participou de diferentes concursos de beleza em Pelotas, Porto Alegre e Rio de Janeiro. A fama que conquistou com o título de “Rainha do Clube Diamantinos”, lhe rendeu várias reportagens nos jornais locais e estaduais. Tais concursos eram bastante frequentes no Brasil, nas duas primeiras décadas do século XX.

O excesso de perfeição exigido das mulheres resultou em inúmeros concursos promovidos pelas revistas de variedades, jornais e clubes sociais. Os temas desses concursos eram, além de eleger a moça mais bela, a mais culta, também qual delas se comportava melhor em público. Moças pertencentes à elite usavam seus atributos para, através de um “espírito apetrechado de beleza, conhecimentos gerais e sólidas noções de arte, de literatura... as que sabem

¹¹³ A festa acontecia nos teatros, pois só no ano de 1941 o Clube adquiriu sede própria na rua Gonçalves Chaves onde permanece até hoje.

¹¹⁴ O Diário Popular de 6 de abril de 1991 (material de apoio MMPB), ainda tem uma matéria exclusiva com “A eterna Rainha” Zilda Antunes Maciel, onde ela aos 91 anos rememora acontecimentos marcantes do seu reinado. O mesmo jornal traz uma matéria sobre sua irmã Déa, fazendo alusão ao seu reinado no ano de 1928.

¹¹⁵ Carta do Rio de Janeiro, 2 de setembro de 1916.

fazer pintura...que recitam primorosamente..." (MALUF e MOTT, apud NOVAIS, 1998, p. 396).



Figura 26- Revista “Illustração Pelotense” de 1919. Ano I, nº 1 que traz Zilda Maciel na capa. Acervo MMPB.

Na contracapa da revista encontramos a seguinte descrição:

A nossa capa

Illustra a nossa capa a figura angélica de Zilda Maciel. Eil-a a distribuir aos nossos eleitores o seu mágico sorriso. Acreditamos que esse riso encantador será um atractivo de innumerias sympathias para a nossa modesta revista, regiamente ornada. Agradecemos á bella e distincta patrícia a honra que se dignou generosamente conceder á Illustração, que se ufana de ser portadora de tanta belleza.

Diretor Dr. Bruno de Mendonça Lima¹¹⁶

¹¹⁶ A revista periódica *Illustração Pelotense* foi criada no ano de 1919 e perdurou até 1926, sendo bastante prestigiada pela sociedade pelotense em geral. Em Pelotas, entre o final do século XIX e início do século XX, vários pequenos periódicos foram lançados, como as folhas ilustradas que



Figuras 27 e 28 – Zilda nos jornais “A Opinião Pública” e “Diário Popular”¹¹⁷.
Acervo MMPB.

O Concurso Chic foi promovido pelo jornal A Opinião Pública. Em cada edição, vinha um cupom para ser destacado e entregue com o número da candidata preferida, a esse respeito a Baronesa Amélia diz: “Quizéra que a Zilda apreciasse, o *enthusiasmo* da *gurysada* aqui com o tal - Concurso Chic. De manhã todos querem ler o jornal, para *vêrem* se *ella* está em 1º lugar. Tiram o cupom e mandam...”¹¹⁸.

misturavam sátira social e literatura, como O Cabrion (1876-1880) e A Ventarola (1887-1889). (LONNER, apud LONNER, GILL e MAGALHÃES, 2010, p. 147-148).

¹¹⁷ Respectivamente Jornal A Opinião Pública de 11 de setembro de 1917, que traz como destaque central Zilda Maciel como o segundo lugar do Concurso Chic promovido pelo jornal./ Jornal Diário Popular de 21 de Abril de 1922, apresentando as Três vencedoras do Concurso de Beleza “A Máscara” de Porto Alegre. Onde Zilda Maciel ficou em segundo lugar com 5382 votos. Acervo MMPB.

¹¹⁸ Carta de Pelotas, 2 agosto de 1917. No momento do concurso em questão, Zilda encontrava-se com os pais no Rio de Janeiro, onde estudava, e a sua avó, em Pelotas.

Dando fim ao período de glamour dos concursos de beleza, Zilda casa, aos 24 anos de idade. Segundo livro de registros do Cartório, Zilda Antunes Maciel contraiu matrimônio com o médico Carlos Florêncio de Abreu e Silva¹¹⁹, no dia 14 de abril de 1923, na Chácara de seus pais¹²⁰. A cerimônia religiosa foi realizada na Catedral de São Francisco de Paula. Segundo relatos, a festa foi realizada na Chácara dos Barões, em um grande jantar para a família e demais convidados. Após o casamento, Zilda passou a se chamar Zilda Maciel de Abreu Vicente.



Imagen 29-Casamento de Zilda Antunes Maciel e Carlos Florêncio de Abreu e Silva.
Fonte: Acervo MMPB

Segundo Ecléa Bosi (1994), os idosos relembram certos acontecimentos através de marcos, como casamento e o nascimento de filhos e netos. Ao rememorar seu casamento, Zilda não se atém a data em que aconteceu, mas reconstitui a cerimônia e os preparativos com uma riqueza de detalhes que

¹¹⁹ Carlos Florêncio de Abreu e Silva era médico, natural de Porto Alegre, foi professor da Faculdade de Medicina no Rio de Janeiro. Filho de João Vespúcio de Abreu e Silva que foi Senador, engenheiro civil e marechal do exército. Foi deputado e líder da bancada gaúcha.

¹²⁰ Ver certidão de casamento em anexo.

permitem ao leitor imaginar a cena: “De datas eu não sei. Agora eu já perdi a noção do tempo, eu tenho cento e tantos anos, já perdi a noção do tempo, e não vou a lugar nenhum, e não enxergo¹²¹. Eu já passei dos cem, eu já estou com cento e um, não é?” Ainda de acordo com Bosi (1994), “chama-nos atenção com igual força a sucessão de etapas na memória que é toda dividida por marcos, pontos onde a significação da vida se concentra”.

Ao encerrar a longa entrevista Zilda faz uma “homenagem” à cidade em que viveu

Eu recebia todo mundo da mesma maneira, sem fazer diferenças das posições, nem nada, sempre recebendo todos de coração, gente muito boa, em todas as camadas, porque os mais pobres ficavam na cozinha e tudo, mas participavam, é engraçado, eram carinhosos, eles participavam da vida da gente, era uma coisa (...). Um povo realmente muito acolhedor.¹²²

Renato Janine Ribeiro (1997), fala do desejo de perpetuar-se, em suas narrativas: “mais do que isso o de constituir a própria identidade pelos tempos adiante, responde ao anseio de forjar uma glória”. Zilda, aos 102 anos de idade, quase não sai de casa devido ao problema de visão, as visitas não são tão frequentes. Ao encontrar alguém disposto a ouvir sobre o seu passado e de sua família, ela reconstrói suas memórias, sem a “pressão dos preconceitos” e as “preferências das sociedades dos velhos”, podem moldar o passado, recompondo uma biografia individual, seguindo a valores e padrões que seriam considerados ideológicos. (BOSI, 1994, p.63)

Para finalizar essa parte, gostaria de utilizar uma citação de Philippe Artières: ‘Narrar-se não é diferente de inventar-se uma vida. Ou debruçar-se

¹²¹ Zilda aos 102 anos de idade era uma mulher bastante ativa apesar de ter dificuldades em enxergar. A baronesa Amélia, em suas cartas também queixa-se de estar perdendo a visão e de ter muitas dores nos olhos.

¹²² *Zilda Maciel, *op cit.*

sobre sua intimidade não é diferente de inventar-se uma intimidade. O ato autobiográfico é constitutivo do sujeito e de seu conteúdo". (ARTIÉRES, 1998, p.10)

3.4. A última moradora do Solar: Déa Antunes Maciel



Imagen 30. Déa pousando para o carnaval do Clube Diamantinos de 1928. Acervo MMPB.

A última das "meninas Macieis" a residir no solar foi Déa Antunes Maciel. Ela nasceu em 1909, na cidade de Pelotas, e morreu em 1979, na cidade do Rio de Janeiro. Filha de Dona Sinhá e de Lourival Antunes Maciel, neta da Baronesa Amélia. Déa passou sua infância em constantes viagens entre Pelotas e o Rio de

Janeiro. O costume da família, de passar os invernos no Rio, proporcionou a ela uma educação diferenciada das meninas pelotenses, tornando-a, segundo relatos, uma moça fascinante para a sociedade local.



Figura 31. Déa no colo de sua Avó Amélia, uma das raras imagens que temos da Baronesa com seus netos. Fonte: Acervo MMPB.

De acordo com Perrot, nos *Anos Loucos*, “muitas tendências se afirmam entre as mulheres: a juventude, a modernidade, a vontade de se emancipar das modas de outrora, do mundo... época de liberação sexual...”. Segundo relatos, Déa causou escândalo ao chegar em Pelotas, após uma de suas temporadas no Rio, com os cabelos cortados a *la Garçonne*, moda já bastante difundida no Rio de Janeiro, mas que demoraria a chegar em Pelotas. “O corte de cabelos, nesse momento brilhante dos *Anos Loucos*, significava nova mulher, nova feminilidade. (PERROT, 2008, p.71)

Déa, assim como sua irmã Zilda, também participava de vários concursos de beleza, sendo, inclusive, eleita, em 1928, Rainha do Clube Diamantinos. Em relato de Zilda ao Diário Popular encontramos

No momento da coroação da rainhazinha, o Diamantinos conservava o mesmo *savoir-faire* de antigamente, E a noite, no momento da sua coroação no Teatro Guarany, a orquestra foi formada por mais de cinquenta integrantes, os melhores de todo o Estado. Nesse dia a chácara amanheceu repleta de flores para a rainhazinha...¹²³



Figuras 32 e 33- Respetivamente, Déa Antunes Maciel com sua roupa de Rainha do Clube Diamantinos e Jornal O Libertador, de 17 de Fevereiro de 1928, apresentando a corte do Carnaval do Clube Diamantinos, ao centro Déa Antunes Maciel como Rainha. Fonte: Acervo MMPB.

¹²³ Diário Popular de 6 de abril de 1991. Entrevista com Zilda Antunes Maciel em edição comemorativa aos oitenta e cinco anos do Clube Diamantinos.

Em 1929, Déa figura entre as “Senhorinhas mais Belas do Estado”, ao sair representando Pelotas na Revista do Globo¹²⁴ – a revista que trazia na capa Bila Ortiz, miss Rio Grande do Sul de 1929 em edição dedicada a beleza feminina no Brasil. Déa aparece comparada a Vênus de Millo e a Gioconda, nessa mesma edição, além de mostrar os referenciais de beleza no Estado, a revista traz propagandas dos últimos eletrodomésticos lançados, sem falar nos inúmeros anúncios de roupas e artigos femininos.

¹²⁴ A **Revista do Globo** foi um periódico ilustrado brasileiro, editado quinzenalmente pela Livraria do Globo, em Porto Alegre, entre os anos de 1929 e 1967. A revista trazia matérias sobre variedades locais, nacionais e internacionais, divididas nas seções *O Globo em Revista*, *Vida Literária*, *Belas Artes*, *Vida Social*, *Cineglobo* e um espaço para atualidades esportivas. Publicava colunas de escritores como Theodomiro Tostes, Moysés Vellinho, Augusto Meyer, Mário Quintana, Raul Bopp, Viana Moog, Herbert Caro e Erico Veríssimo. Disponível em: www.unilasalle.edu.br/museu/mouseion/memoria_revista_globo.pdf



Figura 34-Revista do Globo, ano 1 nº 7 e 8. Décia Antunes Maciel (a primeira à direita) figura entre as “Senhorinhas mais belas do Estado”. Acervo MMPB.¹²⁵

A mulher dessas décadas (1920-1930) tem novos hábitos, comportamentos e maneiras. Bastante influenciadas pela moda europeia, já não estão mais restritas ao lar. Praticam esportes, saem sozinhas de casa, vão a bailes elegantes, participando ativamente da vida em sociedade.

Décia é considerada, para a época, muito moderna, causando espanto com suas atitudes consideradas avançadas para seu tempo. Conforme Perrot, há uma quebra da hierarquia do público-privado, e a mulher começa a ser vista

¹²⁵ Capa da revista em anexo. Fonte: Acervo MMPB.

passeando sozinha pelas ruas dos grandes centros. Novas atitudes são vistas nas mulheres das décadas de 20 e 30 do século XX como: “fumar, dirigir automóvel, ler jornal em público, frequentar cafés...” (PERROT, 2008, p.60).

Déa nunca se casou, de acordo com relatos de sua prima Magali Antunes Maciel: “ela gostava muito de um rapaz, mas a vovó não achava bom e não deixou. Daí ela teve uma desilusão amorosa”.¹²⁶ Alguns relatos de antigos funcionários do museu contam que Déa fumava muito e que a família também não gostava pois ela era muito “moderninha”.



Imagen 35- Déa Antunes Maciel, em companhia de Getúlio Vargas.
Fonte: Acervo MMPB.

Pelas fotografias e relatos pode-se perceber que Déa gozou muito de sua juventude e do prestígio de seus pais, frequentando festas, viajando pelo país e conhecendo pessoas influentes.

¹²⁶ Entrevista realizada por Carla Gastaud, em 07 de dezembro de 2001, com Magali Antunes Maciel, prima de Déa. Fonte: Acervo MMPB.

As representações criadas em torno de Déa, devem-se muito ao fato de passar sua juventude envolvida com viagens e acontecimentos sociais, ditando moda e causando estranheza na Pelotas da década de 1920.” Não casou porque a vovó não gostava do rapaz que Déa escolheu”, era “moderninha para a época, fumava...”, ao passar cada vez mais tempo no Rio de Janeiro e apenas curtas temporadas em Pelotas, as especulações em torno de suas escolhas eram freqüentes nas colunas sociais, “por onde andará Déinha?”

Foi a última moradora da Chácara da Baronesa. Morando no Rio de Janeiro, seguiu o hábito de sua avó e seus pais, vindo para Pelotas nos verões. Isso se deu até meados da década de 1970. Após esse período o Casarão ficando abandonado, pois todos os descendentes diretos, vivos, fixaram residência no Rio de Janeiro. O Parque foi doado para a prefeitura de Pelotas no ano de 1978.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Fica o que significa. O que em mim fica? O que em mim significa?” (BOSI, 1994)

Essa dissertação teve como objetivo analisar as representações criadas em torno do “solar da baronesa” e da família Antunes Maciel. O cenário começou a delinejar-se no primeiro capítulo a partir da Pelotas oitocentista, onde aspectos econômicos, sociais e culturais foram analisados a partir da perspectiva das representações, ora feita por viajantes, em fatos jornalísticos, ou através das recordações de pessoas da família.

Pode-se perceber através desses relatos como a fama de “princesa do sul” ou a “flor do estado” foi adquirida. Pelotas com seus imponentes casarões e ricos charqueadores esteve presente no universo literário da época, e no imaginário de seus habitantes, corroborando para a manutenção de uma memória coletiva calcada nos ideais de uma parcela da população, a elite.

Esse capítulo permitiu que se compreendesse o contexto social e cultural em que as representações em torno da aristocracia pelotense começaram a ser “criadas”, ditando modelos de comportamento e produzindo significações.

No segundo capítulo a “Chácara da Baronesa” foi apresentada em seus múltiplos aspectos, desde a sua construção e da disposição dos cômodos, até as representações criadas em torno desse “lugar de memória”. Podemos perceber o uso do casarão pelas três gerações da família da Baronesa dos Três Serros

através dos relatos do seu cotidiano, das festas e dos grandes acontecimentos em que o casarão foi palco. As diferentes narrativas em torno do Solar da Baronesa foram sendo apropriadas, inventadas e ressignificadas pela sociedade, ganhando *status* de verdade.

A Baronesa Amélia desejava que “o velho casarão” retornasse aos tempos áureos, onde ela foi feliz junto com seu marido, filhos e netos. Dos relatos em jornais da época até as recentes postagens em blogs, a chácara foi vista através dos múltiplos olhares de quem a descreveu. Passado e presente revelando segredos sobre uma família que foi escolhida para ter sua memória perpetuada no espaço onde viveram. A partir dos laços de convivência de seus familiares, seus hábitos e aspectos religiosos, foi reconstruída a vida em família da Baronesa.

Assim, no último capítulo, “As meninas Macieis”, pudemos perceber de onde os diferentes discursos a respeito da “chácara da Baronesa” surgiram.

Quatro mulheres da família Maciel foram analisadas através da “escrita de si” da Baronesa Amélia para sua filha Sinhá, onde os ideais de mãe, esposa e figura da sociedade foram discutidos, como se a distância não as separasse, “É como se falasse *comigo* minha filha”, diz Amélia em uma dessas inúmeras cartas. Contudo, é preciso perceber que esses ideais foram selecionados cuidadosamente para serem citados, pois faziam parte do modo de vida de uma parcela da família brasileira nas quais a Baronesa se reconhecia e da qual desejava continuar fazendo parte.

Aspectos da sociedade pelotense foram por elas discutidos, embasados nos recortes de jornais que trocavam e nas revistas que mandavam uma para outra. Através da leitura que elas iam fazendo do seu mundo, iam constituindo suas práticas e produzindo novas representações. Amélia buscou no ato de escrever e na cumplicidade com sua confidente, consolo para os momentos difíceis de sua vida, como as perdas, a saudade e os problemas de saúde que vieram com a velhice.

Podemos constatar que graças a Sinhá que serviu de guardiã dessa memória familiar, preservando cartas, cartões postais, fotografias, recortes de jornais e uma infinidade de documentos, essa pesquisa tornou-se possível. Arquivando a própria vida ela nos ofereceu um material sujeito a muitas interpretações.

A “rainha centenária”, Zilda, fez nascer uma “rainha avó”, como auto denominou-se Amélia já quase no final de sua vida. Zilda vivenciou duas viradas de século. Aos 102 anos de idade reconstruiu sua vida e de sua “nobre família”, através de seus relatos. Neles corremos o risco de deixar-nos levar pelo “feitiço das fontes”, seduzidos pelo encantamento e pela clareza expressa nas suas palavras. O “efeito de verdade” produzido por suas narrativas produziu um vasto material de análise, do qual foram apropriados determinados fatos que embasaram esta discussão, outros tantos foram deixados para serem desvelados em trabalhos futuros.

“Ideóloga de sua própria vida” Zilda, teve em sua juventude e “eterna beleza” as suas mais perfeitas recordações. Ao selecionar os fatos a serem narrados dentre seu cabedal de lembranças, ela reconstruiu sua trajetória a fim de

dar sentido ao que viveu. A partir da singularidade de seus relatos foi possível perceber valores e comportamentos compartilhados dentro dos domínios da cultura da classe a que pertencia.

A última das Macieis a ter a vida “desvendada” nesse trabalho foi Déa, a neta caçula dos Barões. Ao figurar entre as “senhorinhas mais belas do estado”, ela seguiu o caminho da irmã mais velha Zilda, afinal a “*belleza* é um dos primeiros *atributos* das *Macieis*, de acordo com as palavras da “rainha avó”.

Tal como as mulheres de Minot (CANDAU), avó, mãe e filhas alimentaram a memória da família e da comunidade a partir de suas histórias, funcionando como sociotransmissores dessas memórias. Essas mesmas histórias ao serem contadas e recontadas, foram ganhando novos sentidos, pois cada indivíduo que lembra, o faz de acordo com a sua própria visão do mesmo acontecimento.

Após a década de 1940, a família, aos poucos abandonou a chácara, suas temporadas em Pelotas eram cada vez mais raras. O “velho casarão” foi perdendo o seu glamour, até tornar-se um fardo para a família, devido aos gastos com a sua manutenção. Mas a sua história estaria apenas começando.

Podemos concluir que as diferentes narrativas presentes nesse trabalho, são representações de um mundo dado a ler. Nessas narrativas sobre “as macieis”, atributos como o de *boa mãe, exemplo de fidalguia, beleza e extrema bondade* foram constantemente a elas atribuídos. Conforme Chartier as representações são a *trama da vida social*, constituindo fenômenos reais com propriedades distintas.

As representações criadas em torno desse “lugar de memória” e da família que o habitou foram encontradas nos textos e relatos analisados. As designações “chácara da Baronesa” e “solar da Baronesa” agora se justificam, não seria possível a chamarmos de “chácara do Barão”, nada mais justo depois de “conhecermos” essas mulheres na intimidade, que darmos a Amélia o mérito de ter seu nome perpetuado na casa que habitou.

“As meninas Macieis” deixaram sua marca no imaginário da cidade, sobressaindo-se aos homens que habitaram o solar. Por meio de seus percursos, escolhas e desejos, os meandros da vida cotidiana em família, em diferentes temporalidades, puderam ser analisados. A salvaguarda dos documentos privados por essas mulheres, nos permitiram percorrer os caminhos do mundo feminino do final do século XIX e início do século XX, ainda pouco explorado pela historiografia.

Nesse trabalho, procurou-se desvendar apenas alguns dos aspectos presentes nos documentos analisados; com certeza, muitos outros desdobramentos ainda serão possíveis nesse vasto acervo. Documentos como as cartas de Mozart e Rubens para a sua mãe Sinhá, netos que assim como a avó Baronesa fizeram da escrita epistolar um meio de ligação com a família, ficaram de fora desse trabalho. A religiosidade de Amélia e suas crenças tão presentes em sua “escrita de si” também mereceriam destaque em trabalhos futuros.

O Museu Municipal Parque da Baronesa não foi o objeto desse estudo, mas a salvaguarda do seu acervo e as representações que foram criadas dentro desse espaço através de sua expografia são fundamentais para continuar

alimentando a memória da família Antunes Maciel. Em 29 anos, transformou-se em um importante ponto turístico do sul do estado, recebendo em média treze mil pessoas por ano. Com a criação dos cursos de Bacharelado em Museologia e Conservação e Restauro, bem como o Mestrado em Memória e Patrimônio, o número de pesquisas envolvendo o Museu e seu acervo tem sido cada vez maior.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E FONTES

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *História: a arte de inventar o passado: ensaios de teoria da história*. Bauru: Edusc, 2007.
- AMADO, Janaina e FERREIRA, Marieta de Moraes (org). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- ARIÉS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. São Paulo: LTC, 1981.
- ARRIADA Eduardo. *Pelotas: gênese e desenvolvimento urbano (1780-1835)*. Pelotas: Armazém Literário, 1994.
- ARTIÈRES, Philippe. *Arquivar a própria vida* In: Estudos históricos Rio de Janeiro:vol.1, nº28, 1998.
- AZEVEDO, Vivianne M. de. Literatura e história: uma questão narrativa. Disponível em: www.portfolium.com.br/artigo-viviane1.html. Acesso em 05/08/2007.
- BACZKO, Bronislaw. *Imaginação social*. In: ROMANO, Ruggiero (org.). Encyclopédia Einaudi. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1985. v. 5.
- BARROS, José d' Assunção. "A História Cultural e a contribuição de Roger Chartier". In: *Diálogos*, Maringá, DHI/PPH/UEM, v.9, n.1, p. 125- 141, 2005.
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- _____. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. 2 ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. *As regras da Arte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- _____. "A ilusão biográfica". In: AMADO, Janaina e FERREIRA, Marieta de Moraes (org). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- BRUNEL, Pierre (org.). Dicionário de mitos literários. Tradução Carlos Sussekind [et al.]. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.
- CALVINO, Ítalo. *As cidades Invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CANDAU, Joel. *Memoria e identidad*. Buenos Aires, Del Sol, 2001.
- _____. *Antropología de la memoria*. 1^{ed.}- Buenos Aires: Nueva Visión, 2002.
- CARDOSO, Fernando Henrique. Rio Grande do Sul e Santa Catarina. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de (org). *História Geral da Civilização Brasileira. Tomo II. Brasil Império*. Rio de Janeiro: Bartrad Brasil, 2001.

CARDOSO, Luciana Silveira. O conservar de uma significação: Investigando e Diagnosticando os Parâmetros Ambientais da Reserva Técnica do Museu Municipal Parque da Baronesa, Pelotas/RS. Trabalho de conclusão do curso de bacharelado em Museologia/ UFPEL, 2010.

CARVALHO, José Murilo de. *Teatro de Sombras: a política imperial*. 4ª ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.

CASANOVA, Taciana. *Coleções, Memória e Poder: análise de dois museus pelotenses (Museu Municipal Parque da Baronesa e Museu Farmacêutico Moura)*. Trabalho de conclusão do curso de bacharelado em Museologia/ UFPEL, 2010.

CAVALCANTI, Vanessa Ribeiro Simon. *Escritura e Memória na Formação de mulheres entre 1870 e 1940*. In **História e Perspectivas**, Uberlândia, 31: 153-176, jul./Dez.2004

CHARTIER, Roger. *A história cultural - entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1988.

_____. *O mundo como representação*. In Estudos avançados 11 (5), 1991.

_____. *Diferenças entre os sexos e dominação simbólica*. In cadernos PAGU (4) 1995: PP. 37-47.

_____. *Formas e Sentido. Cultura escrita: entre distinção e apropriação*./ tradução Maria de Lourdes Meirelles Matencio.- Campinas, SP: Mercado de Letras; Associação de Leitura do Brasil (ALB), 2003.

CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. Lisboa: Edições 70, 2000.

CIANNELLA, Leonardo Cury Maroun. *A Importância da Fotografia para a Preservação da Memória*. Monografia de Conclusão do curso de Bacharelado em Museologia na UNI-RIO, 2006.

CLAVAL, Paul. *A Geografia Cultural*. 2.ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2001.

COSTA, Nathalia Santos da. “Entendendo, Aplicando e Conhecendo”: A educação no Museu Municipal Parque da Baronesa, Pelotas/RS, 2005-2009. Trabalho de conclusão do curso de bacharelado em Museologia/ UFPEL, 2010.

DEL PRIORE, M. (org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo, Contexto; Fundação Unesp, 1997.

ELIADE, Mircea. *Mito e Realidade*. Coleção Debates. 6 ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

_____. *A estrutura dos símbolos*. In: IDEM. *Tratado de história das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 355-372.

ELIAS, Norbert. *A Sociedade de Corte*. Lisboa: Editorial Estampa, 1987.

_____. *O Processo civilizador*. Vol 1. Uma História dos Costumes. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1994.

- FÉLIX, Loiva Otero. *História e Memória: a problemática da pesquisa*. Passo Fundo: Editora da Universidade de Passo Fundo, 1998.
- FERREIRA, Elizabeth Fernandes Xavier. *Mulheres, militância e memória*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getulio Vergas, 1996.
- FERREIRA, Lucia M. A. *Representações da Sociabilidade feminina na imprensa do século XIX*. In **Fênix: revista de História e Estudos Culturais**. Agosto de 2010, vol 7. Ano VII. Nº 2. disponível em: www.revistafenix.pro.br
- FOUCAULT, Michel. *O sujeito e o poder*. In: RABINOW, P.; DREYFUS, H. Michel Foucault, uma trajetória filosófica (para além do estruturalismo e da hermenêutica). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 243-244.
- FRAGA, Thaís Gomes. *Os subterrâneos emergem: a institucionalização da cultura e a temporada dos museus no RS- 1987-1991*. Dissertação de mestrado apresentada ao curso de História da UFRGS, 2004.
- FRASSON, Antonio Carlos. *A CONFIGURAÇÃO "SOCIEDADE": numa ótica de Norbert Elias*. In IV Simpósio Internacional Processo Civilizador, 2001, Assis – SP. História, Educação e Cultura. Assis – SP :UNESP, 2001. V 1, pág. 107/202.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande e Senzala*. Rio de Janeiro, José Olympio, 25^a edição, 1987.
- _____. *Vida Social no Brasil nos meados do século XIX*; tradução do original em Inglês por Waldemar Valente. 4.ed. São Paulo: Global, 2008.
- FONSECA, Maria Cecília Londres. *O Patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil*. 2 ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: ed UFRJ: Minc- Iphan, 2005.
- GASTAUD, Carla Rodrigues. *De correspondências a correspondentes: cultura escrita e práticas epistolares no Brasil entre 1880 e 1950*. Tese de doutorado apresentada a Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. POA, 2009.
- GOMES, Ângela de Castro (org.). *Escrita de Si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- GUTIERREZ, Ester J. B. *Barro e sangue: mão-de-obra, arquitetura e urbanismo em Pelotas. (1777-1888)*. Ed. da UFPEL, 2004.
- _____. Negros, charqueadas e olarias: um estudo sobre o espaço pelotense. Pelotas: Editora Universitária/UFPel; Livraria Mundial, 1993.
- HAESBAERT, Rogério. *Território, Cultura e Des-territorialização*. In: ROENDAHL, Zeny, et.al. (orgs). **Religião, Identidade e Território**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice / Editora Revista dos Tribunais, 1990.

- HALL, Michael. *História oral: os riscos da inocência. O direito à memória.* São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1992, p. 157-160.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade.* Rio de Janeiro: DP e A Ed, 1997.
- HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil.* Rio de Janeiro: José Olympio, 1998. (col. Documentos brasileiros, 1)
- KOSSOY, Boris. *Fotografia e História.* Rio de Janeiro: Ática, 1989.
- KUHN, Fábio. A Prática do Dom: família, dote e sucessão. In BOEIRA, Nelson, GOLIN Tau. Colônia, vol. 1. - Passo Fundo: Méritos, 2006. Coleção História do Rio Grande do Sul.
- LAGEMANN, Eugenio. *O Banco Pelotense e o sistema financeiro regional.* Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.
- LAVER, James. *A roupa e a moda.* São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória.* 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.
- LEAL, Nóriss Mara Pacheco Martins. *Museu da Baronesa: Acordos e conflitos na construção da Narrativa de um Museu Municipal-1982 a 2004.* Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008 (Dissertação de mestrado).
- LEAL, Elisabete. *Mulher e família na virada do século: o discurso da Federação.* In: MOREIRA, Paulo Roberto Staudt. Sobre Ruas e outros lugares: reinventando Porto Alegre. Porto Alegre: Caixa Econômica Federal, 1995.
- LEÓN, Zênia de. *Pelotas, casarões contam tua história,* 1o vol. 2a ed. ampliada. Pelotas-RS: Ed. do autor, 1993.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. Mito e significado. São Paulo: Editora Edições 70, 2007.
- LEVILLAIN, Philippe. Os protagonistas: da biografia. In: RÉMOND, René (org). Por uma história Política. Rio de Janeiro. Ed. UFRJ, 1996.
- LIMA, Ruy Cirne. *Pequena história territorial do Brasil: sesmarias e terras devolutas.* 4.ed. Brasília: ESAF, 1988
- LONER, Beatriz. "Pelotas se diverte: clubes recreativos e culturais do século XIX". In: História em Revista. Pelotas, v. 8, dezembro de 2002, pp. 37-68.
- LOPES NETO, J. Simões. *Apontamentos sobre a história de Pelotas.* Pelotas: Editora Armazém Literário, 1994.
- MAGALHÃES, Mario Osório. *Opulência e cultura na província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890).* Pelotas: Editora da UFPel/Livraria Mundial, 1993.
- _____. "Um barão a menos". História aos domingos. Pelotas: Editora Livraria Mundial, pp. 17-19, 2003.

- _____. *Pelotas: toda a prosa.* Vol I (1809-1871). Armazém Literário. 2000.
- _____. *Pelotas: toda a prosa.* Vol II (1874-1925). Armazém Literário. 2002.
- MALUF, Marina e MOTT, Maria Lúcia. *Recônditos do mundo feminino.* In: SEVCENKO, N. (org.). *História da Vida Privada no Brasil.* Vol 3. República: da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- MARCON, Giovana Garcia. *Entre fichas, livros e registros: os caminhos percorridos pela Documentação Museológica no Museu Municipal Parque da Baronesa (1982 a 2010).* Trabalho de conclusão do curso de bacharelado em Museologia/ UFPEL, 2010.
- MATTOSO, Kátia M. de Queirós. *Bahia, século XIX: uma província do Império.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.
- MAURO, Fréderic. *O Brasil no Tempo de Don Pedro II (1831-1889).* São Paulo: Cia das Letras, 1991.
- MEIHY, José Carlos Sebe B. & HOLANDA, Fabíola. *História Oral: Como fazer como pensar.* São Paulo: Contexto, 2007.
- MICHELON, Francisca Ferreira & TAVARES, Francine Silveira (org). *Fotografia e Memória: ensaios.* Pelotas: Editora e Gráfica da UFPel, 2008.
- MICHELON, Francisca Ferreira & TAVARES, Francine Silveira (org). *Memória e Patrimônio: ensaios sobre a diversidade cultural.* Pelotas: Editora e Gráfica da UFPel, 2008.
- MUAZE, Mariana. *As Memórias da Viscondessa: família e poder no Brasil Império.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.
- NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares.* In: *Projeto História,* São Paulo, vol.10, p.7-28, dez/1993.
- NOVAIS, Fernando A. *História da Vida Privada no Brasil, República: da Belle Époque à Era do Rádio.* vol 3_ São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- OGNIBENI, Denise: *Charqueadas pelotenses do século XIX: cotidiano, estabilidade e movimento;* 1; 274; Português; KERN, Arno A. (Docente); HISTÓRIA DAS SOCIEDADES IBÉRICAS E AMERICANAS; Sociedade, Cultura Material e Povoamento; Projeto Integrado Internacional Pró-Prata - Pesquisa Interdisciplinar da Região do Prata Oriental; FLORES, Moacyr (Docente);
- PAULA, Débora Clasen de. *Da mãe e amiga Amélia: cartas de uma Baronesa para sua filha (Rio de Janeiro - Pelotas, na virada do século XX).* São Leopoldo: Programa de Pós-Graduação em História / Unisinos, 2008 (dissertação de mestrado).
- PERROT, Michelle (org). *História da Vida Privada Vol 4. Da Revolução Francesa à Primeira Guerra.* São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

- _____. *Minha História das Mulheres*. Trad. Ângela M S Corrêa. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História, Memória e Centralidade Urbana*. Rev. Mosaico, v.1, n.1, p.3-12, jan./jun., 2008.
- _____. *História do Rio Grande do Sul*. 7^a ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994.
- _____. Muito Além do espaço cultural. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol 8, nº 16, 1995. p. 279-290.
- POLIANO, 1986. Luís Marques. *Heráldica*. Ed. GRD. Rio de Janeiro, 1986.
- PORTELLI, Alessandro. "O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum". In: AMADO, Janaina & FERREIRA, Marieta de Moraes (org). *Usos e abusos da História Oral*. 2^a ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998, p.106-130.
- POULOT, Dominique. "Um Ecossistema do Patrimônio". In: CARVALHO, C. S. de; GRANATO, M; BEZERRA, R. Z; BENCHETRIT, S. F. (orgs.). *Um Olhar Contemporâneo sobre a Preservação do Patrimônio Cultural Material*. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2008, pp. 26-43.
- RAU, Virgínia. *Sesmarias medievais portuguesas*. Lisboa: Editorial Presença, 1982.
- RIBEIRO, Renato Janine. *Memórias de Si*. In Revista de Estudos Históricos, nº 21. 1998.
- RITZKAT, Marly. *A vida privada no segundo Império: pelas cartas de Iná Von Binzer (1881-1883)*. São Paulo: Atual, 1999._ (O Olhar Estrangeiro).
- RODRIGUEZ, Andréia da Fonseca. *Gênero no espaço do Museu: uma leitura social da exposição “Entre rendas, chapéus e boas maneiras”, Museu Municipal Parque da Baronesa, Pelotas/RS, 2009*. Trabalho de conclusão do curso de bacharelado em Museologia/ UFPEL, 2010.
- ROMERO, José Luis. *La vida histórica*: ensaios compilados por Luis Albreto Romero. Ed. Sudamericana.: Buenos Aires, 1988.
- ROSA, Mário. *Geografia de Pelotas*. Ed. UFPEL, 1985.
- RYBCZYNSKI, Witold. *Casa: pequena História de uma idéia*. 3.ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem ao Rio Grande do Sul*. São Paulo: Editora da USP, 1974.
- SAMARA, Eni de Mesquita. *As Mulheres, o Poder e a Família*. São Paulo, Século XIX .São. Paulo: Editora Marco Zero & Sec. de Est. da Cultura de São Paulo, 1989.
- _____. *A família brasileira*, 3^a ed., São Paulo, Brasiliense, 1986.

- _____. Família, mulheres e povoamento: São Paulo, século XVII-XVIII. Bauru: Edusc, 2003.
- SANTOS, Assumpção. *Uma linhagem Sul Rio-Grandense: os “Antunes Maciel”*. Rio de Janeiro: Instituto Genealógico Brasileiro, 1957.
- SANTOS, Denise Ondina Marroni dos. *Estudo sobre o vestuário e sociedade a partir do acervo têxtil do Museu da Baronesa (Pelotas/RS)*. Pelotas: Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural / UFPel, 2009 (dissertação de mestrado).
- SANTOS, Milton. *Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método*. Boletim Paulista de Geografia, São Paulo: AGB, 1977, p. 81- 99
- SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. *A escrita do Passado em Museus Históricos*. Rio de Janeiro: Garamond, MinC, IPHAN, DEMU, 2006.
- SCHAPOCHNIK, Nelson. *Cartões- postais, álbuns de família e ícones da intimidade*. In: SEVCENKO, N. (org.). *História da Vida Privada no Brasil. Vol 3. República: da Belle Époque à Era do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SCHWANZ, Angélica Kohls. *Florestamento, desenraizamento: a transformação da paisagem nos pampas e a identidade do gaúcho*. Maringá: Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá, 2009 (dissertação de mestrado).
- SCHWANZ, Jezuita Kohls. *O Risco do Bordado: trajetórias de vida de senhoras em fase de letramento*. Monografia apresentada ao Curso de Pós Graduação em Memória, Identidade e Cultura material/ UFPEL, 2006.
- _____, MONTONE, Annelise. *Amelinha em: Uma viagem aos tempos da Baronesa*. 2009. <http://www.museudabaronesa.com.br>
- SEGAWA, Hugo. *Ao amor do público: Jardins no Brasil*. São Paulo: Studio Nobel / FAPESP, 1996.
- THOMPSON, Paul, *A Voz do Passado: História Oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- WOODWARD, Katherine. “Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual”. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- ZITZKE, Rafael Macedo. *Três Décadas de História: as mudanças nas práticas de conservação preventiva no Museu Municipal Parque da Baronesa, Pelotas-RS (1982-2010)*. Trabalho de conclusão do Curso de Bacharelado em Museologia. UFPEL, 2010.

OUTRAS FONTES DE PESQUISA

-Arquivo da Cúria de Pelotas, São Francisco de Paula.
Livros de registros de casamentos de 1860 a 1865. Setor Arquivo.

- Testamento de Aníbal Antunes Maciel - Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul. Inventário do Barão de Três Cerros. Nº 1071, Maço 60. Estante 25, Ano 1887. 1º Cartório de Órfãos e Provedoria.

-151 cartas escritas pela Baronesa Amélia para sua filha Sinhá na virada do século XIX para o século XX - Acervo MMPB, descritas por ordem cronológica:

Carta da Baronesa - Pelotas, 10 de maio de 1885.
 Carta da Baronesa - Pelotas, 04 de julho de 1885.
 Carta da Baronesa - Paquetá, 17 de abril de 1889.
 Carta da Baronesa - Rio de Janeiro, 22 de julho de 1899.
 Carta da Baronesa - Rio de Janeiro, 24 de agosto de 1899.
 Carta da Baronesa - Rio de Janeiro, 06 de outubro de 1899.
 Carta da Baronesa - Rio de Janeiro, 13 de outubro de 1899.
 Carta da Baronesa - Rio de Janeiro, 03 de novembro de 1899.
 Carta da Baronesa - Rio de Janeiro, 24 de novembro de 1899.
 Carta da Baronesa - Rio de Janeiro, 02 de dezembro de 1899.
 Carta da Baronesa - Rio de Janeiro, 20 de dezembro de 1899.
 Carta da Baronesa – São Domingos, 20 de setembro de 1900.
 Carta da Baronesa – São Domingos, 23 de setembro de 1900.
 Carta da Baronesa - Curitiba, 07 de agosto de 1903.
 Carta da Baronesa - Curitiba, 19 de agosto de 1903.
 Carta da Baronesa - Curitiba, 03 de setembro de 1903.
 Carta da Baronesa - Curitiba, 07 de agosto de 1903.
 Carta da Baronesa - Curitiba, 06 de setembro de 1903.
 Carta da Baronesa - Rio de Janeiro, 06 de outubro de 1903.
 Carta da Baronesa - Rio de Janeiro, 06 de outubro de 1903.
 Carta da Baronesa - Rio de Janeiro, 16 de outubro de 1903.
 Carta da Baronesa - Rio de Janeiro, 24 de outubro de 1903.
 Carta da Baronesa - Rio de Janeiro, 30 de outubro de 1903.
 Carta da Baronesa - Rio de Janeiro, 06 de outubro de 1903.
 Carta da Baronesa - Rio de Janeiro, 10 de novembro de 1903.
 Carta da Baronesa - Rio de Janeiro, 29 de novembro de 1903.
 Carta da Baronesa - Rio de Janeiro, 19 de junho de 1906.
 Carta da Baronesa - Rio de Janeiro, 14 de fevereiro de 1907.
 Carta da Baronesa - Rio de Janeiro, 23 de abril de 1909.
 Carta da Baronesa - Rio de Janeiro, 28 de abril de 1909.
 Carta da Baronesa - Rio de Janeiro, 04 de maio de 1909.
 Carta da Baronesa - Rio de Janeiro, 06 de maio de 1909.
 Carta da Baronesa - Rio de Janeiro, 10 de maio de 1909.
 Carta da Baronesa - Rio de Janeiro, 16 de maio de 1909.
 Carta da Baronesa - Rio de Janeiro, 20 de maio de 1909.
 Carta da Baronesa - Rio de Janeiro, 26 de maio de 1909.
 Carta da Baronesa - Rio de Janeiro, 01 de junho de 1909.
 Carta da Baronesa - Rio de Janeiro, 08 de junho de 1909.
 Carta da Baronesa - Rio de Janeiro, 15 de junho de 1909.
 Carta da Baronesa - Rio de Janeiro, 18 de junho de 1909.
 Carta da Baronesa - Rio de Janeiro, 24 de junho de 1909.
 Carta da Baronesa - Rio de Janeiro, 01 de julho de 1909.
 Carta da Baronesa - Rio de Janeiro, 14 de julho de 1909.

Carta da Baronesa - Rio de Janeiro, 20 de julho de 1909.
Carta da Baronesa - Rio de Janeiro, 30 de julho de 1909.
Carta da Baronesa - Rio de Janeiro, 23 de abril de 1909.
Carta da Baronesa - Rio de Janeiro, 03 de agosto de 1909.
Carta da Baronesa - Rio de Janeiro, 09 de agosto de 1909.
Carta da Baronesa - Rio de Janeiro, 14 de agosto de 1909.
Carta da Baronesa - Rio de Janeiro, 19 de agosto de 1909.
Carta da Baronesa - Rio de Janeiro, 23 de agosto de 1909.
Carta da Baronesa - Rio de Janeiro, 30 de agosto de 1909.
Carta da Baronesa - Rio de Janeiro, 09 de setembro de 1909.
Carta da Baronesa - Rio de Janeiro, 13 de setembro de 1909.
Carta da Baronesa - Rio de Janeiro, 16 de setembro de 1909.
Carta da Baronesa - Rio de Janeiro, 28 de setembro de 1909.
Carta da Baronesa - Rio de Janeiro, 29 de setembro de 1909.
Carta da Baronesa - Rio de Janeiro, 05 de outubro de 1909.
Carta da Baronesa - Rio de Janeiro, 12 de outubro de 1909.
Carta da Baronesa - Rio de Janeiro, 25 de outubro de 1909.
Carta da Baronesa - Rio de Janeiro, 03 de novembro de 1909.
Carta da Baronesa - Rio de Janeiro, 19 de novembro de 1909.
Carta da Baronesa - Rio de Janeiro, 26 de novembro de 1909.
Carta da Baronesa - Rio de Janeiro, 02 de dezembro de 1909.
Carta da Baronesa - Rio de Janeiro, 10 de dezembro de 1909.
Carta da Baronesa - Rio de Janeiro, 14 de dezembro de 1909.
Carta da Baronesa - Rio de Janeiro, 24 de dezembro de 1909.
Carta da Baronesa - Rio de Janeiro, 04 de janeiro de 1910.
Carta da Baronesa - Rio de Janeiro, 10 de janeiro de 1910.
Carta da Baronesa - Rio de Janeiro, 14 de janeiro de 1910.
Carta da Baronesa - Rio de Janeiro, 04 de janeiro de 1910.
Carta da Baronesa - Rio de Janeiro, 20 de janeiro de 1910.
Carta da Baronesa - Rio de Janeiro, 22 de janeiro de 1910.
Carta da Baronesa - Rio de Janeiro, 01 de fevereiro de 1910.
Carta da Baronesa - Rio de Janeiro, 03 de fevereiro de 1910.
Carta da Baronesa - Rio de Janeiro, 04 de fevereiro de 1910.
Carta da Baronesa - Rio de Janeiro, 08 de março de 1910.
Carta da Baronesa - Rio de Janeiro, 15 de março de 1910.
Carta da Baronesa - Rio de Janeiro, 30 de março de 1910.
Carta da Baronesa - Pelotas, 12 de julho de 1916.
Carta da Baronesa - Pelotas, 17 de julho de 1916.
Carta da Baronesa - Pelotas, 27 de julho de 1916.
Carta da Baronesa - Pelotas, 01 de agosto de 1916.
Carta da Baronesa - Pelotas, 28 de agosto de 1916.
Carta da Baronesa - Pelotas, 02 de setembro de 1916.
Carta da Baronesa - Pelotas, 09 de setembro de 1916.
Carta da Baronesa - Pelotas, 19 de setembro de 1916.
Carta da Baronesa - Pelotas, 30 de setembro de 1916.
Carta da Baronesa - Pelotas, 07 de outubro de 1916.
Carta da Baronesa - Pelotas, 08 de novembro de 1916.
Carta da Baronesa - Pelotas, 29 de novembro de 1916.
Carta da Baronesa - Pelotas, 06 de dezembro de 1916.
Carta da Baronesa – Rio de Janeiro, 06 de junho de 1917.
Carta da Baronesa – Rio de Janeiro, 06 de junho de 1917.
Carta da Baronesa – Rio de Janeiro, 14 de junho de 1917.
Carta da Baronesa – Rio de Janeiro, 19 de junho de 1917.
Carta da Baronesa – Rio de Janeiro, 26 de junho de 1917.
Carta da Baronesa – Rio de Janeiro, 24 de agosto de 1917.

Carta da Baronesa – Rio de Janeiro, 04 de setembro de 1917.
 Carta da Baronesa – Rio de Janeiro, 14 de setembro de 1917.
 Carta da Baronesa – Rio de Janeiro, 25 de setembro de 1917.
 Carta da Baronesa – Rio de Janeiro, 05 de outubro de 1917.
 Carta da Baronesa – Rio de Janeiro, 27 de outubro de 1917.
 Carta da Baronesa – Rio de Janeiro, 06 de novembro de 1917.
 Carta da Baronesa – Rio de Janeiro, 21 de novembro de 1917.
 Carta da Baronesa – Rio de Janeiro, 28 de novembro de 1917.
 Carta da Baronesa – Rio de Janeiro, 17 de dezembro de 1917.
 Carta da Baronesa – Rio de Janeiro, 28 de dezembro de 1917.
 Carta da Baronesa – Rio de Janeiro, 08 de janeiro de 1918.
 Carta da Baronesa – Rio de Janeiro, 15 de janeiro de 1918.
 Carta da Baronesa – Rio de Janeiro, 28 de janeiro de 1918.
 Carta da Baronesa – Rio de Janeiro, 08 de fevereiro de 1918.
 Carta da Baronesa – Rio de Janeiro, 13 de fevereiro de 1918.
 Carta da Baronesa – Rio de Janeiro, 16 de fevereiro de 1918.
 Carta da Baronesa – Rio de Janeiro, 12 de março de 1918.
 Carta da Baronesa – Rio de Janeiro, 22 de março de 1918.
 Carta da Baronesa – Rio de Janeiro, 06 de abril de 1918.
 Carta da Baronesa – Rio de Janeiro, 04 de maio de 1918.
 Carta da Baronesa – Rio de Janeiro, 07 de maio de 1918.
 Carta da Baronesa – Rio de Janeiro, 29 de maio de 1918.
 Carta da Baronesa – Rio de Janeiro, 14 de junho de 1918.
 Carta da Baronesa – Rio de Janeiro, 27 de agosto de 1918.
 Carta da Baronesa – Rio de Janeiro, 11 de setembro de 1918.
 Carta da Baronesa – Rio de Janeiro, 12 de março de 1918.

-Cartas Rubens Antunes Maciel - Acervo MMPB

53 cartas de Rubens para os Pais Amélia e Lourival em Pelotas, no período em que esteve na França, demarço de 1914 a agosto de 1914.

-Cartas Mozart Antunes Maciel - Acervo MMPB

34 cartas de Mozart para os pais Amélia e Lourival em Pelotas, no período em que esteve na França, no período de março de outubro de 1927 a maio de 1928.

-Jornais e revistas consultados do acervo da Biblioteca Pública Pelotense:

Almanach de Pelotas 1913
 Almanach de Pelotas 1914
 Almanach de Pelotas 1915
 Almanach de Pelotas 1916
 Almanach de Pelotas 1917
 Almanach de Pelotas 1918
 Almanach de Pelotas 1919
 Almanach de Pelotas 1920
 Revista a Ilustração Pelotense 1921.
 Revista a Ilustração Pelotense 1924.
 Álbum de Pelotas de 07 de setembro de 1922
 Jornal Diário de Pelotas 20 de janeiro de 1885
 Jornal Diário de Pelotas 22 de março de 1887
 Jornal a Opinião Pública 03 de janeiro de 1902
 Jornal a Opinião Pública 26 de março de 1902
 Jornal a Opinião Pública 04 de maio de 1909

Jornal a Opinião Pública 18 de maio de 1917
Jornal a Opinião Pública 15 de janeiro de 1919
Jornal a Opinião Pública 23 de dezembro de 1919
Jornal A Ventarola de 10 de abril de 1887

-Entrevista feita com dona Zilda Maciel Neta da Baronesa dos Três Cerros - Rio de Janeiro

-Jornais das duas últimas décadas do século XIX e duas primeiras décadas do século XX. Acervo Biblioteca Pública Pelotense.

SITES CONSULTADOS:

<http://www.ufpel.tche.br/ich/ndh/noticias/dicionario.html> acessado em 19/03/2010 às 18h50min

<http://www.monarquia.org.br/NOVO/obrasilimperial/medalhas.html> Acessado em 1º de abril de 2010 às 20h39min.

<http://www.camarassparaiso.mg.gov.br/.web3/downloads/historiadacidade.pdf>

Acessado em 15 de março de 2010 as 23h27min.

<http://mitoblogos.blogspot.com/2008/07/genealogia-275-familia-antunes-maciel.html>

Acessado em 13 de abril de 2010 as 23h05min.

ANEXOS

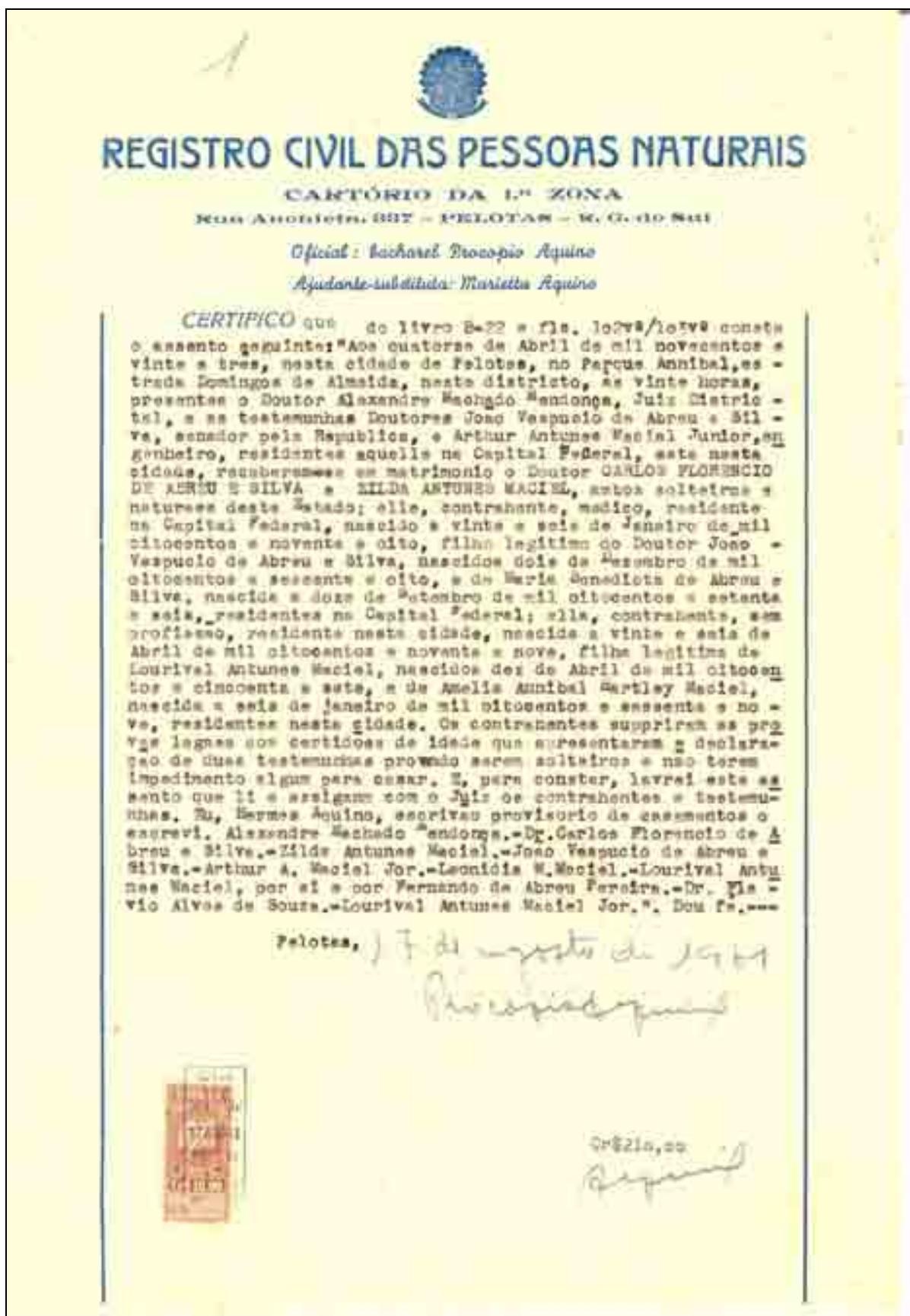
1. Certidão de casamento de Annibal Antunes Maciel Junior e Amélia Hartley de Brito Antunes Maciel. Acervo MMPB.

Centroamericana. Poblado en el lado norte
y este. Los pueblos más cercanos son los de Motagua
y Santa Bárbara. Algunos de los
siguientes son los que se mencionan más abajo: San
Lázaro, donde nació el general Francisco Morazán.
San Pedro, donde nació el general José María
Morelos y Pavón. San Juan del Río, donde nació el
general Francisco Morazán. San Juan del Río, donde nació el
general José María Morelos y Pavón. San Juan del Río,
que es la capital del departamento de Suchitepéquez.
San Juan del Río, donde nació el general José
María Morelos y Pavón. San Juan del Río, donde nació el
general José María Morelos y Pavón. San Juan del Río,
que es la capital del departamento de Suchitepéquez.
San Juan del Río, donde nació el general José
María Morelos y Pavón. San Juan del Río, donde nació el
general José María Morelos y Pavón. San Juan del Río,
que es la capital del departamento de Suchitepéquez.

2. Carta de Annibal Antunes Maciel a sua esposa Amélia Hartley de Brito Antunes Maciel em 10 de maio de 1865. Acervo MMPB.

75 *Chrysanthemum*
Mitsumata
Chrysanthemum mitis Benth. et Hook.
In the Rio Grande, a genus with four
to five species, the flowers being pale yellow
yellowish or yellow-green. The leaves
are deeply lobed or serrated. The flowers
are yellow, the petals greenish-yellow
yellow. Stems erect, exposed to
sun, pale yellow, with long narrow
oblong leaves of an elongated shape,
with fine veins. The corolla
is bright yellow, with a few, con-
centric, narrow, pointed segments
also. Ovary smooth, per-
forated on the side for passage
of the style, before the flower
is fully developed, and the style
is short. The fruit is a small oval
seed. Found in the valley
of the Rio Grande, near Chihuahua.
The species of *Chrysanthemum* in
the Rio Grande, and
Chihuahua.

3. Certidão de casamento de Zilda Antunes Maciel e Carlos Florêncio de Abreu e Silva. Acervo MMPB.



4. Acróstico escrito por Perla Maciel, filha de Zilda Maciel em 1º de dezembro de 1984. Acervo MMPB.

"Orixá" para Zilda Maciel
 Zilda suave, franca e boa.
 Invalável criatura, sempre querida por todos.
 Linda flor, cheirosa e doce.
 Namor boa, ativa e franca.
 Cíntia protegida, sempre amparada por Deus
 mãe amada,
 Anjo de bondade.
 Criatura, formidável,
 Tinha o céu te protegerá sempre,
 Encantadora, boa e carinhosa,
 Linda imagem, de tua santa mãe Tinha.

1º/12/84
 Perla

ENTREGA

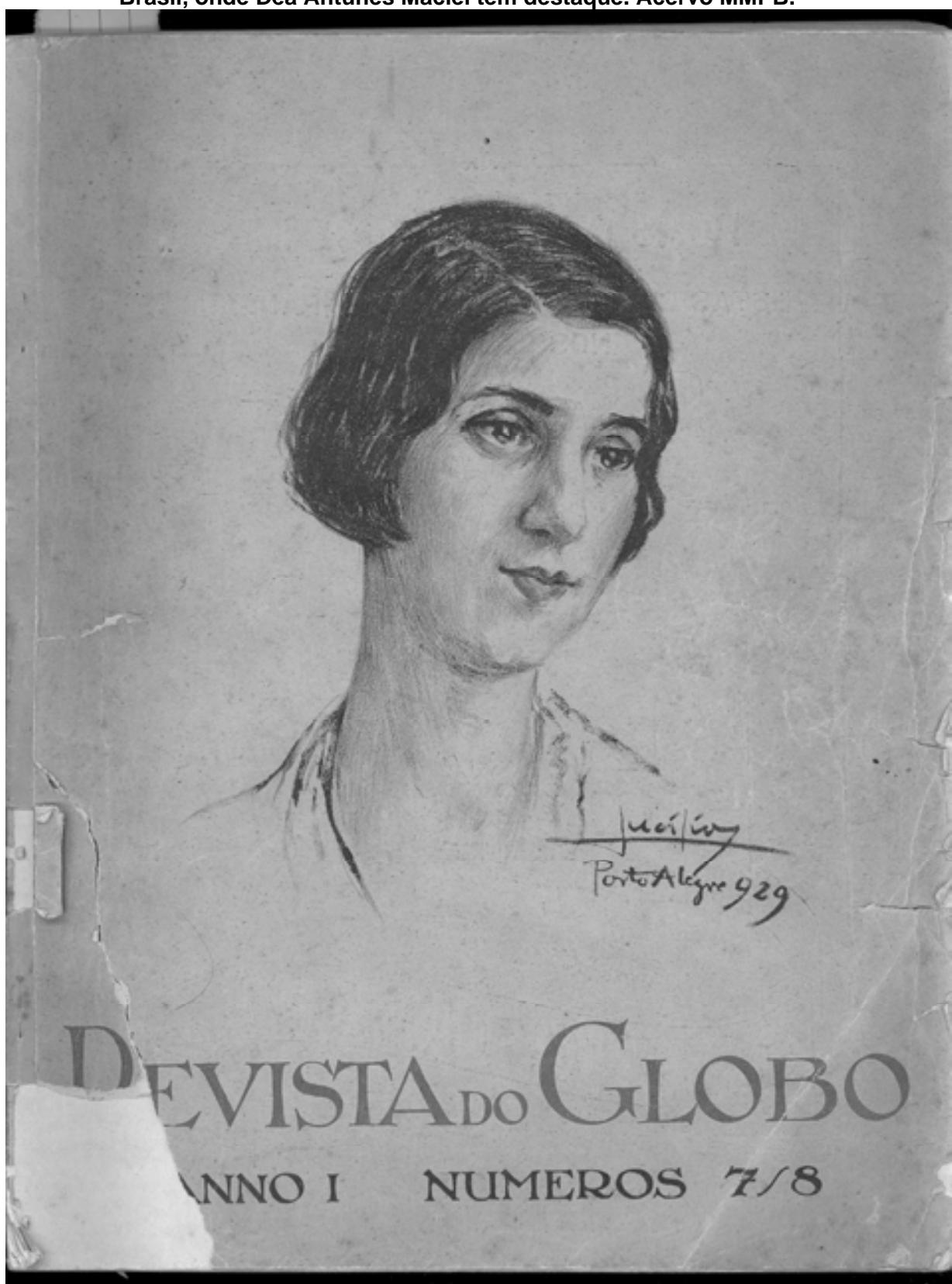
Meus acrosticos -
 oferecidos a Sítio
 à sua Perla Maciel

1984

5. Diploma de Zilda Maciel- Externato N. D. de Sion, 1911. Acervo MMPB.



6. Capa da revista do Globo ano I, nº 7 e 8. Número dedicado a beleza feminina no Brasil, onde Déa Antunes Maciel tem destaque. Acervo MMPB.



7. Jornal Diário Popular de 11 de setembro de 1917, que traz como destaque central Zilda Maciel como Rainha do Clube Diamantinos. Acervo MMPB.



8. Planta de situação do Parque da Baronesa. Material de Apoio MMPB

9. Transcrição da Entrevista com Zilda Maciel de Abreu Vicente em companhia de seu filho Aníbal Maciel de Abreu e Silva.

ENTREVISTADA: Zilda Maciel de Abreu Vicente - Filha de Amélia Antunes Maciel (Dona Sinhá), Neta de Amélia Hartley de Brito Antunes Maciel, a Baronesa de Três Serros.

ENTREVISTADO: Aníbal Maciel de Abreu e Silva, Filho de Zilda Maciel de Abreu Vicente.

IDADE: 102 anos

LOCAL: Rio de Janeiro, casa da entrevistada.

DATA: 16 de junho de 2001

ENTREVISTADOR: Professor e historiador Fábio Vergara Cerqueira.

TIPO DE GRAVAÇÃO: Duas fitas Magnéticas de micro cassete.

TEMPO DE DURAÇÃO:

Entrevista realizada com Zilda na presença de seu filho Aníbal Maciel de Abreu e Silva, e com algumas interferências do mesmo.

Transcrição realizada por Jezuina Kohls Schwanz em dezembro de 2009.

Transcrição feita na íntegra.

Observações: Apesar da idade avançada da depoente no momento da entrevista, possuía voz firme e clara, articulando bem as palavras e respondendo com clareza a maioria das perguntas. Quanto ao tempo de gravação da fita, oito anos, no momento da transcrição a fita permanecia em bom estado facilitando assim a transcrição.

FÁBIO: Seus dados pessoais.

ANÍBAL: Eu sou Aníbal Maciel de Abreu e Silva, neto da Amélia Hartley Antunes Maciel, aliás, o nome completo dela deve ser Amélia Aníbal Hartley Antunes Maciel. A minha avó era casada com Lourival Antunes Maciel. Eles são de gerações diversas, o Lourival é de geração mais antiga que a minha avó, a aproximação de 12 anos de idade permitiu o

casamento. A minha mãe é Zilda Antunes Maciel, minha avó pelo que eu saiba teve 12 filhos, os quais quedaram-se seis.

O Rubens Antunes Maciel, falecido, casado com a tia Turquesa que era uruguaia, e teve justamente os filhos: Leopoldo Antunes Maciel; Perla, casada com Arnaldo Leal Medeiros, que por sua vez tiveram mais duas gerações de filhos e netos; depois tem a Margot, que é Margot Antunes Maciel, mas que casou-se com Fernando Avelino, e passou a assinar o nome de Avelino, com mais três filhos também; e o Osvaldo Antunes Maciel, que esse volta e meia vai lá a Pelotas, na chácara, esse é o que vai mais seguido.

Depois é a minha mãe, que é Zilda Maciel de Abreu e Silva, que se casou com meu pai. Meu pai era médico, foi professor da faculdade de medicina aqui no Rio de Janeiro, mas casou-se lá em Pelotas.

FÁBIO: Ele é de origem pelotense também?

ANÍBAL: Ele é de Porto Alegre. É filho do João Vespúcio de Abreu e Silva, que foi senador, engenheiro civil e militar, chegou à patente de marechal. Mas ele foi inclusive deputado, líder da bancada gaúcha, e senador pelo Rio Grande do Sul.

FÁBIO: Em que época?

ANÍBAL: Isso foi em 1900... A última década dele foi antes da revolução de 30, em 1929. Com a revolução de trinta ele caiu, caiu junto com Washington Luís. Aí ficou no Uruguai por algum tempo. Esse era o meu avô, pai do Carlos Florêncio de Abreu e Silva, que era o marido da minha mãe, professor da faculdade de medicina. E de filhos só eu. Por minha vez eu tive sete filhos, tenho sete filhos.

Continuando os filhos da minha avó, Amélia Aníbal Hartley Antunes Maciel, tem o Lourival Antunes Maciel Filho, que era casado com Zilda Sampaio, que era lá de Pelotas, com vários filhos também, quatro filhos: Marta, Sônia, Ronaldo e Marlene.

E continuando com os filhos da minha avó, dos seis que se criaram, além do Rubens e do Lourival, teve a minha mãe, que foi a segunda, a Zilda, teve o Deomar Antunes Maciel, que teve também filhos, casado com a Estela, o sobrenome é que eu não me lembro da Estela. Já falecidos todos eles. Depois eles se separaram, se afastaram. A Estela era de Pelotas também. Tiveram vários filhos. Tiveram o Gilberto, Gilberto Aníbal, Lourival Neto e o Deomar Filho. Ainda tiveram mais uma filha também. As famílias

crescem muito e neste tamanho de cidade aqui do Rio a gente perde os contatos. É, de filhos do Deomar só esses e são os últimos nomes.

Eu tenho sete filhos, que é justamente a Tânia, praticamente não fiquei com os nomes de família, é Tânia de Abreu e Silva, Lígia Maria, que hoje em dia é casada, João Vespuício, que é Neto, Aníbal Osvaldo, Carlos Florêncio, Tatiana de Abreu e Silva e o Marcelo de Abreu e Silva. Desses todos casados tem... A Tânia é solteira, a Liginha Maria é casada, o João é casado, o Aníbal Osvaldo é solteiro, inclusive o apelido dele é ... (não identificável), o Carlos Florêncio é casado, mora em Teresópolis e já tem filhos também, a Tatiana é casada e divorciada e o Marcelo, que é o mais novo e está noivo de uma advogada, ele também é advogado. Esses são os correspondentes diretos, a descendência direta, mais ou menos.

FÁBIO: Voltando aos tempos da sua mãe, ela e os irmãos foram criados ainda na chácara?

ANÍBAL: Foram criados na chácara.

FÁBIO: Vocês identificam a casa de lá como chácara.

ANÍBAL: Exatamente.

FÁBIO: Na época a cidade chegava ali?

ANÍBAL: Chegava ao Areal, aos limites do Areal. E eles passavam o verão, de outubro a abril, lá no sul, isso desde a época da Baronesa, e de abril até outubro, aqui no Rio.

FÁBIO: Para fugir do inverno?

ANÍBAL: Exatamente.

FÁBIO: Isso permaneceu até quando?

ANÍBAL: Isso permaneceu por toda a vida da minha avó, que morreu aos 97 anos.

FÁBIO: Então os seis filhos vinham no inverno e ficavam lá no verão?

Aníbal: Exatamente.

FÁBIO: E o senhor ainda pegou um pouco dessa tradição?

Aníbal: Eu peguei, na minha infância, até a idade de 13 anos, as minhas férias na chácara.

FÁBIO: Isso era na casa antiga ou na nova? Porque tem aquela casa mais nova na frente.

ANÍBAL: A casa mais nova foi feita pra o tio Deomar, filho da minha avó, irmão da minha mãe. E aquela casa foi feita só para ele e, da família mesmo, só quem morou lá foi ele.

FÁBIO: O senhor tem idéia de quando ela foi construída?

ANÍBAL: Eu não posso lhe precisar, mas foi construída na época do nascimento do Gilberto, com três anos do nascimento do Gilberto, um ano antes por aí. O Gilberto é três anos mais moço que eu, portanto, 72 anos atrás, nós estamos em 2001.

FÁBIO: 1928?

ANÍBAL: bem antes de 28, seria em 1924 mais ou menos. Depois aquilo esteve alugado, esteve arrendado, mas não foi mais usado por ninguém da família, que eu saiba.

FÁBIO: e a sua mãe conta lembranças da Baronesa?

ANÍBAL: a sim conta, conta. Se quiser tentar falar com ela.

Fábio: será que ela se dispõe?

ANÍBAL: ela se dispõe.

FÁBIO: vamos falar um pouco mais sobre as suas recordações e depois conversamos com sua mãe. Então, as suas recordações de infância...

ANÍBAL: de infância até treze anos. Então, nós passávamos as férias escolares lá em Pelotas. Nós chegávamos lá e sempre a minha avó arranjava um cavalo para cada um de nós. A primeira vez que eu montei, eu tinha cinco anos, então quando eu cheguei lá aos cinco anos, levado pela minha mãe... Porque houve certo período que a minha mãe não ia quase a chácara porque meu pai, como médico começando a vida, uma luta, não tinha essa possibilidade, então houve um interregno que eles quase não foram. Mas aos meus cinco anos eu me lembro quando eu fui a primeira vez e que a minha avó já me esperou com um *petiço*, a primeira vez que eu comecei a brincar de cavalo, primeiro carregado, mas depois eu me liberei e andava a cavalo sozinho direitinho num petiço

pequenininho, eu tinha cinco anos, isso também é coisa que eu não esqueço. Depois houve certo período que eu não fui, num período até nove anos, sete, oito anos. Não fui porque era pequeno, ainda dava trabalho para a minha avó e iam outros netos. Até que eu voltei a ir, todos os anos, até os treze anos.

FÁBIO: O senhor se lembra do uso das peças, como eram os quartos, as salas?

ANÍBAL: Eu tenho uma ideia muito vaga. Realmente eu não me lembro da distribuição. Tenho ideia, por exemplo, de uma sala do jantar que era uma mesa enorme, se eu não me engano quarenta lugares, era na frente justamente, que não era usada diariamente, mas que na época da Baronesa era, era o local do jantar. Sempre tinha mais um filho que chegava, os amigos... Porque foram todos criados lá, inclusive Osvaldo Aranha, não é.

FÁBIO: Qual era a relação de Osvaldo Aranha?

ANÍBAL: A D. Luizinha Aranha era muito amiga da minha avó.

FÁBIO: São de Alegrete, não é?

ANÍBAL: São. Ela era muito amiga da minha avó, e o meu tio Rubens foi assim criado com Osvaldo Aranha, veio na revolução de 30 com Osvaldo Aranha...

FÁBIO: No governo do Getúlio tinha um ministro da justiça que era Antunes Maciel...

ANÍBAL: Antunes Maciel, era o Tutu, é Artur Antunes Maciel.

FÁBIO: Qual era a relação?

ANÍBAL: Primo irmão... Ele era filho do irmão do meu avô. Depois se estabilizou em São Paulo.

FÁBIO: Veio em trinta, também?

ANÍBAL: É, veio em trinta. Ele se estabilizou em São Paulo, lá ele foi presidente da Caixa Econômica, teve cargos de governo bons.

FÁBIO: Talvez esteja aí a relação de amizade com o meu avô, porque ele é da mesma época, e era amigo também do Osvaldo Aranha, mas ele ficou lá, ele não veio, ele veio depois como deputado em 46.

ANÍBAL: Em 46 o meu avô se reelegeu de novo, o João Vespúcio.

FÁBIO: Nós estamos interessados em restaurar aquela casa de banho, o que o senhor tem de recordações dali?

ANÍBAL: Ali é muito interessante, eu não tenho recordações, assim, de banhos que eu tenha tomado lá. Aquela casa de banho, eu sempre ouvi falar, que a minha mãe solteira... Quase que foi feito pra ela.

FÁBIO: Para o verão?

ANÍBAL: É, exatamente. E aquilo mandava encher, preparar o banho, isso ela pode inclusive contar, isso ela se lembra. Mas ela chegava e mandava preparar o banho para ela e ela tomava o banho lá, diariamente, o banho morno, que enchiam aquilo lá com balde de água quente. E me lembro que tinha uma parte de baixo, onde tinha um depósito de água e tinha época que nós brincávamos muito ali, para ouvir o eco, então, gritávamos ali para ouvir a ressonância do eco. É o pouco que me lembro dali.

FÁBIO: E na sua infância diziam onde se localizava a senzala da época dos escravos?

ANÍBAL: Não, não tinha...

FÁBIO: Não tinha mais o prédio?

ANÍBAL: Não, o prédio tinha. Mas, porque aí foi muito interessante, que meu avô libertou os escravos antes da lei Áurea, e daí aquele título de Barão, conferido pelo Imperador. Agora, aconteceu que, como não podia deixar de ser, os escravos saíram e não tinham para onde ir, ficavam assim... Ficaram lá, trabalhando para ele e aí recebendo como assalariados, os primeiros ordenados da vida deles... Mas morando lá e viveram lá. E a minha mãe é quem conheceu escravos.

FÁBIO: Descendentes deles?

ANÍBAL: Não, escravos mesmo. Porque era 1800...

FÁBIO: Que não eram mais, mas que tinham sido escravos?

ANÍBAL: É... Exatamente. Ela é de 1899. Ela pegou duas passagens de século. Atravessou o século de 1900 e começou agora o de 2000.

FÁBIO: E outra coisa que estávamos interessados em fazer lá é alguma escavação arqueológica para descobrir coisas do passado. Para isso é importante saber se o senhor tem idéia de onde colocavam o lixo.

ANÍBAL: Não, não tenho a menor ideia.

FÁBIO: Porque antigamente, normalmente, tinha um lugar onde se jogava fora a louça quebrada...

ANÍBAL: Existia... Atrás da chácara o que se chamava potreiro e aquilo depois foi transformado num bairro, hoje é um bairro.

FÁBIO: Ah sim, chama até Chácara da Baronesa o bairro...

ANÍBAL I: É, pois é. Ali era o potreiro. No potreiro ficavam os cavalos soltos, tinha um riacho no meio, e eu não sei se jogavam o lixo ali. Eu sei que o potreiro era um campo, e lá nesse campo é que nós brincávamos... Nesses últimos anos, depois que passou para a municipalidade, é que fizeram um bairro.

FÁBIO: E ali bem na frente, próximo da casa mais nova, tem uma fonte de pedra...

Aníbal: Ah tem, aquilo era uma beleza. Aquilo era uma fonte, que era pra atrair justamente passarinhos. Como tinha também uma gruta de quartzo, que era interessantíssimo, lá mais na frente da chácara, nos jardins, que era uma beleza. Hoje em dia roubaram quase todas as pedras. Inclusive o túmulo da minha avó baronesa ainda era dessas pedras de quartzo, aqui no cemitério também roubaram quase tudo.

FÁBIO: E esses jardins que tem hoje, já eram da época?

Aníbal: Já, todos eles.

FÁBIO: Vinham do tempo da Baronesa?

Aníbal: Vinham do tempo da Baronesa.

INICIO ENTREVISTA COM DONA ZILDA

FÁBIO: Vamos conversar com ela?

ANÍBAL: Vamos. Fala de coisas que tu possas te lembrar de lá...

ZILDA: Ele faz as perguntas e eu respondo, porque eu me lembro de tudo!

FÁBIO: O que a senhora se lembra da Baronesa, coisas de lá...?

ZILDA: A minha vó, Baronesa de Três Cerros, ela ficou viúva relativamente cedo, mas teve... Ela morreu depois de velha já, sabe? Muito idosa, mas com a cabeça boa. Raciocinava bem e ela fazia sucesso, porque era muito bonita. E velha, muito em velha aquele cabelo comprido, cabelo lindo, que ela mesma penteava e depois fazia um coque, ela mesma.

FÁBIO: A senhora conheceu ela, a Baronesa?

ZILDA: Ah, eu conheci mocinha, eu tinha dezoito, vinte anos, mais ou menos, quando ela faleceu. Eu já era uma mocinha, mas não tinha me casado ainda, não. Eu ainda estava solteira nessa ocasião. Eu casei de 23 para 24 anos. É 24 anos. Mas aí nessa ocasião mais ou menos ela faleceu, a vovó. Mas teve a cabeça boa até morrer.

FÁBIO: Até morrer...

ZILDA: Até morrer. Sempre cabeça de tudo e determinando tudo. Uma cabeça que ela tinha, o cabelo comprido, mas ela mesma tinha o pente dela e ela se penteava e tomava o banho dela e tudo mais. Tinha uma governante, não é, e a governante fazia as coisas. E ela convencia de que estava sozinha, não precisava mais de ninguém. E realmente ela conversava, recebia as visitas. Eu me sentava lá na sala e a vovó atendia a tudo e a todos, era uma coisa extraordinária a cabeça dela. E morreu assim, era extraordinário.

Isso é a casa que meu avô construiu, era uma casa antiga, ele construiu o que pode. E nós vivíamos lá, a Baronesa de Três Cerros a minha avó, morava lá.

FÁBIO: E ele já comprou a casa pronta?

ZILDA: Não, não. A casa que tinha era em cacarecos. Ele comprou o terreno, um terreno muito grande...

FÁBIO: Ah, ele comprou o terreno...

ZILDA: Então tinha uma gruta de pedras de cristal... Eu até tenho uma pedra ali...

ANIBAL: Aqueles livros ali foram comprados pelo pai da minha bisavó, que era um inglês... Hartley, banqueiro, um dos fundadores do Banco de Londres.

FÁBIO: Banqueiro né?!

ZILDA: É banqueiro e estancieiro, ele tinha muito gado. É coisa de gado e tudo mais. Ele vivia no meio dos tropeiros. Uma pessoa muita fina, muito educada e muito inteligente. Ele se adaptava ao ambiente, abrilhantava o ambiente em que ele estava.

FÁBIO: Sim, ele era inglês né?

ANÍBAL: Ele era Inglês!

FÁBIO: Pai da Baronesa?

ZILDA: É, é. Pai da Baronesa.

FÁBIO: E ele casou com...

ZILDA: Ele se casou muito moço, ele se casou com vinte poucos anos...

FÁBIO: Com uma brasileira ou com uma inglesa?

ZILDA: Não com uma de origem inglesa...

FÁBIO: Então a Baronesa falava inglês...

ANÍBAL: (interferência) A Baronesa casou-se com Aníbal Hartley Antunes Maciel. Ela era filha de ingleses...

ZILDA: Eles eram muito ricos e tinham fazendas, fazendas de gado. Moravam naquela chácara que está ali.

FÁBIO: Que é hoje o museu.

ZILDA: Sim. Hoje é o museu. É justamente isso...

Que tem até muita coisa lá. Até ali a estrada... O automóvel vinha lá da rua, tinha uma ponte que já era particular, porque tinha um riacho no meio da rua, não é? O vovô mandou fazer uma ponte bonita, e para quem vinha da estrada da cidade, entrava na ponte e já era nós, bem no portão, o portão era daquelas grades antigas muito bonitas.

FÁBIO: É o mesmo portão que está lá hoje?

ZILDA: Agora não sei, pois faz muitos anos que eu não vou lá. O quarto de dormir é o mesmo, algumas peças...

FÁBIO: O quarto de dormir que tem lá é o que era da Baronesa?

ZILDA: Ah sim, da vovó.

FÁBIO: E a Baronesa é nascida no Brasil?

ZILDA: No Brasil, no Rio de Janeiro. Eram muito ricos e não gostavam do frio, passavam os invernos aqui no Rio, em torno de três meses, por aí, depois voltavam para lá.

FÁBIO: E como ela, do Rio, conheceu o Aníbal Antunes Maciel, de Pelotas?

ZILDA: Pois eu mal sei, quando eles se conheceram a cidade era pequena.

FÁBIO: O Rio era pequeno?

ZILDA: A cidade. Todos eles eram muito mocinhos. Então ela casou com dezoito anos, por aí.

FÁBIO: Casou aqui no Rio ou lá em Pelotas?

ZILDA: Casou lá em Pelotas. E viveu lá sempre com meu avô, teve os filhos todos lá. Os meus tios todos nasceram em Pelotas. O mais velho que era o meu pai, eu já fiz mais de cem anos, imagine a idade dele. Mas ele já nasceu em Pelotas.

FÁBIO: E a senhora nasceu lá?

ZILDA: Eu nasci lá em Pelotas, lá na casa. E tenho amor lá. Nasci e lá me casei.

FÁBIO: Lá foi o casamento.

ZILDA: A festa de casamento foi na chácara. Um grande jantar para a família toda e para os convidados, uma coisa depois...

FÁBIO: Em que ano foi o seu casamento?

ANIBAL: Em 1923. Quatorze de abril de 1923.

ZILDA: Isso eu não sei. De datas eu não sei. Agora eu já perdi a noção do tempo, eu tenho cento e tantos anos, já perdi a noção do tempo e não vou a lugar nenhum, e não enxergo. Você, tu, no Rio Grande é tu, mas, enfim.. Numa cerimônia maior, você... De maneira que você poderia ser meu neto, e meu bisneto. Eu já passei dos cem, eu já estou com cento e um, não é?

ANIBAL: Cento e dois e vai fazer cento e três.

ZILDA: Vou fazer cento e três, é uma coisa louca.

FÁBIO: E é uma senhora muito forte.

ZILDA: É. Mas eu não tenho governante, eu determino a casa, e meu filho o Aníbal que é um exemplo de filho de maravilha de tudo mais.

ANIBAL: Eu vim morar aqui com ela em função da idade.

ZILDA: Hoje é domingo não é!?

FÁBIO: Hoje é sábado.

ZILDA: É ele que no domingo faz o meu café, da maneira que eu gosto. O café com leite, o pão com manteiga. Eu cuido da casa e do dinheiro.

Sou a dona da casa. Eu sou a dona da casa. As empregadas me respeitam muito, me tratam com carinho tudo. Tem duas, uma que vem todos os dias e outra que vem fazer as faxinas das pesadas, limpeza geral. E tem a cozinheira que é muito boazinha, muito minha amiga, está há muitos anos comigo. Eu sou uma patroa exigente exageradamente. Eu gosto de tudo muito limpo.

ANIBAL: À noite tem uma acompanhante.

ZILDA: Meu filho faz tudo, tudo para mim, é uma dedicação enorme. Minha casa eu tenho todo o conforto, eu comprei o terreno, eu construí. De maneira que está tudo como eu quero... Eu tenho o meu quarto, tem a parte de lá do lado direito que eu construí para o meu filho, tem um apartamento completo. E eu fiquei com o lado esquerdo, porque aqui tem a sala grande para receber as visitas.

FÁBIO: E a senhora se lembra, voltando para os tempos da Baronesa, dos almoços, como eram?

ZILDA: Tudo, tudo. Eu era mocinha já, quando a vovó faleceu, eu já estava casada há muito tempo, já tinha os netos, ela conheceu os netos, os meus filhos, os bisnetos, não é?

ANÍBAL: Quando a Baronesa faleceu, tu eras solteira.

ZILDA: Hein ? Eu não era casada?

ANIBAL: Não.

ZILDA: Disso eu não me lembrava.

ANIBAL: Tu tinhas dezoito, dezenove anos, como tu mesma disseste.

ZILDA: Eu fiz sucesso muito grande na sociedade, aquela coisa toda...

FÁBIO: a senhora foi duquesa do carnaval do Diamantinos, não é. Conta essa história para nós?

ANIBAL: É ta ali a foto.

ZILDA: Fui.

FÁBIO: Conta essa história pra nós.

ANIBAL: Olha o retrato dela ali.

ZILDA: Eu fui convidada para ser a rainha, porque eu era muito querida, o pessoal me adorava e eu adorava Pelotas. Eu era uma pessoa que tinha, modéstia à parte, um prestígio enorme, porque todas as camadas sociais, desde o presidente até os mendigos que vinham lá em casa, todo mundo eu recebia com muito carinho. De maneira que Lá também havia a vila, porque eu era uma pessoa que agradava todo mundo, eu tinha prazer de viver, então eu não tinha classe, os empregados me adoravam, todo mundo me adorava e eu também queria muito bem a todos.

FÁBIO: Isso vinha da sua avó, não é? Que era muito generosa com os escravos?

ZILDA: A minha avó era muito generosa, a minha avó era uma pessoa perfeita. Ela faleceu ainda tomando conta da casa, tomando conta de tudo. Uma pessoa muito inteligente.

FÁBIO: A senhora conheceu descendentes de escravos?

ZILDA: Eu conheci o Conrado. O Conrado era escravo, tinha a mulher do Conrado, tinham filhos também, todos escravos, não é. De maneira que eu conheci, tinha uma cozinheira também, muito antiga, agora me falta o nome, no momento. Mas ela fazia tudo, depois ela determinava e ficava na cozinha, até morrer, morreu como cozinheira lá numa dedicação enorme.

FÁBIO: O seu avô ficou famoso por ter libertado os escravos...

ZILDA: Libertado os escravos. É.

FÁBIO: O que eles contavam sobre isso?

ZILDA: Contavam coisas interessantes, porque ele morreu e tinha muitos escravos. Ele era adorado por todos, não é. Faziam as festas e tudo mais, eles participavam cada um do lugar, bastando eles vinham e então todos lhe queriam bem. Quando chegava o Natal ele dava algum presente para cada um e dinheiro, não é? ele dava bem uns cinco contos pra cada um, uma coisa assim, ele dava boas quantias. Ele dava as casas todas da vizinhança, fez um bairro, tudo quase foi feito por ele e ele dava, ele fez de presente para os escravos.

FÁBIO: Tinha casas que ele deu para os escravos ali perto?

ZILDA: É, três casas pequenas.

FÁBIO: Casas pequenas?

ZILDA: Casas pequenas, de quarto e sala.

ANIBAL: Aqui está onde fala da rainha centenária.

FÁBIO: Esse jornalzinho é do Clube Diamantinos.

ANIBAL: É de abril de 1999.

FÁBIO: É, eu vou tentar conseguir uma cópia. E a senhora se lembra do carnaval, como era em Pelotas nessa época?

ZILDA: Claro, pois eu fui rainha. Eu fui rainha uma vez, com o clube e depois toda a vida. O meu pai tinha automóvel já naquela ocasião, o meu pai tinha os cavalos de raça, os dois muito bonitos, brancos, eram brancos, de pelo branco, eram a Ceci e a Morena, era o nome dos cavalos, eram éguas, não é? E só tinha um carro, o cocheiro era com farda com botões de prata, eu ainda tenho aí os botões de prata. Ele colocou as iniciais nos botões, Barão de Três Serros, não é? Eles tinham libré, eles usavam librés, quer dizer, aqueles uniformes ricos com os botões de ouro, botões de ouro mesmo, com as iniciais T e S, de Três Serros.

FÁBIO: Isso durante?

ZILDA: Quando eu me casei ainda era assim.

FÁBIO: Ainda usavam?

ZILDA: É, quando o Aníbal nasceu ainda foi nesse ambiente. Depois, com o tempo, ela foi ficando velhinha e tudo isso, tudo mudou.

FÁBIO: E como era o carnaval, desfilavam na rua ou dentro do clube?

ZILDA: Não, era na rua, com coche, com tudo. Tinha a rua quinze que era a rua principal da cidade, mas era uma cidade adiantada, já tinha muitas ruas lá, com o calçamento moderno, não é? de...

ANIBAL: De paralelepípedo, não é?

ZILDA: Já era uma cidade moderna, tinha automóvel e tinha carro. As pessoas muito antigas, como nós, tinham as duas coisas, o carro com cavalos, que eram duas éguas que chamavam Morena e Ceci, eram lindas, muito grandes, muito bonitas, iguaiszinhas as duas, elas eram do carro, e o cocheiro era de libré, com os botões que eu ainda tenho aí, podes mostrar para ele, de ouro, com o Três Serros, TS, e com a coroinha de barão, Barão de Três Serros. Eu acho que ainda tem.

Isso aqui tem que ter muito cuidado, essas coisas antigas e ricas assim não têm mais, não que eu esteja reclamando. Eu fico orgulhosa. Eu sempre soube fazer tudo, cozinar, fazia coisas muito gostosas, mas agora eu tenho a cozinheira.

ANIBAL: Aqui estão os botões do libré.

FÁBIO: Ah, que lindo, esses botões....

ZILDA: São de ouro.

FÁBIO: Paris....

ZILDA: Não, Barão de Três Serros.

FÁBIO: Paris, aí tem o T e o S e com a coroa em cima, Barão de Três Serros.

ZILDA: Paris onde foram mandados fazer especial.

FÁBIO: Foram feitos em especial, em Paris, para a roupa do Barão?

ANIBAL: Para os empregados do Barão.

ZILDA: Eram os empregados da minha casa, não é.

FÁBIO: Na época da Baronesa tinham muitos empregados, não é?

ZILDA: Muitos, eles tinham, indo no fundo da casa, do lado, a casa toda era grande, não é, e tinha uma gruta muito bonita, a gruta não sei se tem ainda, as pedras da gruta, que eram cristais embutidos.

FÁBIO: Quartzo não é? É essa gruta que tem hoje ainda lá?

ZILDA: É. Imagine.

FÁBIO: Ela tinha cristais e quartzo embutidos?

ZILDA: Embutidos.

FÁBIO: Que lindo. Hoje não tem mais.

ZILDA: Não tem, não?

FÁBIO: Não.

ZILDA: Imagine. E o que é mais... Aí deve ter alguma página da gruta.

ANIBAL: Tem ali no livro.

ZILDA: Mostra para ele. Comigo eu tenho que contar, mas para justificar o que euuento, que não é fantasia, que é o real.

FÁBIO: Sim, a gente acredita. A senhora sabe que a sua família é muito amada em Pelotas, a Baronesa, as pessoas tem muito carinho por ela...

ZILDA: Eu sei, porque ela era muito boa e a minha mãe também era muito boa. A vovó era um encanto, de carinhosa e fina e educada, ela era filha de ingleses, ela era inglesa, de origem inglesa. Agora, ela era muito fina, então ela tinha as amizades dela em todas as camadas.

FÁBIO: Em todas as camadas da sociedade?

ZILDA: Desde barão, baronesa. Baronesa de Três Serros, Baronesa do Arroio Grande, Baronesa de São Luís. São todos da...(família?). Era a tia Flora, a ordem era a tia Flora, a tia Candoca, até os nomes ainda são antigos.

FÁBIO: “*Pedras superpostas, semipreciosas, postas seguramente pelos seus escravos.*” A gruta está lá ainda, mas as pedras semipreciosas não têm mais.

ZILDA: Não tem nenhuma lá?

FÁBIO: Não, tem só a gruta.

ANIBAL: Nem no cemitério tem mais. (TALVEZ FAZENDO REFERÊNCIA AO JAZIGO DA FAMILIA no Rio de Janeiro)

ZILDA: Imagina, eu tenho uma pena.

ANIBAL: Aqui o chafariz.

ZILDA: Era defronte da casa.

FÁBIO: Mas esse não tem mais. Esse eu não lembro.

ZILDA: Cheia de pedras de cristal, todas embutidas. Essas coisas a vovó mandou fazer, a vovó era muito inteligente, ela mandou fazer esse chafariz defronte da casa. Tinha um parque, era um parque ali, enorme. Tinha a parte do parque, a parte do jardim, o jardim era... Não sei quantos metros quadrados, era uma coisa louca, não sei quantos canteiros tinha, tinha três jardineiros, tinha o chefe e os outros. Então tinha flores em quantidade, sempre se cuidou na época, sempre tinha flores, muita rosa, muito cravo, muita, muita violeta, violeta branca, violeta bem roxinha, tinha de tudo.

FÁBIO: Isso era o jardim?

ZILDA: Isso era só no parque, e tinha o jardim.

ANIBAL: Chamavam essa parte de parque.

ZILDA: O parque era onde ficava a gruta, ficava uma casa, que tinha banheiro, embaixo eram os carros.

FÁBIO: E essa ponte foi feita para as crianças?

ZILDA: Não, a minha avó que mandou fazer.

ANIBAL: A casa é essa aqui. (Fotos)

FÁBIO: Que era para um tio, irmão da...

ANIBAL: Para o Deomar.

FÁBIO: Que morou nessa casa?

ZILDA: Morou, morou aí muito tempo, até morrer, ele morreu muito moço. Já estava casado, tinha filhos e tudo, mas morreu moço.

FÁBIO: A senhora se lembra, nós pretendemos restaurar a casa, a senhora se lembra da cor da casa?

ZILDA: Por fora era bege, clarinho, bege clarinho. Mais tarde sempre manipulando com azul pálido, bem pálido. Tinha uma porção de pedras, aquelas pedras da gruta, aquelas pedras de cristal, pedaços embutidos, muito bonitos, a gruta era feita toda ela assim, com esses pedaços de cristal, mandado vir de Quaraí, a cidade de Quaraí. Vinham de carroça, imagina uma viagem de carroça, foram trazidas as pedras todas, para fazer a gruta e a gruta era toda de cristal, de pedras de cristal, toda rebuscada.

E tinha perto da gruta, tinha a casa do caseiro, que era uma casinha pequenininha, mas tinha tudo, tinha o banheiro, tinha a sala, tinha tudo e embaixo era a garagem, onde guardava o... Garagem mais ou menos porque tinha uma cocheira, a cocheira, onde tinha os carros, depois os automóveis, mais tarde, não é? Mudou os carros pelos automóveis, mas no princípio eram carros, e até o carro era dirigido pelo cocheiro todo de traje, libré, e aí esses botões eram detalhes, alguns deles eram do

cocheiro, mas eles vinham com todos os botões que vinham de Paris, Barão de Três Serros.

FÁBIO: Essa casa do caseiro se localizava perto?

ZILDA: Perto daquela gruta, a gruta, foi feita justamente, entrava por um lado saía pelo outro, era uma verdadeira gruta.

FÁBIO: E atrás da casa, D. Zilda, tem uma casa de banho...

ZILDA: Tem, eu tomava banho lá.

FÁBIO: Foi feita para senhora?

ZILDA: Eu usei muito, praticamente eu é que usei muito, não foi feita pra mim, mas eu era menina, mocinha, eu me dava ao luxo de tomar... Não tinha comunicação, não é? Então os empregados levavam baldes de água quente da cozinha para lá e eu me dava ao luxo de tomar banho de chuva quente, toda vida. Os empregados levavam os baldes quentes e botavam no depósito, subiam a escadinha, tinha uma escadinha junto da banheira, não é? Mas eu não tomava de banheira eu tomava de chuva, e chuva quente.

ANIBAL: Eu me lembro bem.

FÁBIO: Como chuva?

ANIBAL: Tinha um chuveirão grande, que era ligado em uma...

ZILDA: Tudo com escada era um peso para carregar...

ANIBAL: Como se fosse um tanque, e eles enchiam o tanque.

FÁBIO: Que ficava em cima?

ANIBAL: É, em cima.

ZILDA: Separado completamente da casa, caminhando um pedaço enorme.

FÁBIO: E era uma chuva quente que caía? Ai que coisa boa.

ZILDA: Uma chuva quente.

ANIBAL: Baldes e baldes de água.

ZILDA: Eles enchiam de maneira que, todos os dias, era o meu banho. Eu dizia: "está na hora do banho", já estava lá a água quente, cheio, para eu tomar. Eu puxava uma cordinha, puxava e soltava.

FÁBIO: E a gruta ficava ali perto?

ZILDA: O terreno era enorme.

ANIBAL: Não, a gruta não. A gruta ficava na frente da chácara.

FÁBIO: Mas aquela que tem um castelinho em cima, é outra?

ZILDA: O castelinho era a casa dos empregados. Aquela casa foi feita pros empregados em cima e embaixo o carro, a cocheira. E em cima eles tinham tudo, inclusive banheiros e tudo mais pra eles, tanto que todos eles adoravam lá a chácara, e eu era muito querida, eu tinha muito festejo. Eu era mocinha, tratava todo mundo igual, eu nunca tive, graças a Deus, eu nunca tive altivez de coisa nenhuma, e sempre fui desprendida, de maneira que eu era muito querida de todos.

FÁBIO: Hoje tem uma pintura na parte de fora da casa, onde tem aquela entrada, já era daquela época?

ZILDA: Tudo, tudo, era tal e qual. Esse quadro aí, esse é tal e qual. A varanda, a casa era muito grande, eu não sei quantos... O quarto da mamãe tinha quatro janelas, duas janelas, na sala de visita eram duas, quatro, meu quarto duas janelas, seis, e dos meninos e tudo mais, imagine o comprimento, não é. E tudo era feito... A minha mobília estava lá, não sei se venderam, agora não sei...

FÁBIO: Não, os móveis ficaram lá, os que estão na casa.

ZILDA: Ficaram?

FÁBIO: Ficaram.

ZILDA: Então o meu quarto está lá ainda, porque tinha a sala de visitas, tem o quarto da mamãe, que tinha duas janelas, que eram... Como se diz? Tinha o quarto de vestir e o quarto de dormir, o quarto da mamãe tinha duas janelas, três, quatro janelas, não, três janelas, eram uma e duas janelas enormes.

FÁBIO: Era embaixo o quarto?

ZILDA: Embaixo, tudo era embaixo.

FÁBIO: O quarto da Baronesa, onde era?

ZILDA: O quarto de dormir da vovó era embaixo, quando entrava na casa à direita.

FÁBIO: O primeiro quarto?

ZILDA: O primeiro quarto era da vovó. Depois foi feita a sala, depois que a vovó faleceu, mas enquanto ela existiu era o quarto dela.

FÁBIO: Entrava na casa, a primeira porta à direita era o quarto dela?

ZILDA: Era o quarto dela. E junto do quarto tinha três janelas, quatro janelas, que era do quarto da mamãe, duas do toilette e duas do coisa. Entrava-se na sala de visitas... Tocava a campainha, abria, entrava e o quarto à direita já era a sala, tinha uma primeira sala, a sala de honra, a primeira. Os grandes banquetes e tudo mais eram dados nessa sala.

FÁBIO: Na primeira sala à direita? Não era no centro da casa?

ZILDA: Não, não era no centro da casa. O centro a pessoa entrava, tinha um corredor pequeno e tinha do lado direito, tinha a sala. E depois da primeira sala tinham os quartos, não é, o quarto da mamãe, então tinha um depois do outro, com as janelas.

FÁBIO: A senhora se lembra da ordem dos quartos?

ZILDA: Eu me lembro perfeitamente bem, tinha a sala de visitas, que só nos grandes dias, a vovó recebia na sala, que era defronte ao corredor, tinha a sala era a sala de estar, que chamavam... Ali a vovó recebia as visitas todas e tudo mais. E a sala grande e à direita era o quarto da vovó, o quarto da Baronesa, depois vinha o quarto da mamãe, que era dividido em quarto e o *toilette*, duas peças muito grandes, o *toilette* era uma peça enorme, tinha até uma coisa, agora acho que não tem mais, tinha uma cadeira para conversa, era um móvel que mexia as cadeiras, para um lado e pro outro, era um móvel com uma mesinha.

FÁBIO: Tem lá sim. Verde clarinho?

ZILDA: É.

FÁBIO: Tem lá.

ZILDA: Tem? Pois era uma cadeira para um lado e divide para o outro.

FÁBIO: De quem era esse móvel?

ZILDA: Era do quarto da mamãe.

FÁBIO: Ele é meio comprido, tipo uma namoradeira, assim...

ZILDA: Isso, namoradeira. Você mexe para um lado e para o outro, mas não sai do lugar, é um móvel só.

FÁBIO: Era da sua mãe?

ZILDA: Era da minha mamãe. Esse foi do papai, ele mandou fazer. Ele esteve na Europa, ele veio e essas idéias vieram de lá. Eram duas cadeiras, que se mexiam, mas com a mesa fixa. Está lá, ainda?

FÁBIO: Está lá.

ZILDA: Era no *toilette* dela, defronte dessa mesa, a mesa ficava no meio e tinha o lavatório, com aqueles aparelhos todos de prata, aquela coisa toda e tudo mais. E quando entrava uma visita entrava justamente por lá, se fosse no quarto. Mas diariamente a gente... A primeira porta era para o *toilette* era para lá, a primeira porta do corredor. O corredor... quando chegava à esquerda já tinha a primeira sala, não é? E à direita a outra, o quarto da vovó e a sala, por um lado e pelo outro.

FÁBIO: Quando a gente entra tem uma sala à esquerda, grande...

ZILDA: Pois é, essa sala grande já é sala de jantares.

FÁBIO: Ali ficava a mesa grande?

ZILDA: A mesa grande, só nos dias grandes. Diariamente tinha a sala de almoço, onde a vovó ficava sempre na cadeira de balanço.

FÁBIO: Onde ficava?

ZILDA: À esquerda. Essa dava justamente pra uma porta que dava para o quarto e outra porta dava para aquela varanda. Aquela varanda que justamente tinha os canteirozinhos.

FÁBIO: É nessa varanda que tem uma pintura grande na parede, não é?

ZILDA: É.

FÁBIO: E essa pintura já tinha naquela época?

ZILDA: Tinha, mas eu não me lembro do que era, mas tinha já. Tudo aquilo já tinha naquela época.

FÁBIO: Nós gostaríamos de restaurar a pintura, mas não temos informações sobre ela.

ZILDA : Eu também não tenho. Porque eu me casei muito mocinha e só gostava de passear, jantar, saborear a vida, muita ansiedade, estava sempre no convite e tudo.

FÁBIO: E depois tem uma outra peça passando a varanda, uma peça grande...

ZILDA: Aquela peça enorme... Aquela era a grande sala de jantar.

FÁBIO: Ali era a grande sala de jantar, com a mesa de quarenta lugares.

ZILDA: E o espelho de lá está aqui, ali na sala. Aquele espelho é o mesmo, que era da vovó, da sala de jantar. Eu quis trazer para cá depois que ela faleceu, meus dois avós, e eu herdei esse espelho da chácara diretamente. Quer dizer que veio em viagem toda especial, veio acolchoado pra não quebrar nenhuma peça. Eu empreguei uma companhia, aquela do... Naquela ocasião foi perfeito, não quebrou nenhuma mãozinha da escultura, uma maravilha.

FÁBIO: Que bom. E a cozinha ficava onde?

ZILDA: A cozinha, quando se entrava, era por fora. Porque a casa era muito grande, não é?

ANIBAL: Era por trás da casa.

ZILDA: E tinha o calçadão, que eram os degraus do chão, que a vó, o papai e a mamãe é que... Os exercícios dele de noite é isso... Porque a casa era muito grande, era enorme. Tinha a sala de visitas, depois tinham os quartos todos, o quarto da mamãe do

lado, tinha quatro janelas, duas do *toilette* e duas do quarto, eram quatro janelas, depois era o meu quarto com duas janelas e depois tinha o quarto dos meninos e tudo mais, tinha mais duas ou três janelas. E os banheiros ficavam no fim do corredor, tinha dois banheiros enormes e tudo mais, que justamente botavam banho quente para mim, com balde, os empregados trepavam e enchiam o chuveiro e eu tomava o meu banho, todos os dias, eles já sabiam, quando eu me acordava já tinha água quente, eu tomava banho quente, de chuva quente.

FÁBIO: Então a cozinha não se comunicava por dentro, só por fora?

ZILDA: Não, pelo corredor.

FÁBIO: Ah, por dentro, pelo corredor. No fim do corredor?

ZILDA: É, no fim do corredor. Aquela última porta, à esquerda, quem entra na casa.

FÁBIO: ah, é como tem hoje, como se fosse a cozinha. E o que tinha no piso de cima?

ZILDA: subia o primeiro lance de escada e tinha justamente ali uma saleta, uma saleta grande que a vovó botava as costureiras lá e tudo mais e tudo, era um andar. E depois subia o outro, que ali era da vovó, todos os dias ela fazia a mesma coisa, ela acordava, tomava um cafezinho pequeno preto, pequenininho e saía do quarto e ela subia e então ela tomava todas as refeições, menos o almoço e o jantar, não é. Mas durante o dia a vovó ficava lá em cima.

FÁBIO: O que ela fazia lá em cima?

ZILDA: Ah, ela tinha um verdadeiro ateliê de costureiras, umas três, ou quatro ou cinco, conforme tinha lá umas vizinhas, não é? Cosiam tudo, ela fazia tudo para nós. Mandava fazer tricô... Ou encomendavam.

Final da primeira fita.

Início da segunda fita.

FÁBIO: Tinha alguma biblioteca na casa?

ZILDA: A biblioteca era enorme. A vovó tinha em cima, era o quarto que eu digo, fazia uma parte da casa enorme, subia a escadinha e aí andava alguns degraus, então tinha a

biblioteca da vovó, que vovó era muito inteligente, eles tinham uma verdadeira biblioteca lá em cima, sim, de parede inteira, parede inteira de livros.

FÁBIO: O que aconteceu com a biblioteca?

ZILDA: Pois eu não sei, eu perdi de vista, eu nem sei se foi vendida para governo, eu não sei de mais nada. Mas era da vovó e do vovô.

FÁBIO: Que tipo de livros eles tinham lá?

ZILDA: O vovô tinha de tudo porque ele era muito culto, não é? E lia muito bem francês, porque esteve muito tempo na Europa, de maneira que eles liam francês muito bem e tal, a vovó também, eles eram muito cultos. A biblioteca deles tinha um armário, quando subia a escada...

ANIBAL: A Baronesa era espírita.

FÁBIO: Era espírita?

ANIBAL: Era Alan Cardec.

ZILDA: É, muito esquisito.

FÁBIO: Era cardecista?

ZILDA: Cardecista.

FÁBIO: O que a senhora se lembra sobre isso?

ZILDA: Porque o vovô não... Porque papai não era.

FÁBIO: O seu pai era católico?

ZILDA: Era católico.

FÁBIO: Mas a sua avó era espírita?

ZILDA: A Baronesa... Não foi nunca de muito padre, de coisa nenhuma, era muito discreta. Ela tinha a religião dela, e não tinha a obrigação de missa nem nada, ela fazia quando queria, espontaneamente. Mas tinha muitos padres, eram todos amigos da vovó e da mamãe, eram de todas as religiões.

FÁBIO: Mas era ela espírita?

ZILDA: Mas de coração era ela espírita cardecista. E a mamãe no íntimo também era.

FÁBIO: Mas faziam reuniões lá na casa?

ZILDA: Não, não faziam nada disso de religião. Era uma coisa que cada um respeitava, o coração e o espírito é que manda, então nunca tiveram nenhuma religião, nem também dedicaram a vida assim a alguma. Tantos padres, não é? Tanto que os padres do colégio iam lá, onde os meninos, os meus netos... O Gonzaga, era o nome do colégio.

FÁBIO: tem.

ZILDA: Tem? Ah, então você já viu. Era na entrada da cidade, quando começava a cidade pela estrada era à direita. Ainda, não sei se está lá.

FÁBIO: O colégio Gonzaga hoje fica na frente da Catedral.

ZILDA: Mas naquela época já era. Então conservaram. Não mudou tanto assim, tinha a Rua Quinze, que desce, que sai dali, aquela é a Gonçalves Chaves, ou a Gonçalves Chaves, que desce para cidade, não é? Tinha a rua Félix da Cunha, tinha a rua General Osório, e tinha depois a outra rua, depois da General Osório era uma outra que subia à direta, não me lembro o nome agora.

O senhor está mal acomodado?

FÁBIO: Não. A senhora não se preocupe. Eu estou bem acomodado, estou adorando estar aqui com a senhora.

ZILDA: O senhor é muito amável.

FÁBIO: Eu sou de Porto Alegre, mas trabalho há dez anos em Pelotas. Meus avós tanto maternos quanto paternos são jaguarenses. E tinha uma bisavó pelotense, de sobrenome Silveira.

ZILDA: A então tem muito conhecimento de Pelotas. Silveira é uma família muito antiga.

FÁBIO: E o seu avô foi um homem de muita projeção em Pelotas, né?

ZILDA: Ah tinha. Nem era só o meu avô, a minha avó também, porque era muito inteligente, ela lia muito.

FÁBIO: Ela era, pra época, uma mulher mais moderna?

ZILDA: Muito, muito. E recebia todo mundo, vinha o pobre, ela dava esmola, sempre, nunca saíam de mãos vazias, dava sempre alimento quando precisavam. E segundo a ordem social, não é? mas ela subia e cumprimentava todos, avó Baronesa, como eles diziam. Eles iam lá e a vovó dava sempre um dinheirinho que fosse, porque a dispensa era enorme, no corredor, a primeira porta, quando entrava na casa pelo portão principal, era à esquerda. A dispensa tinha uma mesa grande e todos os mantimentos eram feitos tipo um armazém, colocavam na parede, aqueles como têm os armazéns hoje, feijão, arroz, tudo tinha em quantidade e ali que a outra tem filho e já vem e despeja o feijão, o arroz. E então fazia o seguinte ela, confiava pela medida, como hoje fazem nas casas, não é? Cada um que chegava, os pobres e tudo mais, ela dava. Deve ter ainda a ... Na dispensa, porque era embutido, de maneira que tinham aquelas tábuas grandes, das casas de comércio, não é? E enchia de arroz, de feijão, essas coisas de mercado e tudo mais.

FÁBIO: Na chácara tinha assim como uma estância, tinha criação de animais? Onde eles criavam, era longe?

ZILDA: Era no potreiro, como nós chamávamos. Era aquela parte depois da cocheira.

ANÍBAL: Onde é o bairro hoje, do lado da chácara. Mas era parte integral da chácara.

ZILDA: Depois da cocheira, a cocheira devia ser depois da varanda, depois da varanda tinha a garagem, onde tinha os carros, os automóveis, depois tinha a casa dos caseiros.

ANÍBAL: O potreiro era paralelo aos eucaliptos, pelo outro lado.

ZILDA: o outro lado era o dos quartos e tudo mais, não é? Do outro lado, além da garagem, além da garagem tem a casa dos caseiros, com tudo, tinha dois quartinhos.

ANÍBAL: a estrada das tropas eu não sei se existe hoje ainda.

FÁBIO: Não, não. Onde ficava?

ANÍBAL: Ficava justamente atrás do potreiro. Era o outro lado, que atravessava, paralela a..., era atrás.

FÁBIO: deve ter sido coberto por esse bairro novo.

ANIBAL: Pois é, exatamente.

ZILDA: A chácara ficava isolada, o quarto de empregada, aquela coisa toda, eram duas casinhas.

FÁBIO: onde ficavam essas casinhas?

ZILDA: Justamente a varanda, a varanda tem ainda, não é? Depois da varanda tinha a garagem, pelo lado de fora, junto à garagem, toda aquela parte era dos empregados.

FÁBIO: Passando onde era essa sala da jantar grande?

ZILDA: É, passando a sala de jantar grande.

ANIBAL: Mas atrás.

FÁBIO: Separado da casa?

ZILDA: Separado. Tinha tudo para os empregados, tinha a casinha deles, um quarto, dois...

FÁBIO: Era perto da casa, não era longe?

ZILDA: Não, era a continuação da calçada.

ANIBAL: Esse é o Aníbal Osvaldo, esse é o professor de história de Pelotas.
(apresentando)

ZILDA: É meu neto.

(Trecho inaudível)

ZILDA: Esses aí adoravam a chácara, todos eles.

FÁBIO: Todos eles conheceram?

ZILDA: Enquanto a minha mamãe existiu, enquanto ela existiu que ela morreu muito velhinha já, ela morreu há pouco tempo, há uns dois anos ou três. Eles todos iam para a

chácara, com a mamãe, que a mamãe tinha paciência e enchia de dengo, esse aí é bisneto, não é? E enchia a casa.

FÁBIO: Eu não entendi bem ainda as casinhas desses empregados. Elas eram separadas ou na continuação?

ANIBAL: Não eram separadas, não.

ZILDA: A casa deles era separado.

ANIBAL: Fazia a volta por trás, mas eram anexas.

FÁBIO: Já entendi, naquela parte de lá da casa. E essa parte foi feita posteriormente, ou já existia?

ANÍBAL: Já existia.

FÁBIO: E essas estátuas que tem em cima da casa?

ANÍBAL: Isso era uma beleza, isso era de louça portuguesa, eu acho que foram quase todas roubadas, ou até retiradas. Eram do tamanho nosso, normal.

FÁBIO: Eram do tamanho normal, de louça portuguesa.

ZILDA: Era tudo da chácara, a vovó era muito artista.

ANÍBAL: Mas foram sendo roubadas.

ZILDA: Quando quebrava qualquer coisa ela mandava fazer de cimento, uma bola de cimento, ou qualquer coisa pra colar, e colava os pedaços todos, ela colava.

FÁBIO: A casa foi dada em 81, não foi?

ANIBAL: Acho que 82.

FÁBIO: 82. E antes disso ela passou um período abandonada?

ANIBAL: Ah, 82 agora? É, antes disso ela ficou entregue a alguém, aos caseiros, um pessoal.

ZILDA: Eu não sei por que não foram mais lá.

ANIBAL: Parentes de uma tal de D. Eulália. Desapareceram muitos objetos, muita coisa e inclusive da parte externa da casa.

ZILDA: Roubaram muito.

FÁBIO: Roubaram muita coisa?

ANIBAL: Roubaram muita coisa.

FÁBIO: Quem foi o último da família a morar na casa?

ANIBAL: As últimas pessoas foram a vovó e a mamãe.

ZILDA: Quando eu me casei e saí de lá, já começou a ficar abandonada, porque os meninos iam lá e tudo, aqueles criados antigos, sempre tinha um ainda, o resto deles, não é? Faziam ou ele comiam fora e tudo mais, e foi deixando e deixando, eu mesma depois acabei deixando, pois eu estou conversado com você, mas eu não vejo, eu não enxergo, de maneira que aí ficou muito abandonada.

FÁBIO: Foi bom ser doada ao município.

ZILDA: Ah, pois aí é que é, foi doada, não é? Aquilo foi doação da família à cidade de Pelotas. Tinha um cartão lá, um cartão na porta. O meu irmão mais velho, Rubens Antunes Maciel, tinha um cartão deles na porta, porque as noras fizeram a doação oficialmente, com festa e tudo, para a intendência de Pelotas, não é? A chácara. Ficaram com posse da ... e ele é que fez o discurso da doação, então tinha uma placa lá.

FÁBIO: E aquela parte no meio da casa, o que funcionava ali?

ANIBAL : Ali era um ... Que coletava água da chuva

ZILDA: Água da chuva. Então as telhas eram especiais para jogar a água direitinho e tratada, eram lavadas e tratadas com muito cuidado. E a água toda era jogada toda no olho do algibe, o algibe era a parte da varanda que... Eu queria ter o algibe até hoje como coisa antiga, ali era o depósito d'água. Tirava-se com correntes, com roldanas, se puxava os baldes com as mãos, saíam uns, ficavam outros, eram dois, assim os empregados juntavam a água.

FÁBIO: Então isso aproveitava a á agua da chuva mesmo.

ZILDA: E justamente as telhas eram todas, todas se convergiam para o açude, então nós chamávamos o algibe, e dali saía água pra beber e tudo mais, tinha tampa, quando chovia abria bem e tudo mais, tinha tampa e tapava direitinho, de metal, não é? A tampa, de maneira que fechava de um lado e do outro, aparafusava e ficava fechadinha. Dali que se bebia água, o algibe.

FÁBIO: E em muitas paredes tem um azulejo, que deve ser português, aquilo é original da casa? Tem assim, é uma figura masculina e feminina assim, sempre alternado, é um homem e uma mulher alternado, pequenino assim.

ZILDA: Eu não me lembro. Ah, como uma barra? Uma barra de azulejo.

FÁBIO: É original da casa?

ZILDA: É original da casa.

FÁBIO: É português, ou a senhora não sabe?

ZILDA: Português. Meu avô, tudo, tudo dele era de fora, ele encomendou tudo, até as telhas. Saíam sempre... Estava sempre muito limpo o telhado por isso, por que do telhado corria, a água corria, havia aquela varanda, era o algibe, de onde se tirava a água de baldes, com uma corrente grossa, especial naturalmente, não é? Puxava um enquanto o outro estava dentro d'água, e dali botava os baldes de cozinha, de todo o serviço da casa e tudo mais. Até que depois o vovô mandou fazer as... O vovô não, a vovó já, não é, porque daí já foi o papai que fez a coisa, os encanamentos de tudo, tudo, tudo, depois de limpas as telhas iam para o algibe. Chovia e era: olha está chovendo muito, aproveita, aproveita e tudo mais. A tampa ficava sempre fechada.

FÁBIO: Fora isso tinha algum poço perto?

ZILDA: Eu não lembro de poço de água assim não.

FÁBIO: Era só a água do algibe mesmo?

ZILDA: Era a água do algibe.

FÁBIO: E aí tinha no meio do pátio embaixo uma cisterna?

ZILDA: Tanto que quando chovia se tinha muito cuidado em fechar ou abrir o depósito, porque corria a água das telhas, as telhas eram feitas especiais. Deixavam até, a

primeira água corria, limpava as telhas bem, não é, e depois iam pro algibe e dali se tirava com os baldes, dois baldes.

FÁBIO: E aí tinha os empregados que cuidavam disso.

ZILDA: Ah, cuidavam, tiravam assim, com correntes, eram dois baldes, enquanto um estava lá embaixo o outro já estava com água, não é. Isso era direitinho.

FÁBIO: E a casa foi presenteada pelo seu bisavô ao casamento dos seus avós, não foi?

ZILDA: Foi.

FÁBIO: 1863, se não me engano. E ele comprou o terreno ou comprou a casa pronta?

ZILDA: O terreno, fez tudo, desde o tijolo. O vovô e a vovó fizeram tudo, tudo, tudo. A divisão da casa, tudo, tudo, foi feita pelos meus avôs. Eles compraram o terreno, ainda tinha uma casa pequenininha, aí eles construíram a casa grande, foram morar lá e lá morreram.

FÁBIO: E o pai dela era inglês e tinha o banco aqui no Rio. Porque foi parar em Pelotas?

ZILDA: Porque abriram uma filial lá.

FÁBIO: E aí ele ficou morando em Pelotas?

ZILDA: Ficou morando em Pelotas.

FÁBIO: E ela se adaptou a Pelotas, tendo morado na Rio?

ZILDA: Adorava Pelotas. Eles adoravam, porque o povo todo ia à chácara, o povo de Pelotas se habituou a ser a chácara o ambiente deles.

FÁBIO: Eles freqüentavam a chácara?

ZILDA: Bom, certa camada social frequentava. Os pobres chegavam lá e nunca deixavam de dar comida, davam um prato de comida, sempre, sempre, nunca foram à chácara sem levar para o lar o almoço ou o jantar, dependendo da hora. Sempre, sempre, nem a vovó sabia nem coisa nenhuma.

(PARQUE COMO UM LOCAL PARA TODOS)

FÁBIO: E o título de Barão de Três Serros foi em homenagem por ele ter libertado os escravos, o seu avô?

ZILDA: Ah, sim. Quem deu o título a ele foi o Imperador, o Imperador é que deu, Pedro II, não é? Deu a eles o título, porque eles eram muito... Tratavam muito bem dos pobres, os pobres chegavam lá, era um montão de gente para cuidar e já tinha... Ninguém saía de lá sem estar de estômago cheio.

ANIBAL: Agora a história aqui é interessante, porque não fala no nosso antecedente, o. Fala do filho, Aníbal Antunes Maciel, “através de documentos soube que seu lar foi adquirido pelo coronel”, que era o Barão, não é? “Aníbal Antunes Maciel, em 10 de junho de 1863”.

FÁBIO: Esse é o pai do Barão, é que o nome é o mesmo.

ANIBAL: É o pai do Barão?

FÁBIO: É o pai do Barão que dava o presente para o filho dele.

ANIBAL: Em 1863, “por dois contos de réis, que o doou como presente de núpcias ao seu filho Aníbal Antunes Maciel e esposa, D. Amélia Hartley Brito Antunes Maciel, futuros Barões de Três Cerros”. Esses foram os pais do Barão, mas não fala no inglês aqui. (QUE DOCUMENTO É ESSE?)

FÁBIO: O inglês que era o pai dela, não é?

ANIBAL: É.

FÁBIO: era Banco de Londres, não era?

ZILDA: É, o Banco de Londres.

ANÍBAL: aí “estabeleceram seu domicílio gerando quatorze filhos”, o prédio, vê só o número... Estava vendo aqui o prédio, quantas janelas tinha. “Avenida São Francisco de Paula, antiga estrada das tropas”.

FÁBIO: A São Francisco de Paula tem, a rua São Francisco de Paula.

ANIBAL: “quando eram conduzidas as tropas de bois para o matadouro municipal” e “com terreno de terceiros, media 219m ao norte pela rua seis, na frente do portão, com a

avenida Domingos de Almeida, medindo 430m sul, e de baixo, com terrenos de quem de direito, medindo 252m de extensão pela rua dois, onde tinha antes sete hectares”, agora eu estava vendo aqui o número de janelas que tinha... “possui sessenta e uma janelas e nove portas pra rua, a casa” ... “a fachada ainda conservada ao estilo Grand Jean de Montini, arquiteto francês trazido da França, com outros artistas e cientistas, pelo Imperador Pedro II, possui 840m² de área construída, possui sessenta e uma janelas e nove portas para a rua, apresenta peças bem iluminadas, em número de vinte e quatro, algumas guardando ainda muito de sua decoração original e imobiliário quase todo no estilo de 1800”... “o Barão de Três Serros circundou sua morada com extenso parque, com canteiros de flores, o que nos leva a crer terem sido verdadeiros amantes da natureza, aos arredores do casarão pode-se ainda encontrar a gruta construída em pedras superpostas, semipreciosas” entre parênteses “(quartzos), seguramente feita pelos escravos, além da gruta existe ainda um pequeno e bonito castelo, que teria a única finalidade de acolher pássaros, que iriam dar vida e alegria ao Solar. Bem próximo à gruta foi construída, em época posterior ao Solar, uma casa em estilo mais atual, que serviu de moradia aos netos do Barão”, é do Deomar, é aquela casa do Deomar, “atrás do solar encontra-se ainda a casa de banho, que possui uma banheira toda forrada de azulejos e uma caixa d’água na parte superior, lugar onde a Baronesa banhava-se durante as suas temporadas de veraneio no parque. No Solar se hospedaram muitos ilustres de nossa história, entre os quais o marechal Deodoro da Fonseca, amigo pessoal do Barão, às vésperas de seguir para o Rio de Janeiro, onde proclamaria a República”.

(VER MAIS A RESPEITO DO ESTILO)

FÁBIO: Ele era republicano.

ANIBAL: Exatamente.

FÁBIO: Ah, o anel da Baronesa...

ZILDA: É, isso eu recebi, é démodé, numa ocasião quando eu sair eu vou colocar essas coisas.

FÁBIO: Esse é um retrato seu?

ZILDA: É meu, quando eu era... Justamente nessa época aqui de Pelotas, justamente naquela época, eu entrei mocinha, com os cabelos compridos, eu já estava com treze, quatorze anos, por aí, eu fazia sucesso.

ANIBAL: Aí já era um pouquinho mais velha, aí tu tinhias dezoito anos.

FÁBIO: Festa do carnaval.

ANÍBAL: É, dezoito anos.

FÁBIO: E essas outras fotos antigas aqui?

ZILDA: Essas fotos aqui eu ganhei do meu filho, com a turma dele quando ele se formou, aí tem a data, eu botei depois, quando ele se formou.

ANIBAL: As bodas de ouro da minha avó estão aqui.

FÁBIO: As bodas de ouro da sua avó, a mãe dela, a Amélia...

ANIBAL: A Amélia Hartley, quando fez bodas de ouro com o meu avô.

FÁBIO: É essa aqui. E esse aqui?

ANIBAL: E nesse aqui elas eram solteiras ainda. Foi um retrato de família tirado de solteiras, onde está o meu avô, minha avó e os seis filhos.

FÁBIO: Esse retrato é bem antigo, não é?

ANIBAL: É, esse retrato é bem antigo.

FÁBIO: Isso é lá na...

ANIBAL: Isso é lá na chácara.

FÁBIO: Essa entrada é na chácara mesmo.

ANIBAL: O Lourival Antunes Maciel, meu avô, a Amélia Hartley Antunes Maciel, a minha mãe Zilda, o filho Mozart, o filho Deomar, o filho Lourival, o filho Rubens e a filha Déa.

FÁBIO: Esse mobiliário está lá ainda. E esse aqui é o móvel que ela falou, não é?

ANIBAL: É.

FÁBIO: Esse móvel está lá.

ANIBAL: E esse porta-retrato é muito engraçado, porque foi o primeiro presente que eu ganhei quando eu era ainda estudante de medicina.

FÁBIO: E aqui ao fundo? Faz parte do móvel?

ANIBAL: Isso era uma cortina muito linda que tinha. Lá eu realmente não... Faz muitos anos, eu nessa época nem sonhava nascer.

FÁBIO: Então essa aqui é filha da Baronesa?

ANIBAL: É, exatamente.

FÁBIO: E esse retrato?

ANIBAL: Não, esse é da parte do meu pai.

FÁBIO: É outro ramo.

ANIBAL: É, da parte do meu pai. E ali é o do casamento da minha mãe com meu pai.

FÁBIO: Lá na chácara.

ANÍBAL: Lá em Pelotas, na chácara.

(TRECHO INAUDIVEL).

ZILDA: Por causa do frio, a vovó já era muito mais velha, já começou a vir para o Rio nos invernos, no mês de Abril eles fugiam de lá por causa do frio e só voltavam quando começava o verão, mais ou menos em outubro.

ANIBAL: Quantos são os habitantes de Pelotas hoje?

FÁBIO: Pelotas perdeu muita área por emancipações, mas a população de Pelotas está em torno de 330 mil, seria 370 mais ou menos se não tivesse perdido alguns municípios.

ANIBAL: Esses municípios foram para onde?

FÁBIO: Tem um que é Capão do Leão.

ZILDA: Capão do Leão naquela época era primeira lei.

FÁBIO: Primeira lei? Hoje é uma cidade separada.

ZILDA: Capão do Leão era cidade de verão. As famílias ricas saíam da cidade... (final do lado A da segunda fita)... Na época era elegante.

FÁBIO: Ainda tem algumas propriedades lá desse período, de algumas famílias.

ZILDA: Saíam da cidade e iam para o Capão do Leão, era verão, está veraneando. Era a cidade tipicamente do bom tempo, não era nem frio nem calor, era temperado.

FÁBIO: E os estudos como eram lá, a senhora estudou, a senhora teve uma professora particular em casa?

ZILDA: Não, eu morei lá como moça da casa, não fazia nada.

FÁBIO: Não fazia nada, as moças naquela época não...

ANIBAL: Ela estudava aqui no Rio no colégio Sion.

ZILDA: E eu quando me casei saí logo.

ANIBAL: O teu ginásio, o teu primário e o teu ginásio foram no colégio Sion aqui no Rio.

ZILDA: Agora enquanto eu fiquei em Pelotas, que eu passava o inverno aqui e os verões no Rio Grande e depois eu fiz a minha educação no colégio Sion, mas Eu não pude ser coroada, eu não sei se agora existe ou não, naquele tempo terminava o ginásio e era a coroação, tinha que fazer o curso todo, eu não pude fazer justamente porque os meus pais passavam os verões...

FÁBIO: Não dava para completar o ano. E os seus irmãos estudaram aqui no Rio?

ZILDA: Não. Estudaram no Gonzaga.

FÁBIO: E ficavam lá?

ZILDA: Não. Vinham... vinham. A família toda viajava, toda junta.

ANIBAL: A faculdade eles estudaram aqui no Rio já. Quase todos eles estudaram direito.

ZILDA: Depois a Academia já foi então aqui no Rio de Janeiro.

FÁBIO: E ninguém ficou lá?

ZILDA: Não, acho que não, não é?

ANIBAL: Não, ninguém.

ZILDA: Ninguém ficou, e a casa foi doada, foi doada pelo meu irmão Rubens Antunes Maciel, foi doada à cidade, antes era propriedade privada, não é? Doação...

FÁBIO: Pelotas era uma cidade muito rica naquela época, não é?

ZILDA: Tinha muitas famílias com muito dinheiro. E barões, Barão de Três Serros, Baronesa de Arroio Grande, Baronesa de São Luis.

FÁBIO: E da mesma família Antunes Maciel tinham outros importantes, não é? Eliseu Antunes Maciel...

ZILDA: Eliseu Antunes Maciel era irmão do meu pai.

ANIBAL: Foi o fundador da Escola de Agronomia.

FÁBIO: Fundador da Escola de Agronomia então, e se não me engano intendente também, era o prefeito.

ZILDA: Foi também prefeito, tinham cargos importantes todos, era uma família importantíssima, a família Antunes Maciel era uma das famílias de lá ricas.

FÁBIO: A senhora se lembra um pouco dessa parte de política?

ZILDA: Não. Eu era muito mocinha, sabe como é, eu não me ocupava disso, nem sabia, a gente fazia a parte social, então eu era chamada para tudo, era festa e isso e aquilo, cuidar de afilhados, que era uma barbaridade, eu ia, eu fazia questão, eu era muito popular, eu tive a popularidade e simpatia do povo.

FÁBIO: A senhora sente saudade?

ZILDA: Claro. Eu fui felicíssima no casamento, na morada do meu marido, desde mocinha, amor de criança, não é, e acabei me casando com ele, de maneira que tenho aquelas amizades todas que eram dele, da família dele. A minha vida foi sempre a apenas social, ler no máximo, depois quando eu vinha para o Rio sempre, eu... Antes por

um espetáculo, um espetáculo de encher a... Anunciado, sem anúncio, para todo o povo, eu era muito querida, porque sempre fui muito alegre. Engraçado, o meu casamento foi pra Pelotas um acontecimento maior, só a igreja quando viu... "a Zilda Maciel vai se casar", então aquilo, a cidade toda se mexeu, um espetáculo verdadeiro, não é? O meu casamento, e todos os carros e automóveis e tudo mais, filas verdadeiras, para dar vivas na igreja e tudo mais, foi muito bonito, e sobretudo do povo, porque justamente veio da camada elevada até o mendigo, todo mundo era recebido, todo mundo vinha.

(Trecho inaudível).

ZILDA: Modéstia a parte, eu não quero falar de mim, mas eu tenho que falar do passado, não é? Eu fui uma verdadeira rainha lá em Pelotas, todas as camadas, o meu casamento foi uma coisa, eu não me lembro, mas de me contarem, os meus vizinhos, todo mundo não parava de se mexer para o casamento da Zilda, da Zilda Maciel, eu era muito, muito popular, eu sempre fui muito do povo, nunca ninguém chegou na chácara que eu deixasse de falar, de abraçar, eu era muito espontânea.

FÁBIO: Isso a senhora aprendeu com a sua avó?

ZILDA: Não, a família.

FÁBIO: A família era assim?

ZILDA: Era assim mesmo. E eu era muito alegre, eu era uma pessoa muito alegre, eu conversava com todo mundo da mesma maneira, abraçava e beijava os meus empregados e tudo, eles adoravam, não é? Porque eu não fazia diferença do rico para o pobre, nem nada, eu tratava todo mundo muito bem, assim com intimidade, porque eu era muito afetiva, então eu iam me falar, beijar a mão, eu agarrava, beijava, abraçava, já ficava amiga, todas as camadas, eu era muito popular, muito popular mesmo. Não sei como se lembram de mim. O meu casamento foi uma coisa, eu nem podia ver como noiva.

FÁBIO: Pra não ficar nervosa...

ZILDA: Não, não é isso, Pelotas inteira se movimentar para o casamento da Zilda Maciel, ah...

FÁBIO: Foi na Catedral?

ZILDA: Foi na Catedral. Gente de fora, que veio de fora. O nosso automóvel, os meus pais tinham automóvel e carro.

FÁBIO: O carro era puxado, não é?

ZILDA: O Chico, Francisco Antunes Maciel tinha um automóvel do último tipo, era muito rico, esse automóvel ele fez questão para o meu casamento, então, em vez de ir de carro com os cavalos de raça, fui no automóvel dele, que ele estreou com meu casamento. Era muito rico, parece que era Volvo a marca do automóvel, eu não me lembro.

FÁBIO: Ali na praça, um daqueles casarões era de parentes, não é?

ZILDA: Tinha uma parte, quem vinha da chácara para a cidade chegava logo na praça, à direita três ou quatro casas da minha família, tudo Antunes Maciel. Depois defronte, eu estou falando a discrição do círculo, não é? Isso uma parte.

ANIBAL: O Carlos Maciel, qual era a...

ZILDA: Era na praça, justamente nessa parte dos Antunes Maciel.

ANIBAL: Mas quem era o pai do Carlos Maciel?

ZILDA: É o Oscar.

ANIBAL: Oscar Antunes Maciel?

ZILDA: É.

ANIBAL: O Carlos foi inclusive médico, meu colega, era mais velho que eu um ano ou dois.

ZILDA: O Carlos Maciel, não é? Ele, por sua vez, fez a educação dele, no colegial, no ginásio Gonzaga. E a casa dele era na praça, justamente era a Praça dos Maciel, porque tinha o Antônio, tinha o Oscar, tinha o... Eram quatro casas dos Maciel, eu já não me lembro agora. Ficava uma parte assim, só... Três, para fazer a quadra.

ANIBAL: Aquela tua tia, tu te lembras, que era muito zangada, que gostava muito de ti.

ZILDA: A tia Flora, a Baronesa do Arroio Grande.

FÁBIO: A Baronesa do Arroio Grande é na Félix da Cunha, um pouquinho pra dentro.
FAZERFOTO

ZILDA: é, na Félix da Cunha, na esquina, essa casa era lindíssima.

FÁBIO: Ainda tem essa casa ali, na esquina da Félix com a praça, não é?

ZILDA: É, uma beleza.

FÁBIO: Está ali a casa ainda.

ZILDA: Tinha uma escadaria muito bonita, de mármore e a porta de... Fechava e abria.

FÁBIO: Era Flora Antunes Maciel?

ZILDA: Ela era a Baronesa do Arroio Grande. Eu era mimosa dela que era uma coisa de louco. A tia Flora, ela me adorava, então eu ia lá e ela me dava presentes, jóias e tudo, aqueles brincos de ouro compridos que eu tenho ela que me deu, eu não uso mais essas coisas. Mas eu era muito mimosa da tia Flora, eu era guria, menina de quatorze, quinze anos, e eu ia muito lá, porque eu gostava, que ela era muito inteligente e gostava muito de mim, então nós conversávamos como duas pessoas grandes, ela era muito espírita.

FÁBIO: Ela também era espírita?

ZILDA: Era espírita, eu não era nada. Nós conversávamos sobre tudo, não é? Então ela gostava de conversar comigo. Eu ia lá visitar a tia Flora seguido, chegava à rua, eu estava de carro, tinha o chofer, depois começou o automóvel, e eu dizia "bom, vou lá pra tia Flora", então a gente chegava lá embaixo, abria a porta, mandava a gente subir, a gente subia, tinha a escadaria de mármore que subia, e era recebida no primeiro andar, aquela escadaria toda já era uma coisa íntima. A tia Flora estava sentada na cadeira de balanço e ela recebia todo mundo ali, ela já estava velhinha, mas tinha uma cabeça que conversava sobre tudo, até sobre companhias líricas de lá, aquela era a tia arte, a tia Flora era muito inteligente.

FÁBIO: A senhora chegou a ir, na época, no Sete de Abril ver companhias líricas?

ZILDA: Lógico, foi o que eu freqüentei, foi o Sete de Abril justamente.

FÁBIO: O que a senhora se lembra do Sete de Abril?

ZILDA: Ah, tudo, porque todas as festas, coroações e coisas importantes eram no Sete de Abril. Sempre iam companhias de teatro.

ANIBAL: Pelotas tinha muito dinheiro e conseguia contratar esse pessoal de...

ZILDA: Nós tínhamos o camarote da família, o camarote que nós íamos sempre era o camarote da família. (VER QUAL ERA)

FÁBIO: a senhora se lembra onde era esse camarote?

ZILDA: Bem, o camarote em si... Lembro-me que a gente entrava no corredor de todos os camarotes, que tinha um monte lá, as portas, entrava e tinha uma saleta, uma saletazinha, nessa saleta é que a gente botava os chapéus e as coisas, depois é que tinha o camarote, então tinha o camarote do papai, Lourival Antunes Maciel. Dependendo se nós fossemos freqüentar no dia ou não, ficava vazio, mas ninguém ficava lá, ficava lá quem era convidado do papai. Família importante.

FÁBIO: A senhora se lembra quais eram as outras famílias que tinham camarotes?

ZILDA: Ah, tinha a família Osório, a família Assumpção. Por causa de coisas de carnaval ficou sempre a família Costa.

FÁBIO: A família Costa ficou sempre pelo carnaval?

ZILDA: Pois é, do carnaval. E assim é, agora, os camarotes que eram das famílias, quando a família não estava, era fechado, era propriedade, era como se fosse um pedaço da casa.

ANIBAL: Era cativo.

ZILDA: Ou nós íamos, ou não ia ninguém, o camarote era reservado. Era no Teatro Sete de Abril.

FÁBIO: está funcionando ainda. É o teatro do Brasil mais antigo em funcionamento.

ZILDA: Ah é? Ah, que bonito, que beleza. Era uma coisa muito bonita, gente bonita. Vinham companhias ótimas, de músicos, teatro, era uma riqueza só.

(Trecho Inaudível).

FÁBIO: Sobre o Sete de Abril, a senhora se lembra de alguma coisa que assistiu lá?

ZILDA: Eu me lembro de uma companhia de opereta, que na ocasião fazia muito sucesso, vinda de São Paulo, e fez uma temporada lá em Pelotas, uma temporada mesmo, de teatro, de três ou quatro peças, no teatro Sete de Abril, gostei muito até, boas companhias e bons artistas, e cantores, eu não me lembro o nome agora, mas eram cantores, verdadeiros concertos de grandes cantores europeus.

FÁBIO: Europeus?

ZILDA: Europeus. Chegaram aqui, no Rio de Janeiro e depois foram a Pelotas.

FÁBIO: E de Pelotas deviam seguir para Montevidéu?

ZILDA: Pois é, seguiam pelo Brasil. Disso eu me lembro muito bem. E faziam por assinatura, de três ou quatro espetáculos, era a assinatura por temporada, tinha o camarote, e tudo quanto era peça de arte passava pelo Teatro Sete de Abril. E tinha lá o camarote dele, da família, ou nós íamos ou por qualquer motivo deixava de ir, ficava fechado, era nosso, era do meu pai.

FÁBIO: Lá na casa tem um piano. Aquele piano é original da casa?

ZILDA: O piano era “player”.

ANIBAL: Aquele player ficou contigo mamãe.

ZILDA: Pois é, eu ia dizer... Depois mudou, porque era player, um pequeno piano de cauda.

FÁBIO: O que tem lá não é de cauda, é de armário.

ZILDA: Pois é o que eu ia dizer, depois teve o de armário, que foi a última coisa da mamãe, o piano foi a última coisa.

FÁBIO: A senhora tocava?

ZILDA: Tocava ... Tocava muito direitinho.

ANIBAL: A minha avó tocava harpa.

FÁBIO: A sua avó tocava harpa? E essa harpa venderam ? O senhor não sabe?

ZILDA: Venderam.

ANIBAL: Eu não cheguei a conhecer.

ZILDA: Venderam, venderam para a instituição de caridade, mas eu não sei como foi. Eu não sei garantido se venderam a dinheiro ou se deram... Isso sumiu lá da chácara.

FÁBIO: A senhora se lembra dela tocar harpa? A sua mãe?

ZILDA: Lembro... A mamãe tocando harpa, tocava muito bem e nas coisas pequeninas eu ia ajudando no piano. Eu fui muito bem educada, eu tinha professor de piano, era o meu tio, professor do instituto aqui no Rio de Janeiro, eu não sei o nome dele, ele já estava velhinho.

FÁBIO: Antônio de Sá Carneiro?

ZILDA: Eu não me lembro.

FÁBIO: Milton de Lemos?

ZILDA: Eu não me lembro o nome. Ele tinha sido professor aqui no Rio de Janeiro e depois, velho, foi pra Pelotas. Era um grande pianista, ainda dava vários concertos, já estava meio... Tocava pouco, foi o meu professor de piano também, era um grande pianista.

FÁBIO: E a Baronesa tocava algum instrumento também?

ZILDA: A vovó tocava (belque?), mas tocava mais piano, a vovó tocava alguma coisa, não tocava muito não. A vovó era de literatura, gostava de ler, lia muito, lia dias inteiros, tinha até ajudantes para lerem para ela, literatura era com a vovó.

FÁBIO: Quem lia pra ela?

ZILDA: Eram as costureiras. Não, não eram as costureiras, eram moças que vinham e liam, depois vinha outra e lia, tinha sempre gente lendo pra vovó. Eram tomadas para ser a leitura da vovó. Ela tinha uma cadeira de vime de espaldar alto.

FÁBIO: Está lá essa cadeira, não está?

ZILDA: Eu não sei, deve estar. Era uma cadeira de vime de espaldar bem alto, assim como eu estou aqui. Tinha a escrivaninha da vovó, a escrivaninha era dela e ela sentava nessa cadeira, e ao lado tinha uma mesinha, junto com a escrivaninha de escrever tinha uma mesinha, e então ela o dia inteiro tinha quem lesse pra ela.

FÁBIO: Isso lá em cima?

ZILDA: Sim, no primeiro andar, e depois a escrivaninha no segundo andar. Porque na chácara, entra naquela escadaria e tem um andar pequeno e depois tem uma porta grande, tem duas peças, e dá logo no teto, no teto que guardavam as coisas... Era para conservar, não é? No teto e ali então tinha... Tinha um nome especial, agora me falta. Agora o piano ficava embaixo.

FÁBIO: E tinha saraus em que tocavam piano, ou festas?

ZILDA: Tinha as festas. Quando eu comecei a ficar mocinha, depois dos quinze anos, não é? Eu ainda era solteira, eu me casei com vinte quatro, e aí tinham festas, muitas festas, a mamãe era muito alegre, de maneira que a vovó desistia, minha vovó faleceu... Era muito alegre, muito inteligente, gostava de receber essas pessoas importantes, passavam por lá artistas, sempre faziam uma noite assim, quase especial, para nós.

FÁBIO: Os artistas que passavam por Pelotas faziam uma noite lá?

ZILDA: É, faziam uma noite, hoje é que eu digo, mas era engraçado, chegavam lá ... Baronesa. Sempre tinha um motivo para fazerem a dela. O Teatro Sete de Abril.

(Interrupção)

FABIO: Espera. Eu vou gravar isso porque os pelotenses vão gostar de ouvir o seu elogio a eles.

ZILDA: Eu recebia todo mundo da mesma maneira, sem fazer diferenças das posições, nem nada, sempre recebendo todos de coração, gente muito boa, em todas as camadas, porque os mais pobres ficavam na cozinha e tudo, mas participavam, é engraçado, eram carinhosos... “Olha hoje veio uma visita, assim”, “olha hoje veio...”, e depois ficavam espiando, olhando de longe, participando, eles participavam da vida da gente, era uma coisa, realmente era uma casa desordenada, um povo muito acolhedor.